

BENEDITO APARECIDO RODRIGUES LISBANO DE MORAES

Vamos “AO VIVO”!

Uma análise do improviso no discurso da reportagem
em tempo real na TV

Faculdade Cásper Líbero
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social

São Paulo, 2006

BENEDITO APARECIDO RODRIGUES LISBANO DE MORAES

Vamos “Ao Vivo”!

**Uma análise do improviso no discurso da reportagem
em tempo real na TV**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado
em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero,
como requisito para a obtenção do título de
Mestre, sob a orientação do Prof. Dr. Laan
Mendes de Barros.

**Faculdade Cásper Líbero
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social**

São Paulo, 2006

BENEDITO APARECIDO RODRIGUES LISBANO DE MORAES

Vamos “Ao Vivo”!

Uma análise do improvisado no discurso da reportagem
em tempo real na TV

Data do Exame: ____/____/____

Banca Examinadora

Dedicatória

A meus pais, Jarbas Lisbano de Moraes (in memorian) e Dirce Rodrigues de Moraes humildes e sempre dispostos a cuidar e zelar pelo bem estar dos filhos para que pudessem concluir seus estudos.

“Mãe, pai, obrigado. Mais uma etapa está sendo concluída.”

Agradecimentos

Ao professor doutor Laan Mendes de Barros pela iniciativa e disposição de me orientar, de me incentivar nos momentos em que a desistência, por muito pouco, se transformava em um obstáculo quase intransponível.

A todos que, de certa forma, puderam contribuir para a conclusão deste trabalho desde os entrevistados - companheiros de trabalho - aos amigos de curso que, apesar das dificuldades, persistiram e serviram de exemplo para que eu pudesse chegar ao final de mais esta etapa na minha vida.

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo do discurso improvisado do repórter diante da transmissão em tempo real na TV, suas variações e distanciamento do foco principal da notícia quando não há confirmação ou desconhecimento do agente transmissor da veracidade daquilo que é narrado. Um estudo de caso da cobertura telejornalística dos atentados ocorridos em 15 de maio de 2006, quando a cidade de São Paulo, quarta maior metrópole mundial, parou em decorrência de ataques e ameaças de uma facção criminosa a bases da Polícia Militar do Estado e da Guarda Civil do Município e a seus agentes. A mídia, em especial os repórteres de TV, rádio e Internet, disseminou notícias sem confirmação e gerou boatos de toda ordem, que culminaram no fechamento de estabelecimentos comerciais, fábricas, universidades e escolas públicas e particulares, bem como na diminuição do número de ônibus de transporte de passageiros, fato este que redundou no retorno antecipado dos trabalhadores a suas casas, a fim de se proteger dos supostos ataques. Apesar da tentativa de responder ao caos, organismos públicos e agentes da área de segurança só puderam desmentir tais anunciados depois do descontrole que se estabeleceu na cidade, numa demonstração de que a espetacularização da notícia gera audiência. A pesquisa em Mikail Bakhtin trouxe conceitos sobre a produção da linguagem e seus efeitos, em especial as interferências sociais sofridas pelo agente da comunicação, neste caso, o repórter. Com base na divulgação durante os *links*, verificou-se a mudança do discurso a partir da confirmação junto à fonte oficial sobre a real situação. Vale afirmar que a pesquisa comprovou a interferência do improvisado na qualidade da notícia, prejudicando o conteúdo e causando desvio de foco a partir dos interesses da empresa/veículo em torno da audiência.

PALAVRAS-CHAVE

Telejornalismo, espetacularização da notícia, discurso de improviso, cobertura em tempo real, “Ao Vivo”

ABSTRACT

This paper is a study of the improvised speech of the news reporter in real-time television broadcasting: its variations, its detachment from the main focus of the news when there is no confirmation or the transmitter is unsure of the truthfulness of what is being told. It is also a case study of the TV news coverage of the May 15th attempts in São Paulo, when the fourth biggest city in the world was seized by threats and attacks of a criminal organization against military and regular police stations and its agents. The media, notably TV, internet and radio reporters, spread unconfirmed news and generated rumours of all kinds which induced business establishments, factories and schools to close their doors sooner, caused public transport to dim during the day and urged people to return sooner to their homes to avoid the alleged attempts. In spite of the efforts to respond to the pandemonium, public institutions and security agents could do no more than deny the reports after the city had been struck with panic, in a clear demonstration that the glamorization of the news ups the viewing rates.

The research in Mikail Bakhtin provided concepts about the construction of language and its effects, especially the social interferences imposed on the bringer of the message – in this case, the news reporter. Based on the analysis of ‘links’ or live transmissions it was possible to verify the change in the discourse once an official source confirmed the actual facts. It is worth mentioning that the research confirmed the interference of improvisation on the quality of the news as a piece of information, damaging its content and causing a twist of focus towards the interests of the corporation before the viewing public.

KEY WORDS

TV news, news glamorization, improvised speech, real-time, live coverage

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I.....	24
1. Capítulo I – O “AO VIVO” NA HISTÓRIA DA TV.....	25
1.1 – Do invento ao meio de comunicação.....	26
1.2 – O “Ao Vivo” na TV.....	29
1.3 – O Brasil da TV “Ao Vivo”.....	31
CAPÍTULO II.....	34
2. Capítulo II – O TELEJORNALISMO NO BRASIL.....	35
2.1 – Os telejornais.....	35
2.2 – Os tipos de telejornais.....	38
2.3 – O noticiário como produto.....	42
CAPÍTULO III.....	51
3. Capítulo III – O “AO VIVO”.....	52
3.1 – Questões técnicas para o “Ao Vivo”.....	53
3.2 – Modalidades do “Ao Vivo”.....	56
CAPÍTULO IV.....	60
4. Capítulo IV – O FAZER “AO VIVO”.....	61
4.1 – Profissionais do “Ao Vivo”.....	61
4.2 – A reportagem televisiva dos bordões.....	69
4.3 – Os profissionais e seus discursos.....	72

CAPÍTULO V.....	75
5. Capítulo V – O “AO VIVO” QUE PAROU UMA CIDADE.....	76
5.1 – O relato improvisado.....	77
5.2 – A progressão da informação.....	80
5.3 – O uso dos bordões e improviso.....	84
5.4 – Tempo das narrativas.....	92
5.5 - Assumindo o discurso oficial.....	100
CAPÍTULO VI.....	106
6. Capítulo VI - SÍNTESE.....	107
6.1 Considerações Finais.....	107
6.2 Posfácio.....	116
ANEXOS.....	119
1. Anexos 1.....	120
1.1 Entrevistas.....	120
1.2 Transcrições.....	152
2. Anexos 2.....	165
2.1 Glossário.....	165
2.2 Conceitos.....	173
BIBLIOGRAFIA.....	175
1. Bibliografia Geral.....	175

INTRODUÇÃO

1. INTRODUÇÃO

A) Uma locução fria, em meio a uma rebelião de presos com tentativa de fuga e tiroteio. A rebelião ocorreu no dia 14 de fevereiro de 1981, no presídio de Jacareí, na região do Vale do Paraíba. Na ocasião, além da presença de repórteres das rádios transmitindo, via telefone, o que ocorria no interior do prédio, as emissoras de TV enviaram equipes ao local a fim de coletar imagens e informações. Uma delas, a da TV Globo, fez o que se chama em telejornalismo de *stand up*¹. O repórter Carlos Nascimento, o cinegrafista Reynaldo Cabrera e o assistente Carlos Alberto Bombonatte se colocaram, por cerca de 20 minutos, na linha de frente do tiroteio. Nascimento narrou os fatos que via e registrou o flagrante, com áudio e imagem, de pessoas correndo, se escondendo atrás dos carros nas calçadas e de um preso sendo morto por policiais. Começou a narração com o típico: “Momentos de grande tensão. A polícia se prepara para atirar”, o que foi uma introdução para contar os detalhes que o cinegrafista iria gravar na seqüência, quando um capitão levou um tiro na cabeça e morreu, enquanto três policiais, mais adiante, executavam um preso que, encostado na parede, se entregava com os braços erguidos. Sem o equipamento de transmissão “Ao Vivo”, por causa das dificuldades técnicas da época, Carlos Nascimento fez o que atualmente o jornalismo realiza com agilidade na cobertura dos fatos diários dos grandes centros urbanos. A tecnologia disponível permite às emissoras de TV realizar transmissões simultâneas de acontecimentos como o citado, justamente pela rapidez de se instalar os atuais equipamentos de geração de imagens e sons. Hoje, sendo

necessário ou não, as emissoras se utilizam dos *motolinks*, *bolsa links* e *helicóptero links*, que chegam rapidamente aos locais da notícia.

B) Um acidente de trânsito com um ônibus lotado de passageiros que despencou de um viaduto em pleno centro urbano de São Paulo. As vítimas, presas nas ferragens e ainda tentando escapar de um emaranhado de ferro retorcido sobre seus corpos, lutam para sobreviver. Bombeiros e outros motoristas tentam ajudar. Em meio a essa cena, um repórter faz uma locução emocionada e tenta contar, por palavras, as imagens que naquele momento ele podia ver. O jornalista, de posse de um telefone celular, entra “ao Vivo” na programação da madrugada da Rádio CBN e explica, ou resume, aos ouvintes o que aconteceu, quantas pessoas estavam no veículo que caiu de uma altura de dez metros, bateu em uma árvore e virou com o chassi e carroceria para cima, passageiros para baixo. A causa do acidente foi uma pedra, deixada por vândalos no meio da pista de uma das mais importantes avenidas da zona Leste de São Paulo, a Radial Leste, que fez o pneu frontal esquerdo estourar, o motorista perder o controle da direção e causar a morte de mais de 10 pessoas e ferimentos em outras 30. No horário, por volta das 04h15 da manhã, o ônibus estava lotado de pessoas que se deslocavam de casa para o trabalho.

C) O julgamento de uma representante da classe média alta paulistana que, por alguma razão, ajudou o ex-namorado e o ex-cunhado a matarem os pais dela, num crime que chocou o País, foi alvo dos boletins “Ao Vivo” das emissoras e tornou-se o foco principal dos telejornais. Levada ao Tribunal do

¹ *Stand up* é gravação, pelo repórter no local dos fatos, de boletim sem corte ou emenda para ser usado como

Júri, no Fórum Criminal de São Paulo, o júri de Suzane Von Richtofen e dos irmãos Cravinhos mereceu, no período de quase uma semana no mês de Julho de 2006, transmissão contínua e permanente dos veículos de comunicação. Repórteres e âncoras das principais emissoras mantiveram os telespectadores informados, por meio de trabalho jornalístico em tempo real, sobre o que estava sendo proposto pela acusação e defesa antes de o julgamento ter início. Durante os debates e até o juiz proferir a sentença os repórteres se esforçaram em relembrar os fatos que levaram os réus até o veredicto de 39 anos, em média, para cada um deles.

D) Ataques a prédios públicos, bases policiais, ônibus incendiados, ameaças de ataques aos trens, ao metrô, tiros e mortes na madrugada. Os relatos dos acontecimentos e a divulgação de ataques, que não se confirmaram, trouxeram pânico aos moradores da maior metrópole brasileira. Tudo comentado em transmissão “Ao Vivo” pelas emissoras de rádio e TV. No dia 15 de maio de 2006 São Paulo parou. Pessoas foram para casa mais cedo e deixaram seus postos de trabalho; escolas e universidades interromperam as aulas e dispensaram alunos; boatos ganharam vida nas transmissões em tempo real e o que não foi confirmado ou desmentido tornou-se notícia e causou medo entre os cidadãos. Os ataques feitos por supostos integrantes de uma facção criminosa foram objeto da pauta dos telejornais. As emissoras colocaram boletins informativos em toda a grade de programação para repercutir os acontecimentos.

se este fosse transmitido “ao Vivo”

O que esses episódios têm em comum? Além dos critérios jornalísticos, que transformaram fatos em notícia, a referência de similaridade está no discurso do repórter em tempo real. Em todos eles, os jornalistas transmitiram a informação “Ao Vivo” e exerceram o poder de comunicação a eles conferido na tentativa de traduzir, pelas próprias palavras, as cenas que observavam ou as informações que recebiam de terceiros. Essa possibilidade de usar a linguagem, o discurso, ocorre porque uma notícia deve ser conhecida e porque a sociedade necessita dessas informações para continuar seu desenvolvimento. Por essa razão, descrever o momento da transmissão “Ao Vivo” é de importância para aqueles que consideram a informação em tempo real uma forma de atualização e de conhecimento.

No campo do telejornalismo a utilização freqüente de reportagens transmitidas “Ao Vivo” tem dois motivos: primeiro, a informação ganha credibilidade, uma vez que o “Ao Vivo” pressupõe fato recente; e, segundo, a transmissão de fato recente denota imediatismo, ou seja, quanto mais próximo da realidade dinâmica, mais rápida a transmissão, maior a sensação de proximidade entre o meio que transmite e o receptor. Com base na necessidade da informação “Ao Vivo” e do imediatismo, o discurso na reportagem torna-se, em muitos casos, improvisado, ainda que presente e próximo a essa realidade. É nesse aspecto, do discurso improvisado, o fazer do profissional, que se propôs esse estudo.

A idéia de trabalhar essa temática tem relação com a atividade do pesquisador, a tal ponto de usar uma expressão que beira o marketing: “O

primeiro *link*² ninguém esquece.” Ele foi feito em uma rádio da Região Metropolitana de São Paulo, tanto que essa primeira entrada “Ao Vivo” na programação ficou marcada na memória. Naquela ocasião, então no início de carreira profissional, a preocupação era como se expressar e ser entendido. Dezoito anos depois a preocupação se acentuou devido à troca do radiojornalismo pelo telejornalismo. Mudou o veículo, mas a interrogação se manteve a ponto de propor um estudo em torno da informação “Ao Vivo”. Na televisão, ao contrário do rádio, o tempo para o chamado *link* é controlado, menor, mais curto. O repórter, desde o momento em que se prepara para entrar no telejornal, passa a ter várias atribuições: apurar a informação, preparar o texto para um tempo pré-determinado, se preocupar com a própria imagem, e garantir, pela sua *performance*, que a informação nos preciosos e rápidos segundos seja captada e, principalmente, entendida pelo receptor (telespectador).

A televisão representa um dos ícones da sociedade capitalista globalizada e neoliberal contemporânea, que tem como seus principais motores a produção, a circulação e o consumo de bens e serviços. Essa visão é reforçada pela ideologia que leva a crer que esse sistema, movido pela livre concorrência, oferece seus benefícios para todos, em todas as classes sociais. Como meio, a televisão atinge todas as camadas da população e estaria a serviço desta ideologia. Atualmente, temos uma população estimada em 180 milhões de brasileiros, dos quais 95% são atingidos pela televisão. Em qualquer lar, seja na cidade, na área rural, no sertão nordestino, na mata amazônica e até nas tribos indígenas, há um aparelho televisor, ou talvez um

² Ligação entre dois ou mais pontos para transmissão, “Ao Vivo”, de uma reportagem.

rádio, instrumentos da comunicação de massa. Por isso mesmo existem centenas de pensadores que detectaram e apontaram o veículo como sendo propulsor de ideologia, como os frankfurtianos.

No texto “*A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas*”, Theodor Adorno e Max Horkheimer elaboraram sua teoria crítica e colocaram no centro da questão o conceito de “*indústria cultural*”. Tal apontamento denunciava uma sociedade movida pelo consumismo, válida até hoje para traçar uma análise em torno da sociedade contemporânea. Para Adorno e Horkheimer a indústria cultural era exatamente o oposto: uma cultura adaptada aos produtos e determinada pelo consumo dos mesmos, num círculo vicioso. Uma exploração comercial e econômica de bens considerados culturais.

Tanto é assim que, por vezes, este pesquisador, quando ocupava o cargo de repórter da TV Bandeirantes de São Paulo, se viu na condição de repetir discursos espetaculares no sentido de manter a audiência da emissora em alta, uma das razões pelas quais se pode explicar a utilização de informações não confirmadas na transmissão em tempo real. Os repórteres recebem as informações apuradas da maneira como editores ou apresentadores ou diretores determinam. Pode-se citar, como exemplo, uma situação em que, do helicóptero, este pesquisador apurou a informação de que um assalto em andamento num shopping da zona Sul de São Paulo tratava-se, na verdade, de uma tentativa de roubo contra um carro forte estacionado diante do estabelecimento.

Os guardas patrimoniais da empresa transportadora de valores reagiram e houve troca de tiros entre eles e dois bandidos. No tiroteio, um assaltante foi ferido e outro fugiu. Os disparos foram ouvidos pelos consumidores e clientes do shopping. Alguns deles, mais próximos da entrada, correram e tentaram se esconder nas lojas e por isso dispararam o pânico entre os demais que estavam em áreas distantes do fato.

A notícia que chegou à redação dizia que um assalto estava ocorrendo no local e foi essa a notícia que o apresentador quis repercutir no ar. Ao mostrar a cena do carro blindado cercado pelas motos usadas pelos ladrões e da viatura do serviço de emergência socorrendo um dos bandidos, além de colocar a versão oficial dada pelo delegado Antônio de Olim, da Delegacia Anti-Sequestro, perdeu-se o interesse do fato. Mas, para manter a audiência, o âncora preferiu manter a versão de assalto ao shopping, colocando entrevistas de pessoas que estavam no local e que falavam da correria, do barulho dos tiros, até que depois de várias intervenções entrevistou-se, ao final, o mesmo delegado que inicialmente havia dado a informação verdadeira a este pesquisador no helicóptero da emissora. Para manter por mais tempo a informação sobre o pânico entre clientes, este pesquisador foi impedido de voltar a transmitir em tempo real até o final daquela edição do programa. Daí também o interesse em discutir as formas de controle do “Ao Vivo” e do transmitir notícia em tempo real.

Como a oratória do repórter é o alicerce da informação, daí a importância de saber se expressar quando se está “Ao Vivo”. Essa vivência, por ora em vinte e um anos de jornalismo, a maior parte em emissoras de rádio

e TV nos *links* ou nas transmissões “Ao Vivo”, despertou a curiosidade em torno de como se forma o discurso do repórter numa transmissão em tempo real de uma notícia. Com a experiência de quem usa a fala para dar a informação, percebeu-se que os profissionais criam os chamados vícios de linguagem: a repetição, a redundância, os chavões e os jargões, palavras que os auxiliam para a transmissão. Ainda que o tempo seja curto e se exija objetividade no “Ao Vivo”, os vícios se estabelecem pelo imprevisto. Por isso submeteu-se o trabalho prático a uma discussão conceitual em torno da formação da fala ou do discurso improvisado.

E é justamente nesse aspecto, da produção da notícia “Ao Vivo”, em especial do discurso improvisado no momento da transmissão e tendo em vista os vícios de linguagem e as questões referentes à improvisação como um meio de comunicação, que delineou-se a pesquisa. Questões de ordem prática como, por exemplo, a formação do discurso do repórter diante de algo inesperado, um acontecimento surpreendente e que necessite da improvisação na fala para informar o telespectador, levou ao problema pelo qual se desenvolveu a investigação: *Com a improvisação e a utilização dos vícios de linguagem, o repórter se afasta do foco principal da notícia que transmite em tempo real?* O repórter, diante de um fato ou acontecimento, uma realidade dinâmica inesperada, resgata por semelhança algo registrado em seu próprio banco de dados, ou sua própria memória, e, quando assim o faz, pode-se dizer que ele vai buscar fatos ou acontecimentos semelhantes para prover de signos a transmissão que deseja realizar quando está “Ao Vivo”. Nessa busca pelo fato semelhante o repórter inclui, em seu repertório, jargões para ter tempo e

produzir o encadeamento das informações que ora vê, ora percebe e ora tem de apurar.

Nosso objetivo geral foi o de demonstrar que a improvisação se forma logo na coleta das informações da realidade dinâmica, do acontecimento em si ou do fato que será noticiado, uma vez que ao captar os dados referentes a ele, seja com terceiros ou diretamente no acontecimento, o repórter inicia a improvisação sob os aspectos de indução, dedução e abdução³. A prática diária, ou o hábito profissional, dá ao repórter a condição de improvisar o discurso com informações obtidas na base de seu próprio repertório, um resgate de informações anteriormente recebidas, que fazem parte, portanto, de sua formação social e profissional enquanto indivíduo pertencente a uma sociedade. A pesquisa conceitual observa, porém, que este repertório sofre diversas interferências. Essas interferências são ações da sociedade em que o repórter vive ou onde teve suas experiências e formação pessoal (família, escola, ambiente profissional, meio social, meio dominante e a luta de classes, etc) que atuam na elaboração do discurso intuitivo do repórter e que responderam a uma hipótese da pesquisa: de que essas interferências são capazes de permitir-lhe a formação de um discurso momentâneo e explicativo de um fato, possível reflexo de outro fato anteriormente por ele observado. Mais ainda, fechando outra hipótese: o improviso não substitui a informação objetiva, aquela em que o profissional de jornalismo repassa e transmite ao telespectador os dados informativos da notícia, o chamado 100% (cem por cento) daquilo que realmente aconteceu.

³ Charles Sanders PIERCE. *Semiótica*. p. 19

Para produzir essa dissertação focou-se, no campo da televisão aberta, nas reportagens feitas “Ao Vivo”. É importante salientar que quando se fala em televisão aberta está se delimitando os canais de acesso público geral, com transmissão em VHF⁴ que pode ser captada por antenas simples em qualquer ponto para onde a estação geradora emita seus sinais. Também é necessário esclarecer que o fazer jornalístico “Ao Vivo” limitou-se aos profissionais com experiência nos programas jornalísticos, que são diferenciados em relação aos programas de auditório, de entretenimento ou os *talk-shows*, ainda que estes incluam reportagens, entrevistas ou boletins informativos com transmissão em tempo real. A intenção foi tratar única e exclusivamente do discurso empregado pelos repórteres enquanto presentes nas transmissões, diretamente dos locais onde a notícia ou o fato aconteceu.

Foi adicionada à produção do trabalho uma pesquisa qualitativa e aberta com profissionais que, além de atuarem em televisão, nos programas jornalísticos, também passaram pelas experiências escolhidas como universo: as transmissões em tempo real. Para servir de objeto, foram coletadas as transmissões realizadas em São Paulo, no dia 15 de maio de 2006, nos telejornais e na programação matutina e vespertina das grandes redes de TV (Globo e Record) na cobertura referente aos ataques desencadeados por uma facção criminosa a bases da Polícia Militar do Estado de São Paulo, Guarda Civil Municipal e a ônibus das empresas de transporte de passageiros da Capital Paulista. A escolha foi feita por tratar-se de discurso jornalístico

⁴ Abreviatura de *Very High Frequency*, frequências que variam de 30 a 300 Mhz e que correspondem aos canais de 2 a 13.

marcado pelas referências de tempo presente e espaço, no caso, o lugar social. A pesquisa serviu para confirmar o trabalho de investigação com destaque às obras de Mikhail Bakhtin que tratam da criação verbal, da estética da linguagem, da formação de discurso e seus gêneros e, também, dos signos e da fala. Aplicaram-se os princípios da análise do discurso ao universo de produção jornalística feita pelos agentes da comunicação, representada pelo ato de transmissão em tempo real de uma informação.

Para buscar respostas aos problemas desenvolveu-se uma combinação de diferentes procedimentos metodológicos que se refletem na própria estrutura da dissertação. Neste aspecto é possível dividir a pesquisa em partes que se completaram entre si. A primeira delas levou em conta uma reflexão histórica sobre o meio televisivo, com destaque para a criação dos cientistas do aparelho transmissor e receptor e o crescimento das emissoras de TV no mundo e no Brasil. Da mesma forma, foram abordadas questões de natureza funcional e operacional do “Ao Vivo” e depoimentos de profissionais que contribuíram com exemplos de aplicação dos recursos de linguagem para execução de uma transmissão em tempo real.

Uma segunda parte da pesquisa teve uma natureza mais aplicada e ganhou uma função ilustrativa. Foram observadas, “*in loco*”, algumas transmissões, feitas pelos repórteres em telejornais, que serviram de exemplo para observar se há ou não interferência no foco da realidade dinâmica ou do fato noticiado. Os chamados *links*, foram coletados no dia 15 de maio de 2006 nos telejornais das emissoras Globo e Record durante a exposição dos ataques supostamente feitos por criminosos a bases da PM, GCM, agências bancárias

e a ônibus de passageiros. A análise observou o momento da improvisação pelo agente (repórter) e cruzou os discursos com dados oficiais da Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo, com base na posição do comandante-geral da Polícia Militar instado a responder às informações divulgadas pela mídia.

Na parte que se pode classificar como reflexiva da pesquisa, foi feita a coleta dessas transmissões, decupagem ou transcrição, configuração do uso de discurso repetitivo, jargões ou redundâncias com o objetivo de explicar, confirmar ou não, as hipóteses previstas. Para tanto, foram estudadas ponderações de natureza bibliográfica, partindo de uma discussão simbólica sobre a comunicação e suas ferramentas de controle ideológico, tendo como base os grandes autores, a Escola de Frankfurt e outros, mais próximos à realidade do telejornalismo brasileiro e às questões da linguagem e discurso utilizado pelos profissionais de TV que contribuíram para um melhor questionamento sobre as atividades do *medium* e seus reflexos na sociedade.

A última parte do trabalho apresenta as conclusões sobre a problemática e os respectivos pontos de síntese entre as entrevistas, os discursos do “Ao Vivo” e a análise conceitual, observando os parâmetros da espetacularização da notícia como meio de controle, neste caso, o controle da audiência.

CAPÍTULO I

1. CAPÍTULO I - O “AO VIVO” NA HISTÓRIA DA TV

Antes de abordar o “Ao Vivo”, como previsto na proposta de pesquisa, para confirmar ou não as hipóteses elencadas, inicialmente é importante destacar o veículo no qual estará focado este trabalho: a televisão. Existe o “Ao Vivo” do Rádio, muito mais fácil de operacionalizar que o da TV, por isso cabe demonstrar, nesse Capítulo, historicamente, a invenção do aparelho receptor de imagens e sons que permitiu uma modificação nas relações de comunicação da sociedade. A televisão, desde os primórdios aos dias de hoje, possui uma programação na qual sempre se destacou o telejornalismo, por isso, mais adiante, pretende-se mostrar quais são os telejornais na TV brasileira, como são produzidos e quais os tipos de linguagem por eles utilizados.

Inicialmente vale ressaltar que, para se chegar até eles, deve existir interesse por parte do telespectador, uma vez que os telejornais são o resumo das notícias, servem para orientá-lo sobre os acontecimentos que podem influir ou não no seu cotidiano, em suas relações sociais, em seu convívio na sociedade, mas são um produto de consumo entre os muitos que existem na grade⁵ de programação de uma emissora. Para existir essa relação entre os telejornais e o receptor é, portanto, necessário que ele ligue a TV, gire os canais e escolha o telejornal entre as diversas opções produzidas no meio televisivo: novelas, filmes, desenhos, música, culinária, shows, aulas, esporte, brincadeiras, programas de auditório, debates. Essas produções são

⁵ Grade é o roteiro de programas que serão exibidos pela emissora contendo previsão de horários

meios que o homem utiliza para passar adiante aquilo que ele registrou no convívio em sociedade.

1.1– Do invento ao meio de comunicação

Os povos primitivos, por exemplo, usavam sinais de fumaça e batidas no tambor para passar adiante as informações. Outros povos usaram a linguagem gestual, as inscrições sobre pedras, para a mesma tarefa. Esses são exemplos que nos levam a refletir sobre a existência de códigos, nas sociedades humanas, que representam a necessidade vital de descobrir formas de superar as barreiras na comunicação, em especial na sua forma mais simplificada: a troca de conhecimento. Essa é uma característica essencial para a sobrevivência do homem: transmissão de conhecimento.⁶ O conhecimento, porém, pode ser utilizado de várias formas, pois, além da própria evolução, manutenção e sobrevivência das sociedades, ele também permite que aqueles que detêm, em maior escala, o conhecimento e as informações, os tornem meios de controle social e de dominação sobre os grupos que não os possuem. Também é por eles que as sociedades são capazes de se mobilizar em busca de condições de igualdade social, entre outros aspectos. Pois quanto mais circula o conhecimento, quanto mais circula a informação, mais os integrantes do grupo social estão em condições de igualdade para cobrar, reivindicar e obter os mesmos direitos que o outro.

Com o passar do tempo e o avanço tecnológico, o homem conseguiu sistematizar sua capacidade de comunicação e, graças a ela, sobrevive. É

⁶ Vera Iris PATERNOSTRO, *O texto na TV. Manual de Telejornalismo*. p 16

através da comunicação que é possível uma interação, instrumento para a convivência, porque a integração de um indivíduo ao seu ambiente e ao seu tempo está relacionada, de forma intrínseca, com o acesso à informação. O desenvolvimento da linguagem proporcionou ao homem uma posição predominante frente a outros animais e a determinadas civilizações frente a outras menos desenvolvidas.⁷ A escrita, ao longo de sua existência, deu à palavra uma imortalidade, pois é o seu registro. Depois da invenção de Gutemberg, os periódicos tornam acessíveis e constantes a divulgação de informação e conhecimento. Foi no século XIX, com as profundas mudanças econômicas e sociais geradas pela Revolução Industrial, que a imprensa teve sua afirmação e se tornou o que se pode conhecer hoje, como alguns autores ainda descrevem ou chamam, como a imprensa de massa. As constantes evoluções técnicas deram substância à difusão da notícia e seu consumo pela população. No meio de todo esse processo de desenvolvimento e, na ânsia do homem vencer barreiras no tempo e no espaço com maior velocidade e maior rapidez, surge a televisão com a informação de maneira dinâmica: som e imagem casados, em simultaneidade.⁸

No início, a TV se utilizou do discurso em tempo presente, o “Ao Vivo”. Com a descoberta do *Video Tape*, a produção de programas pôde ser gravada e exibida posteriormente. No caso do telejornalismo, a transmissão em estúdio quase sempre ocorria, como ocorre até hoje, “Ao Vivo”, mas as reportagens quase sempre são gravadas. O boletim “Ao Vivo”, através de um *link*, é a forma para atualizar e dar agilidade e dinamismo ao programa

⁷ idem, ibidem. p 19

⁸ idem, ibidem. p.21

jornalístico, por isso a análise desse procedimento: a linguagem, o discurso, em tempo presente, para uma recepção também em tempo presente e um fato ou realidade dinâmica em tempo presente, se possível.

1.2 - O “Ao Vivo” na TV

Historicamente, o “Ao Vivo” sempre foi a forma de operacionalizar a transmissão das notícias no rádio e na televisão de forma aproximada ao momento em que ela ocorre. No caso específico da TV, as primeiras etapas refletiram os estudos de cientistas e técnicos de diversas nacionalidades. Atuando, cada um em seu segmento, eles puderam contribuir para a descoberta do aparelho transmissor de som e imagem e do equipamento receptor. As principais etapas foram vencidas por pesquisadores em separado. *“Cientistas e pesquisadores trabalharam, cada qual em seu país, quase isolados, vencendo descrenças, fracassos, e, superando a si próprios, contribuíram decisivamente para que um sonho, como diziam, se fizesse realidade.”*⁹

Da descoberta da luz que modificava o selênio, feita por Jakob Berzelius em 1817, ao iconoscópio criado por Vladimir Zworykin, em 1923, e à primeira transmissão de imagens feita por ele quatro anos mais tarde, vários outros cientistas tornaram possível a junção de som e imagem: Joseph May (célula fotoelétrica), Maurice Le Blanc (projeção de imagens), Paul Nipkow (transmissor mecânico), Heinrich Hertz (ondas eletromagnéticas), Charles Jenkins (disco perfurado para captação de imagens), entre outros. Eles estão entre os que conseguiram, com seus inventos e estudos, provar que era possível captar e transmitir, para longas distâncias, som e imagem. Mas é bom ressaltar que a primeira transmissão, a do inglês John Lodgie Baird, foi feita em caráter experimental e, claro, de forma “Ao Vivo”, pois só assim poderia

⁹ Wilson A. AGUIAR, *Introdução à TV*, p.18

ser transmitida e captada por um determinado aparelho. A transmissão serviu de aperfeiçoamento para o que a British Broadcasting Corporation (BBC) usou mais tarde. Em 1940, com a criação da válvula Orthicon (um tubo de raios catódicos sensíveis, que equilibrava a entrada da luz e garantia melhor imagem), o sistema passa a ser então todo eletrônico e a TV se firma.¹⁰ Pode-se dizer que, até então, apenas a transmissão das imagens era “Ao Vivo”, pois os discursos ou a narrativa só seria possível alguns anos depois com a entrada do áudio na imagem.

Após a Segunda Guerra Mundial, a TV entra definitivamente na vida das pessoas de todo o mundo como meio de informação, comunicação e entretenimento. Entre essa época e os dias atuais, a transmissão e a recepção passaram por inúmeras transformações. A televisão ganhou mais pesquisas e, conseqüentemente, mais aprimoramento técnico. O telespectador foi - desde os primeiros passos dos cientistas aos dias atuais - agraciado com a melhoria das condições técnicas e avanços tecnológicos, que viabilizaram melhores imagens e som. Atualmente, com a chegada das telas planas e de cristal líquido, transmissão e recepção digitais, há maior ganho de qualidade e maior quantidade de informações e serviços prestados pelo meio televisivo, além do tempo real das transmissões de um acontecimento em qualquer parte do planeta. A apresentação “sanduíche”, com parte do telejornal apresentado em estúdio no Brasil e outra fora e distante dele como na Copa do Mundo de Futebol, na Alemanha, é um desses exemplos de avanço tecnológico e de aprimoramento técnico.

¹⁰ idem, ibidem p.26

1.3 – O Brasil da TV “Ao Vivo”

No Brasil, a TV foi uma iniciativa peculiar. Nos anos 50, quando chegou ao País por intermédio do empresário da Comunicação, Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, proprietário dos Diários e Emissoras Associadas, a televisão veio com aparato de som e imagem, tanto que o empresário trouxe os técnicos da RCA¹¹ para implantar o sistema. Em 18 de setembro de 1950 com a PRF-3 TV Difusora, conhecida depois como TV Tupi de São Paulo, pioneira na América Latina, a emissão do sinal é inaugurado. Nas três horas de programação diária havia filmes, espetáculos de auditório e noticiário, sempre com a programação em tempo real. Para que isso fosse possível, as emissoras utilizavam a experiência dos profissionais de rádio acostumados a uma narrativa constante. Em caso de necessidade, falavam de improviso. **TV na Taba**, apresentado por Homero Silva, foi o primeiro programa transmitido, com Lima Duarte, Mazzaropi, Ciccilo, Lia Aguiar, Vadeco, Ivon Cury, Lolita Rodrigues, Wilma Bentivegna, Aurélio Campos, o jogador Baltazar e a orquestra de George Henri.

Logo na estréia a TV Brasileira teve de mostrar seu poder de improviso. Eram apenas duas câmeras e horas antes do começo da transmissão uma pifou. Os técnicos americanos aconselharam que a "festa" fosse adiada, mas lá estava o diretor Cassiano Gabus Mendes, outro pioneiro da TV brasileira, que decidiu ir ao ar mesmo só com uma câmera. A transmissão foi assistida através de 200 aparelhos importados por Chateaubriand e espalhados pela cidade.¹²

¹¹ Radio Corporation of America

¹² HOME PAGE: <http://www.microfone.jor.br/historiadaTV.htm> – acesso 14/07/2006 – 12h21

Os Diários e Emissoras Associadas inovaram o sistema empresarial brasileiro, repetindo o que já faziam nos Estados Unidos as grandes cadeias nacionais de TV.¹³ Aliás, o modelo de TV no Brasil sempre seguiu as empresas norte-americanas e inglesas, principalmente seus programas, em seus formatos e conteúdo. Basta dizer que o modelo de estúdio para apresentação dos telejornais brasileiros é uma cópia dos americanos e ingleses, como a CNN e a BBC. Os apresentadores dos telejornais estão sempre diante de um fundo que representa a redação ou um painel de controle de imagens com vários aparelhos de TV ligados simultaneamente na própria emissora ou em canais internacionais, justamente para não dar crédito às concorrentes. Depois da Globo, com o Jornal Nacional, outras emissoras seguiram o padrão. A Rede Bandeirantes instalou seu estúdio do Jornal da Band com os apresentadores de costas para o setor de produção de notícias, envolvendo as baias de editorias, redatores e pauta. A Rede Record também investiu neste tipo de cenário e, hoje, seu principal jornal, o Jornal da Record, também é apresentado em uma bancada que fica acima do nível onde estão os setores de apuração, edição e redação. Há sempre um movimentado cenário ao fundo, demonstrando a agilidade e a constância do trabalho jornalístico.

O telejornalismo como produto dos meios televisivos e feito “Ao Vivo” ganha poder e torna-se um dos meios da luta pela audiência entre os veículos que se instalaram no País a partir da década de 60. Neste período, a apresentação das notícias em tempo real eleva a credibilidade dos telejornais e a população tem, nesses programas, uma forma de obter conhecimento e

¹³ Wilson A Aguiar, op citada. p.40

informação sobre o que acontecia em todo o território nacional, uma forma de união dos brasileiros, de Norte a Sul, contribuindo, portanto, para a politização e a discussão dos aspectos referentes à sociedade.

A televisão, assim como os demais veículos de comunicação no Brasil, para representar esse poder, teve que passar pela ditadura militar. Na década de 60 e 70, os veículos estavam sujeitos a uma forte censura, executada por agentes da Polícia Federal. Naquela época, as produções artísticas tinham que passar pelo setor de censura antes de serem apresentadas em público. Isso quer dizer que só se podia ouvir e ver aquilo que a PF previamente aprovasse. O objetivo era filtrar as “impurezas” dos veículos de comunicação.

CAPÍTULO II

2 – CAPÍTULO II – O TELEJORNALISMO NO BRASIL

Com uma extensão territorial gigantesca e uma população que ainda não é atendida adequadamente na área de educação, o Brasil tem alto índice de analfabetismo. Por isso, o telejornal torna-se um meio de informação e, conseqüentemente, de conhecimento para milhares de pessoas. Basta comparar a tiragem de um grande jornal brasileiro (de 200/300 mil exemplares por dia, em média) e a audiência do *Jornal Nacional* da TV Globo, média de 42%, de acordo com o Ibope¹⁴. Além disso, há várias edições de telejornais durante o dia, muitas vezes repetindo a mesma notícia e tornando importante a TV e o programa jornalístico como instrumentos poderosos, pois mostram a imagem da notícia – a informação visual. A possibilidade de se ver, no Brasil, imagens de um acontecimento do outro lado do mundo, via satélite, dá uma dimensão exata da importância que o meio tem e do fato que é mostrado naquele instante.¹⁵

2.1 – Os telejornais

Como o público de televisão é muito variado, os telejornais são produzidos para atingir faixas diferenciadas de telespectadores. Considerando a abrangência, o telejornal pode ser nacional, regional ou local. Nacional é o telejornal em rede, transmitido por uma base central e retransmitido para outros Estados pelas afiliadas e estações retransmissoras. Os regionais são aqueles que cobrem uma parte do Estado sede da empresa ou de suas

¹⁴ Instituto Brasileiro de Opinião, Pesquisas e Estatísticas – Fonte: Telereport - PNT (Painel Nacional de Domicílios). Universos: 17.270.800 domicílios e 55.013.800 indivíduos. Um ponto de audiência corresponde a 1% destes respectivos universos.

principais afiliadas e que alcançam, portanto, o maior número possível de cidades. Os locais são aqueles veiculados para uma única área do Estado, normalmente para as cidades mais próximas da sede. É primordial ressaltar a importância desses produtos para as empresas em termos comerciais, pois, em primeiro lugar, vem a audiência e depois o faturamento. No primeiro caso, a manutenção dos telejornais na grade representa um quinhão de audiência importante para a emissora. O comprometimento na transmissão de informações representa, para a empresa, uma responsabilidade com a sociedade e, portanto, compromisso com o telespectador. Quanto maior o comprometimento com a verdade e a transmissão efetiva e real dos acontecimentos, mais a empresa ganha em credibilidade e, por consequência, o empenho é revertido em números maiores na medição de audiência. Quando ganha audiência, a empresa pode obter maior faturamento, pois consegue patrocinadores para um produto que tem aceitação. Trata-se da regra do capitalismo e que não é objeto dessa análise, mas que tem importância para a sobrevivência do produto.

Por outro lado, há ainda aspectos de ordem política e cultural. Os telejornais representam a possibilidade de emitir opiniões sobre aspectos políticos, indo contra ou a favor de grupos e governos e mantendo, desta forma, a democracia presente. Representa um interesse do telespectador que quer ouvir opiniões contrárias ou favoráveis às políticas desenvolvidas nos mais diversos setores da sociedade. A programação de uma emissora também transmite um conteúdo cultural capaz de servir de modelo educacional e de formação do indivíduo que pertence e quer fazer parte da sociedade para a

¹⁵ Vera Iris PATERNOSTRO. *O texto na TV. Manual de Telejornalismo*, p.44

qual a empresa transmite suas mensagens. O telejornal pode, ainda, analisar uma notícia, através de comentaristas, de forma que o telespectador tenha, portanto, como entender a informação sob ângulos diferentes. Por isso, existem vários modelos de produtos que são vistos diariamente pelos telespectadores e que estão na grade de programação das emissoras. Vale lembrar, porém, que todos seguem um padrão, copiado um dos outros. A cópia do modelo de cenário, como demonstramos a seguir, não é única, pois a questão editorial também é muito semelhante. Basta verificar as manchetes e as matérias principais dos telejornais que se nota a igualdade entre eles, mesmo sendo de emissoras concorrentes. As mudanças são pequenas e ocorrem no enfoque dado às respectivas reportagens, uma vez que são produzidas por repórteres com discursos próprios e, portanto, diferentes.

O modelo de cenário dos telejornais brasileiros é muito parecido aos usados nos Estados Unidos ou Inglaterra. A Rede Globo de Televisão, por exemplo, foi pioneira em mudar a característica do cenário onde acontece a apresentação do telejornal, passando dos estúdios tradicionais, fechados com fundo azul - para um logo virtual produzido em computador -, para os atuais de fundo infinito tendo como plano uma parte da redação. O objetivo, neste caso, é dar a idéia de movimento, uma vez que a notícia é um produto em movimento. Recentemente, em dois episódios, a “Vênus Platinada”, como é tratada pela mídia, inovou com a transmissão de notícias. O primeiro caso foi a transferência da apresentação do Jornal Nacional, no dia 15 de maio de 2006, dos estúdios do Rio de Janeiro para os jardins da sede da emissora no Brooklin, bairro da zona Sul de São Paulo. Nesta data, o apresentador Willian Bonner comandou o telejornal da área externa da emissora para tratar,

exclusivamente, da violência na Capital Paulista, comandada por uma facção criminosa. Foi nesta data que as entradas “Ao Vivo” durante a programação e nos telejornais serviram de base para a análise, percepção e conclusão deste trabalho.

O segundo caso foi a transmissão da Copa do Mundo de Futebol, disputada em Junho/2006 na Alemanha. A Rede Globo dividiu os casais de apresentadores dos principais programas jornalísticos da emissora (Jornal Hoje, Jornal Nacional e Jornal da Globo): um deles no Brasil e outro na Alemanha. A apresentação dos telejornais ocorreu simultaneamente, de lá e de cá, sem os temíveis “delays”¹⁶. Um apresentador no estúdio (no Brasil) enquanto o outro, na maioria dos casos, estava nos locais de concentração dos jogadores da Seleção Brasileira ou de torcedores. A notícia “Ao Vivo” do local onde ela acontece. As outras emissoras abertas (Record, Bandeirantes), inclusive as de assinatura, como é o caso da ESPN Brasil 1 e 2, e a Sportv, também realizaram duplas transmissões desde estúdios no Brasil e cidades onde estava a delegação brasileira em solo alemão.

2.2 – Os tipos de telejornais

Em razão do horário de exibição, observa-se na grade das empresas quatro tipos de telejornal: Matutino – apresentado entre 06h00 e 10h00; Vespertino – a partir do meio-dia até às 18h00; Noturno – apresentado a partir das 18h00 até 21h00; e o de Fim de Noite – apresentado a partir das 23h00 até 01h00. O telejornal é fruto de um processo de produção contínuo,

¹⁶ Tempo de retorno de uma transmissão, média de 1 a 2 segundos, em que a voz do emissor chega ao destino.

que tem início na editoria de pauta, onde são definidos os assuntos a serem agendados e selecionados para a divulgação pela emissora. Alguns deles precisam de produção, ou seja, levantamento de informações adicionais, locações e marcação de entrevistas. É a pauta que determina os assuntos do dia a serem abordados e para os quais é direcionada a cobertura. Nas outras regiões ou Estados, as chefias são mobilizadas para cobrirem os fatos destacados pela pauta. Ao final, todo o material produzido pela reportagem converge para um único ponto: a emissora cabeça de rede que vai editar e gerar (transmitir) o telejornal. A isso chamamos de rede nacional, ou seja, todas as emissoras da empresa, mais as afiliadas e as retransmissoras, apresentam o jornal no mesmo horário para todo o País.

Os telejornais matutinos têm características muito peculiares: são o resumo do dia anterior e os que costumemente apresentam a agenda do dia. A produção procura informar ao telespectador os fatos mais importantes do dia anterior, num breve relato. A audiência desses telejornais é relativamente pequena, de 4 a 12 pontos, em média, mas atinge uma parte da sociedade. A linguagem é um dos pontos mais importantes, tendo em vista que atinge um público de características sociais bastante diversificadas, entre as classes A, B e C. São pessoas que procuram informações antes de iniciar o expediente de trabalho. Nesta categoria se encaixam os jornais “Bom Dia São Paulo” e “Bom Dia Brasil” (Rede Globo); “São Paulo no Ar” e “Fala Brasil” (Rede Record); “Primeiro Jornal” (Rede Bandeirantes) e “RTTV” (Rede TV). Ao final dos matutinos, o editor chefe, os produtores locais, os editores e produtores de outras praças se reúnem via telefone, linha direta ou por sala de

vídeo conferência para estipular e determinar o espelho¹⁷ dos chamados “vespertinos”, entre o início e o final da tarde.

A característica principal desses jornalísticos é o formato editorial tipo revista em forma audiovisual. Há tratamento de temas como saúde, moda, lazer, turismo, cultura, além dos tradicionais: política, polícia, internacional e esporte. A alavanca está alçada na audiência que o horário de almoço e o meio da tarde permitem. É comum uma média entre 15 e 20 pontos de audiência, no caso do Jornal Hoje, da Rede Globo de Televisão. Se encaixa neste gênero o “SPTV 1ª Edição”, também da Rede Globo. As emissoras mantêm, neste horário, programas para o público feminino, presentes entre 10h00 e 16h00, com atenção para culinária, moda, saúde, beleza, entre outros, mas onde há intervenções “Ao Vivo” do Departamento de Jornalismo, para os chamados “flashes”¹⁸ ou resumo de notícias.

Os espelhos para os programas do período noturno começam a ser fechados no meio da tarde, com a atenção focada para um fato novo que pode atualizar a divulgação das notícias já produzidas e/ou apresentadas. Por isso, o espelho está sujeito a mudanças com a chegada de notícias, reportagens e declarações de última hora. Os noturnos são considerados os mais importantes em termos de informação. Há um trabalho de edição todo especial, por causa dos altos índices de audiência. Neste horário o telespectador está em casa e quer saber, se ainda não teve tempo de obter detalhes, os fatos do dia e espera um tratamento mais interpretativo e opinativo. Esses telejornais incluem, entre os âncoras e apresentadores, os editorialistas, que comentam os casos mais

¹⁷ Previsão do que será o jornal com ordem de entrada das reportagens, tempo de cada uma além do tempo de intervalos comerciais e de locução dos apresentadores. Ajuda a controlar a exibição e a equipe a ter um controle sobre o que está sendo transmitido, sem estourar o tempo da grade de programação.

importantes emitindo opiniões ou interpretando casos marcantes para a sociedade. Se encaixam neste perfil o “Jornal Nacional”, da Rede Globo; o “Jornal da Record”, da Rede Record; o “Jornal da Band”, da Rede Bandeirantes; o “RTTV”, da Rede TV; o “SBT Brasil”, do SBT; o “Jornal da Gazeta”, da TV Gazeta; e o “Jornal da Cultura”, da Rede Cultura de Televisão.

Neles, o “Ao Vivo” significa dar conteúdo e peso a determinado assunto. A experiência do pesquisador como repórter da TV Bandeirantes de São Paulo permite dizer que a preocupação das emissoras é maior em relação à edição e produção das matérias gravadas. Porém, uma entrada “Ao Vivo” também requer cuidado, uma vez que não são admitidos erros para o repórter que faz a participação. São destinados poucos segundos para o boletim, só alterados se a informação a ser dada for muito importante e interessante para todos os brasileiros. Para garantir a informação “Ao Vivo” utiliza-se dados adicionais de um Video Tape (VT) ou matéria gravada, que não foram editados em forma de reportagem. Também, nesses casos, é comum a edição ou o suporte da redação para abastecer o repórter com outros detalhes da notícia a ser apresentada. O discurso improvisado, realizado por este pesquisador na informação “Ao Vivo”, era feito com base em dados coletados por terceiros e que necessitavam ser transmitidos para complementar a informação, de maneira que o discurso não era efetivamente o de quem transmitia, mas o de outro que passava as informações.

Os jornais do final da noite fazem um resumo dos fatos noticiados durante o dia, uma repetição dos principais acontecimentos, e tentam antecipar

¹⁸ O mesmo que stand-up , nesse caso, porém, com transmissão em tempo real.

os fatos que serão notícia no dia seguinte. A audiência nesse horário é menor, tendo em vista que boa parte da população já está descansando. A média não ultrapassa cerca de 10 a 12 pontos, no caso do “Jornal da Globo”, da Rede Globo. Neste tipo ainda se encaixam os telejornais “Jornal 24 Horas”, da Rede Record, o “Jornal da Noite”, da Rede Bandeirantes, e o “Leitura Dinâmica”, uma espécie de revista eletrônica com visual diferenciado e padrão de apresentação como um programa de entretenimento, mas com edição de reportagens, no qual, porém, o “Ao Vivo” praticamente inexistente, a não ser em casos urgentes ou de repercussão nacional. Os demais ainda disponibilizam repórteres para a transmissão em tempo real, quando os temas das reportagens requerem ou impõem uma maior atenção editorial. Assim, temas políticos ou policiais, tragédias urbanas ou naturais, merecem intervenções “Ao Vivo” como forma de mostrar que o programa noticioso está em tempo presente, em fato de tempo presente.

2.3 - O noticiário como produto

Alguns autores brasileiros mais próximos à realidade do telejornalismo encaram a atividade do repórter como um “Campo de Batalha”, principalmente quando o repórter chega com a Unidade de Produção e Jornalismo (UPJ) em um determinado local para uma transmissão¹⁹. É realmente um campo de batalha se se levar em consideração que o tempo está correndo, o fato acontecendo e a transmissão precisa ser imediata. É exatamente no quesito imediatez que a produção jornalística para a televisão

¹⁹ Albertino AOR DA CUNHA, *Telejornalismo*, p.35.

torna-se um campo de batalha. Nas muitas transmissões realizadas por este pesquisador, tão logo era identificado o foco da notícia, a ordem era para se deslocar até o local do fato. Como diria Sebastião Squirra, a televisão é contemporânea ao fato. Pelas suas características técnicas, ela proporciona possibilidades de mostrá-lo logo depois de ter acontecido, quase instantaneamente.²⁰ Por essa razão, sempre quando um fato está ocorrendo e é de interesse do telespectador, do público, o repórter é acionado para se deslocar imediatamente para o local. Afinal, o público da televisão está sempre aberto às informações e ao processo de comunicação das informações²¹.

Na busca pelo imediatismo, tão logo acionado, o repórter quase sempre chega antes da UPJ (Unidade de Produção Jornalística) - viatura com equipamentos para transmissão de som e imagens - e tem que se adiantar na coleta de dados, de informações e de detalhes sobre o acontecimento. A isso pode se chamar de pesquisa de abdução, utilizando a denominação cunhada por Charles Sanders Pierce²², em que ele busca se aproximar da realidade. Pelo caráter ético da função social desempenhada pelo jornalista, fica claro que esse papel é o mais importante, pois busca a veracidade, um compêndio para dar o tratamento adequado para a transmissão e, portanto, informar o telespectador.

Nessa ocasião, ainda com o fato em evidência e até a montagem de todo o aparato para a transmissão, há uma relativa perda de tempo e, conseqüentemente, de espaço para a simultaneidade do discurso e da imagem.

²⁰ Sebastião SQUIRRA, *Aprender telejornalismo Técnica e Produção*. p. 51.

²¹ Idem, *ibidem*.

²² Charles Sanders PIERCE, *Semiótica*, p.31

Até o equipamento estar montado, o repórter, se não presenciou o acontecimento, tentará contar os detalhes que anteriormente ocorreram para se chegar à situação da transmissão em tempo real, ou seja, inicia-se a transmissão em tempo real, porém utiliza-se de discurso em tempo passado até novamente conciliar a simultaneidade entre a notícia e o discurso. Trata-se de levar ao telespectador os detalhes que ele não viu (que os repórteres não viram, mas buscaram em alguém) e colocar, desta forma, o tempo presente em concomitância ao que é apresentado enquanto imagem, pois é ela que atinge diretamente o telespectador à maneira de uma comunicação real e precisa apoiar-se num campo de significação que absorva ou englobe totalmente o interlocutor.²³

Aqui volta-se à questão básica do nosso projeto, que é o discurso utilizado pelo repórter e que é objeto da pesquisa. A oratória é a arte da palavra, que dá forma à idéia, e é um dos principais atributos daqueles que enveredam pelos caminhos da reportagem. Na televisão, o processo de comunicação é o direto, o do dia-a-dia. Para o telejornalismo, precisamos redigir como falamos, com os recursos e as virtudes da linguagem coloquial.²⁴ O repórter fala ao telespectador, é com ele que conversa, que troca suas idéias, que tenta transmitir conhecimento. Mas qual conhecimento? O conhecimento da informação, pois é com a informação que se adquire conhecimento, que se estabelece a conversa e, conseqüentemente, a comunicação. Além da fala, a expressão gestual, facial e o olhar também garantem uma comunicação, mas estes não são objeto dessa pesquisa. A fala, a oratória, o discurso são o objeto de trabalho.

²³ Muniz SODRÉ, *O Monopólio da Fala*, p.59

E como garantir uma transferência de conhecimento por meio de uma transmissão, por segundos, de uma realidade dinâmica que é acompanhada por um repórter? Essa é uma das questões que acompanham os jornalistas quando saem da redação em direção a um acontecimento. Nas centenas ou milhares de vezes em que o pesquisador deixou a redação para acompanhar um acidente, uma entrevista coletiva de um político, governante, presidente ou nas inúmeras tragédias que ocorrem nos grandes centros urbanos, a pergunta era respondida na busca feita no próprio repertório. Um acidente de carro, um acidente de trem, uma explosão de botijão de gás, um atropelamento, um tiroteio entre policiais e bandidos, um assalto com reféns, enfim, uma gama de acontecimentos, mesmo tendo personagens diferentes, remetia imediatamente a um episódio já vivido, já transmitido “Ao Vivo”, inclusive.

Quando se diz isso é exatamente porque o repórter vai buscar na memória um fato, uma situação semelhante na qual tenha atuado e daí inicia a preparação daqueles que devem ser os pontos checados tão logo esteja no local do evento. A partir dessa busca no repertório, mesmo que a situação seja diferente ou mais chocante, o repórter se sente indiferente e pode relatar os acontecimentos, lembrando inclusive de detalhes que lhe passaram despercebidos na cobertura feita anteriormente. À medida em que a experiência constitutiva do aprendizado social se repete, se acumula, se sobrepõe, reforça a repetição de uma situação da qual aprendemos a distinguir um comportamento legítimo de outros ilegítimos²⁵. Ou seja, na repetição de um acontecimento, lembramos de situações já vividas anteriormente e, no caso do telejornalismo, contadas “Ao Vivo” ou não.

²⁴ Sebastião SQUIRRA, op.cit. p.54

Esse saber prático, espontâneo e interiorizado se fundamenta num princípio de economia da práxis, inevitável na vida cotidiana. Como observa Agnes Heller, cada uma das nossas atitudes baseia-se numa avaliação probabilística.

*“Em breve lapsos de tempo, somos obrigados a realizar atividades tão heterogêneas que não poderíamos viver se nos empenhássemos em fazer com que nossa atividade dependesse de conceitos fundados cientificamente”.*²⁶

A fala, em suas funções de comunicação, de reflexão, de expressão e de memorização, é uma característica humana, pois traduz esses estados emocionais e, por isso, é uma atividade psíquica. Mas, além de ser uma atividade psíquica, é importante saber falar. O imprevisto na reportagem “Ao Vivo” não é apenas uma questão de falar bonito. A notícia precisa ser entendida, precisa ser compreendida, precisa ser assimilada, senão o todo, pelo menos em parte, justamente para ser repassada como forma de comunicação, através dos comentários do receptor com terceiros e assim por diante. Desta forma, o falar do repórter precisa ser seguro, confiante, conforme veremos mais adiante durante as entrevistas feitas com profissionais do “Ao Vivo”.

O telejornalismo, por ser um produto, precisa ser consumido e, portanto, precisa de consumidores. Para tanto, uma transmissão “Ao Vivo” necessita de repórteres com vocabulário, com poder de organização desse vocabulário, de

²⁵ Chavegnagi TAYLOR,. “Suivre une rele”, in: Critique, nº 579/580, p 563

²⁶ Agnes HELLER, *O cotidiano e a história*, p.44

processamento, a fim de que o receptor tenha condições mínimas de decodificar a narrativa; deve possuir respiração, ritmo, ressonância, registro e extensão. Enfim, deve demonstrar o quanto também lê, estuda, se acultura e, ainda mais, a ênfase quando comove a quem ouve, o sentimento que transmite, emociona ou cria apatia. São esses atributos que transformam a transmissão “Ao Vivo” de um repórter em algo que pode ser decodificado (entendido), como será detalhado no próximo capítulo.

Uma contribuição para o aprimoramento dos profissionais de TV ocorreu em 1976, com a implantação, pela TV Globo, do Electronic News Gathering (ENG): pequenas unidades portáteis – dotadas de câmeras leves e sensíveis, videotapes e sistemas de edição manuais. Esses equipamentos facilitaram a coleta de imagens e sons e agilizaram o trabalho das equipes nos locais do acontecimento emissora.

O ENG era um equipamento eletrônico que dava agilidade à reportagem, porque eliminava a perda de tempo com revelação de filmes. O equipamento eletrônico permitia ao cinegrafista constatar na hora, olhando no monitor, se havia cometido algum erro. E lhe dava tempo e recursos para refazer uma tomada ou, se necessário, gravar tudo novamente. Antes, os erros só eram constatados na emissora, depois da revelação. Além disso, o filme não podia ser passado muitas vezes na moviola, senão poderia ser arranhado ou mesmo completamente danificado. O ENG, por não ter essa limitação, facilitava o processo de edição.²⁷

²⁷ Jorge ZAHAR, *Jornal Nacional – a notícia faz história*, p.90

Com a chegada dos equipamentos eletrônicos, as câmeras de 16mm do cinema, então usadas, foram substituídas. Isso deu vantagens econômicas e operacionais para as empresas. Só no início da década de 80 o VT se torna rotineiro. Justamente por causa da nova engenharia de gravação, como é tratada a ENG nos meios televisivos, o formato narrativo do telejornalismo norte-americano, apoiado na performance de vídeo repórter, tornou-se padrão também no Brasil e a TV Globo mais uma vez cuidou de implantar o novo padrão. Com esse modelo, o repórter passou não só a ir aos locais do fato, mas a apurar as informações, fazer o texto, memorizar e refletir sobre seu conteúdo. Tanto é que vale o registro para a primeira entrada “Ao Vivo” no Jornal Nacional e que, por questões operacionais, foi feito de forma improvisada:

Em junho de 1977 a repórter Glória Maria e o cinegrafista Roberto Padula foram à avenida Brasil, no Rio de Janeiro, para cobrir um grande engarrafamento de trânsito num fim de tarde. No momento da transmissão, houve um problema com o equipamento de luz e o cinegrafista teve de improvisar utilizando os faróis do carro de reportagem. Para que seu rosto pudesse ser iluminado, Glória Maria precisou ficar de joelhos. O telespectador não percebeu, no entanto, nada de anormal, já que a repórter segurava o microfone e dava as informações corretamente.”²⁸

O improviso, neste caso, não foi no texto ou no discurso do repórter, mas na iluminação necessária para que a jornalista pudesse ter o rosto

mostrado sem sombras ou totalmente no escuro. O fato de ficar de joelhos, uma posição incômoda, de acordo com o que se percebe no texto, não foi prejudicial ao desenrolar das informações que ela apresentou. Mesmo assim, a técnica de iluminação com os faróis do carro de reportagem é utilizada, principalmente pelas equipes de reportagem, ainda hoje, quando as baterias que alimentam a câmera e as de iluminação se descarregam.

Outro fato importante para o início da reportagem “Ao Vivo” nas emissoras brasileiras, não que elas não acontecessem anteriormente, ocorreu em 1977. A Empresa Brasileira de Telecomunicações (Embratel) iniciou a operação do Sistema Brasileiro de Telecomunicações por Satélite (SBTS) e integrou-se ao Intelsat, consórcio internacional usado para o tráfego de ligações telefônicas, de dados e de televisão. Quatro anos depois, em 1981, recebeu autorização para implantar e operar seu próprio sistema de satélites e, para garantir sua realização, ofereceu às empresas de televisão o uso de um espaço do Intelsat.

A TV Bandeirantes foi a primeira a aceitar a proposta e a usar o satélite para transmitir sua programação de São Paulo para as demais emissoras da rede, permitindo, desta forma, que outras capitais e outras regiões do País pudessem ter acesso ao que era produzido na sede da empresa. O uso do satélite produziu melhor qualidade nas transmissões e ampliou o mercado publicitário no veículo, antes restrito à região da emissora sede. Com cobertura em outras Capitais, a área comercial levou publicidade para todas as emissoras da rede e aumentou o ganho financeiro, além de dar agilidade ao jornalismo, ao possibilitar a divulgação de notícias importantes de forma

²⁸ idem, ibidem p.91

imediate e instantânea para todo o território coberto pelas filiadas da emissora mãe. O satélite deu ainda maior segurança nas transmissões, uma vez que não desarma com a facilidade comum nos *links* feitos através das viaturas de microondas. Com a entrada do Brasilsat, em 1985, todas as redes brasileiras de TV começaram a distribuir sua programação para o País.²⁹

²⁹ Idem, *ibidem*.p.96

CAPÍTULO III

3. CAPÍTULO III – O “AO VIVO”

A expressão “Ao Vivo”, em uso nas redações de TV, quer dizer em tempo real, que se transmite no momento em que um fato acontece, que tem transmissão simultânea ao acontecimento, entre outras. Uma série de definições e conceitos podem ser dados para explicar o “Ao Vivo” no universo do telejornalismo em especial. E é exatamente por trabalhar com o discurso do repórter no momento em que se transmite uma notícia que é importante conceituar, neste capítulo, os vários tipos de “Ao Vivo” e, por conseguinte, explicar em qual universo estaremos focando nosso trabalho de pesquisa.

Para que uma notícia seja transmitida em tempo real há a necessidade, primeiro, de viabilizar a simultaneidade. E ela só pode ocorrer se fato e repórter estiverem no mesmo local. Segundo, que haja viabilidade técnica com a inclusão, neste caso, de aparelhos e equipamentos eletrônicos capazes de efetuar a operação. Terceiro: o “Ao Vivo” pode acontecer mesmo que o fato já tenha ocorrido e tenha havido viabilidade técnica para a transmissão. Neste caso, meramente, é a entrada do repórter em tempo presente com informação de tempo passado, ou seja, o repórter realiza a transmissão em tempo presente de um fato já ocorrido. Vale aqui considerar que esta pesquisa foca a transmissão em tempo real e em tempo presente e, por isso, no desenvolvimento deste capítulo, será afinado o que significa a transmissão do “Ao Vivo” nas várias modalidades, para poder indicar que tipo de “Ao Vivo” é objeto deste trabalho.

3.1 - Questões técnicas para o “Ao Vivo”

Para estruturar o “Ao Vivo” é necessário o envolvimento de outros profissionais. Pelo menos três pessoas, além do repórter que faz o discurso, estão envolvidas: o câmera, o operador de áudio e o operador de microondas. O câmera e o operador de áudio estão sempre muito próximos ao repórter, porque atuam na captação da imagem e do som. É deles a função de fazer com que a imagem do repórter seja colocada no vídeo e o som da fala seja captada pelo microfone, de forma que o conjunto (imagem e discurso) seja transmitido por outro equipamento, situado em uma viatura onde está o operador de microondas. Depois de acertados a imagem e o som, a viatura de microondas, onde está o operador, recebe o sinal captado pela câmera e o som do microfone e os envia por um equipamento de transmissão, da viatura para a emissora. Os sinais são recebidos por outros aparelhos eletrônicos e enviados pelos poderosos transmissores de microondas, via antena, para os receptores (antenas simples) instalados nas residências do público telespectador. Todo esse arsenal justifica a transmissão de uma notícia em tempo real, dada a importância do relato a ser produzido pelo profissional de comunicação.

É claro, também, que não se pode esquecer dos outros profissionais envolvidos, neste que parece ser um pequeno procedimento para o aparecimento do repórter na tela dos aparelhos de TV na casa dos telespectadores. Além dos três já apontados, uma gama de pessoas atua nos bastidores. É o caso dos jornalistas de redação e do controle geral, que

mantêm contato permanente com o repórter e a equipe que está com ele. A redação, desde os checadores³⁰ e editores de texto e imagem, está sempre em contato com o repórter. O pessoal do controle geral, alguns jornalistas e outros técnicos - diretor de imagem, operador de áudio - mantêm conversas com o cinegrafista, o auxiliar e o operador de microondas. O objetivo dessa constante troca de informações é fazer com que o repórter, quando aparecer no vídeo dos milhões de aparelhos, tenha a informação precisa e atualizada e para que sua imagem e fala não sejam prejudicadas com chiados ou ruídos no som e corte ou queda da qualidade de imagem.

Os transmissores, as antenas, dependem da engenharia. Os engenheiros projetam esses equipamentos no sentido de evitar que o sinal sofra interferências de barreiras naturais como serras, montanhas, prédios. Ou seja, é possível numerar centenas de outros profissionais que estão por trás da transmissão em tempo real, tudo para a agilidade da informação. Neste sentido, o incremento de novas tecnologias ampliou o processo de reportagem externa, com utilização de outros recursos em outros meios de comunicação. Nos últimos vinte anos, com o advento da rede mundial de computadores, a Internet, o jornalismo ampliou seus caminhos em torno da agilidade e simultaneidade. As notícias hoje não são mais uma produção exclusiva de jornalistas. Aliás, nunca foram, levando-se em consideração que elas partem sempre de uma fonte – pessoas, envolvidas num acontecimento, que são personagens e, portanto, a notícia em si. O jornalista, o repórter, é apenas o intermediário entre o acontecimento (realidade dinâmica, fato que merece ser conhecido) e a sociedade, respeitados o caráter ético, de interesse e de

³⁰ Jornalistas que fazem levantamento de informações iniciais de uma notícia, fazem contatos com fontes

probidade deste. A mídia eletrônica (rádio e televisão) atualmente compete em agilidade com a WEB. Esta, em razão da sua alta tecnologia, permite que qualquer pessoa, jornalista ou não, através de e-mails, blogs, fotoblogs e outros recursos considerados abusivos e ilegais no meio, como os spams, possa transmitir ou divulgar um acontecimento muito mais rápido que as outras mídias. Por isso mesmo, a mídia impressa (jornais e revistas) coloca seus conteúdos também na Internet, como forma de aprimoramento e de interação com seus leitores. Os jornais competem, portanto, desta forma, em agilidade com a mídia eletrônica.

Com o avanço da tecnologia houve a transferência da mídia eletrônica para o novo meio de comunicação. Hoje as emissoras de rádio e TV mantêm na Internet sua grade de programação. É comum acessar páginas das empresas de comunicação aberta **VHF**, de assinatura (satélites e cabos) e as de **UHF**³¹ pela rede mundial de computadores. Também é possível, ao mesmo tempo, ligar o aparelho de TV e assistir aos canais ou ligar o rádio e ouvir sua programação, assim como acessar, pelo computador, essas mesmas emissoras e ver e ouvir suas produções na web. Nesse universo, portanto, as transmissões em tempo real, a mesma reportagem “Ao Vivo” dos telejornais, também podem ser vistas na Internet, ainda que sua transmissão original seja pela emissora de TV em todos os seus aspectos operacionais. Mas esse estudo não é relativo à recepção, mas sobre a emissão do discurso do repórter, independentemente do meio no qual ele é recebido. Mesmo a recepção sendo

oficiais ou não e repassam essas informações aos repórteres.

³¹ Abreviatura de *Ultra High Frequency*. Freqüências de 300 até 3000 MHz que correspondem aos canais de 14 a 83

feita pelo computador, quando a pessoa acessa a internet e assiste à TV, o meio é a TV, porquanto a Internet retransmite os sinais emitidos pela TV.

3.2 – Modalidades do Ao Vivo

A pesquisa em torno do improviso na reportagem em tempo real na TV poderia analisar uma série de situações de transmissão de informações na televisão. Porém, para que haja o entendimento de que tipo de “Ao Vivo” está sendo pesquisado, vale mostrar, neste capítulo, algumas modalidades de transmissão em tempo real na mídia audiovisual.

Entre as mais comuns, e na qual o improviso é fundamental, está a transmissão de partidas de futebol. Neste caso, além do apresentador, há a participação de outros profissionais, como o repórter de campo, os comentaristas e os convidados. Quando se faz a transmissão de um jogo de futebol, tudo é “Ao Vivo”, porém, pode-se avaliar as questões da linguagem específica utilizada pelos profissionais deste segmento. O narrador esportivo possui alguns elementos disponíveis para a formação de seu discurso. Além dos jargões e clichês comuns do esporte, o narrador conta com um resumo de todos os que estão diretamente envolvidos no espetáculo: o nome e o número da camisa dos onze titulares, dos reservas, da comissão técnica, do técnico, seu auxiliar, dos bandeirinhas, do árbitro e até mesmo dos patrocinadores, como material para a prática do improviso, no termo mais simples, de criar emoção e assim evitar as repetições de frases. De certa forma, o discurso do apresentador (narrador), do repórter de campo, dos comentaristas e

convidados, está direcionado ao telespectador, que, eles sabem, é apaixonado pelo esporte ou pela agremiação em campo.

O programa de auditório também empresta técnicas ou faz um tipo superficial de telejornalismo quando, em algumas ocasiões da transmissão, o apresentador faz entrevista com algum especialista ou divulga um acontecimento importante, convocando um repórter para uma intervenção. Na maioria das vezes, a apresentação do programa é “Ao Vivo”, com o apresentador, os entrevistados e os convidados em tempo real, mas o discurso do apresentador é controlado, por vezes, pelo diretor, através do “ponto”³² ou o texto também está no “teleprompter”³³. O “Ao Vivo”, neste caso, é todo improvisado, mas o discurso passa pelo entretenimento e não pela apuração do assunto, restringindo desta forma a possibilidade de se analisar um discurso com começo, meio e fim.

Um telejornal também é “Ao Vivo”, mas o âncora lê constantemente o *teleprompter* com texto previamente elaborado e preparado, inclusive, com as entonações e alguns comentários. Essa característica define o que o apresentador diz, portanto, nem sempre é um improviso. Durante sua exibição existem entradas “Ao Vivo”, nas quais o repórter está no local dos acontecimentos, em tempo real, porém com fatos em tempo passado, ou seja, já aconteceram. O repórter terá que se basear nos relatos de terceiros para estipular o que realmente ocorreu no local e remeter o telespectador às imagens gravadas anteriormente à sua chegada no local. Em decorrência desta

³² Aparelho de comunicação interna, que permite ao diretor do programa comunicar-se com o apresentador, dando-lhe informações, repassando lhe dados, índices e até mesmo perguntas que devem ser feitas ao entrevistado.

³³ Aparelho que permite o texto ser lido pelo apresentador enquanto olha para a câmera e dá impressão de que a narrativa é feita sem leitura e de improviso.

situação, repórter em tempo presente e fato em tempo passado não são ponto referencial para o questionamento proposto na elaboração deste projeto de pesquisa.

Diante de acontecimentos envolvendo questões de ordem governamental, os eventos políticos, como os acompanhados diante da crise política e institucional brasileira relacionada ao caso “mensalão”, suspeita de que alguns deputados recebiam verbas do partido de sustentação do governo para votar a favor dos projetos enviados pelo Executivo ao Legislativo, muitas transmissões foram efetivadas em tempo real com o depoimento dos suspeitos de envolvimento no esquema. Tais transmissões, em especial nas Comissões Parlamentares de Inquérito (CPIs), instaladas no Congresso Nacional, foram feitas em tempo real. Nesse ínterim vale uma explicação. O fato tornou-se conhecido com denúncias de cobrança de propina, graças a uma reportagem publicada numa revista de circulação nacional, e logo ganhou imagens e espaço na televisão. Após a divulgação das imagens da cobrança de propina, inúmeros fatos vieram à tona, inclusive que vários deputados recebiam as verbas, e suscitaram a instalação das comissões onde foram coletados depoimentos dos suspeitos. A transmissão das sessões das CPIs foi “Ao Vivo” pela TV Câmara, veículo de comunicação do poder Legislativo, através da qual as falas dos deputados eram transmitidas em tempo real, com todos seus ingredientes: sem cortes, falas interrompidas, silêncio e som ambiente. Trata-se de uma transmissão “Ao Vivo”, porém, sem a presença de um repórter. Em razão disso, não é objeto deste trabalho.

Em outros casos, a mesma imagem era utilizada por redes de TV aberta, com o repórter em tempo real convocando imagem e som em tempo passado,

ou seja, depoimentos gravados. Este também não é o momento em que se centra essa pesquisa, pois o repórter está no local em tempo real, mas com fatos em tempo passado. Deixa, portanto, de ser totalmente “Ao Vivo” e ainda há uma interrupção no discurso do jornalista, pois, ao se cortar a imagem dele (repórter) para as cenas gravadas nas CPIs e, por conseguinte, dos depoimentos dos envolvidos, ele pode fazer uso de texto previamente escrito e estruturado conforme planejamento prévio, ou seja, no tempo em que há o chamado sobe som do plenário com a imagem deste, o repórter pode se socorrer do texto para, no momento seguinte, retomar o discurso e encerrar a transmissão, conforme o tempo de permanência do boletim no ar por determinação da editoria.

Há ainda as situações em que, nestes eventos políticos, o repórter faz sua narrativa em tempo real e convoca discursos em tempo real feito nos plenários das CPIs - perguntas feitas pelos deputados e respostas dadas pelos convocados a depor – também em tempo real. Apesar de prevalecer o “Ao Vivo”, este caso também não será alvo deste trabalho em virtude da possibilidade do jornalista, ao transferir o áudio para o plenário, ter tempo para checar um texto pré elaborado e pré definido, abastecer-se de novas informações, encadear idéias e ainda calcular tempo para encerrar a transmissão dentro do período previamente estabelecido com a direção de jornalismo. Como a tecnologia das transmissões permite esse jogo de imagens e de áudio, com tempo presente e passado, ou somente em tempo presente, essas situações não são objeto deste estudo.

CAPÍTULO IV

4. CAPÍTULO IV - O FAZER “AO VIVO”

Como apresentado no capítulo anterior, o “Ao Vivo” requer não somente um repórter para aparecer na tela com suas informações e sua performance, mas também a atividade requer uma sincronia com cinegrafista, assistente de áudio e operador de microondas, além de uma infinidade de outros profissionais que, da redação, checam informações para abastecer o repórter - desde o editor-chefe do jornal aos escutas. Vale destacar, na seqüência, que a língua como objeto de análise pode ser influenciada por hábitos da sociedade e por isso pretende-se demonstrar que as expressões usadas pelos repórteres, quando improvisadas pelo uso de jargões, clichês ou protocolos jornalísticos, podem se afastar do foco principal da notícia. Mas o fazer “Ao Vivo” pode representar um momento mágico da atividade para muitos profissionais, enquanto que para outros significa um temor. Nem todos os repórteres são capazes de fazê-lo. Destacam-se para a atividade os mais experientes e com controle emocional.

4.1 - Os profissionais do “Ao Vivo”

“O repórter tem de ter muito jogo de cintura, esquecer que está “Ao Vivo”, aquele medinho, e passar o máximo de informação possível”, comenta Fernanda de Lucca, repórter acostumada aos *links* da TV Record de São Paulo. Ou ainda, como afirma Carlos Cavalcante, professor da Universidade Paulista e ex-repórter da mesma emissora: O momento mais importante da carreira de qualquer profissional, de qualquer jornalista, é exatamente o “Ao

Vivo”. Esses profissionais são alguns dos entrevistados que contribuíram para explicitar um pouco a formatação textual do repórter na transmissão em tempo real. Não são todos os profissionais que contam com a confiança da emissora para executar esse tipo de participação num telejornal, pois existem repórteres capazes de realizar textos brilhantes em matérias gravadas, mas que, no “Ao Vivo”, não conseguem improvisar e se prendem em textos escritos. Eles correm o risco, por causa do nervosismo, de passar pelo chamado “branco”, um esquecimento momentâneo sobre parte do texto a ser narrado.

Entrar “Ao Vivo” requer capacidade criativa, como já foi dito, nem sempre única e exclusiva do repórter. Mas é ele que se prepara. É ele que checa as informações principais e é ele que orienta a equipe para o desenrolar da apresentação em tempo real da notícia. “É quando não tenho um texto escrito, mas tenho as informações. Elas foram checadas, têm acurácia e sou capaz de elaborar mentalmente, depois traduzir isso oralmente em cima de fatos reais e de fatos acontecidos”, aponta Heródoto Barbeiro, gerente de jornalismo da Central Brasileira de Notícias, Rádio CBN. Segundo ele, o bom improvisado é quando se tem as informações seguras, só que elas não estão organizadas, coordenadas como um texto para ser lido.

O escritor Mikhail Bakhtin defende que os discursos podem ser definidos em gêneros. Diz ele que qualquer enunciado, desde a réplica cotidiana monolexêmica até as grandes obras complexas científicas ou literárias, captam, compreendem, sentem o intuito discursivo ou o querer dizer do locutor que determina todo o enunciado: sua amplitude, suas fronteiras.³⁴ É exatamente esse intuito que determina a escolha do gênero em que o

³⁴ Mikhail BAKHTIN, *A estética da criação verbal*. p.300

discurso será estruturado, sendo ele um elemento subjetivo, combinado com o objeto do sentido – objetivo – que forma uma unidade indissolúvel, limitado, vinculado à situação concreta (única) da comunicação verbal, marcado pelas circunstâncias individuais, pelos parceiros individualizados de suas intervenções anteriores: seus enunciados. Uma forma de coletar inicialmente um enunciado e retransmití-lo, optando, portanto, por um gênero discursivo, pois, desde que familiarizados com o enunciado anterior, percebem um todo e assim podem passá-lo adiante.

A garantia de uma boa *performance* está relacionada à boa apuração feita pelo jornalista no local dos fatos, à retaguarda da redação e às suas fontes de informação. Em uma narrativa de tempo presente e fato em tempo presente também, em que há dificuldades para se observar o que está acontecendo, muitas vezes por causa da distância do ponto de transmissão e o local dos eventos, a alternativa é colher depoimentos de pessoas que participaram deles, as personagens, de terceiros que viram ou de fontes oficiais ou fontes próprias. Mais do que saber usar jargões, bordões, clichês, repetições ou protocolos, os jornalistas que transmitem em tempo real necessitam ter consistência na apuração dos fatos anteriores e momentâneos do fato. Para o caso de outras informações, contam com a equipe de retaguarda. Redatores, editores e escutas fazem os levantamentos de dados sobre os quais o repórter fará sua entrada “Ao Vivo”. Qualquer declaração, novidade, alteração é imediatamente passada para ele, para que não haja defasagem entre o que ele informa e o fato verdadeiro. Muitas vezes, o repórter está no local do acontecimento, mas sem mobilidade para contatar uma fonte de informação e esse trabalho, na maioria

dos casos, é feito pela redação. Desta forma, o tratamento da informação requer equilíbrio, concentração e boas fontes.

O repórter César Galvão lembra de cobertura que efetuou em que não tinha imagens dos fatos. “Eu conhecia algumas pessoas que estavam envolvidas, que tinham acesso. Elas passaram a ser fontes. Iam até o local, acompanhavam por um certo momento e descreviam o que estava acontecendo ali, inclusive o que dizia um lado e outro. Então, eu tinha condições de descrever fielmente o que acontecia, através dessas pessoas.”

Vários são os casos em que este tipo de situação pode ocorrer: acidentes, tragédias urbanas ou naturais, violência. Um exemplo foi o retorno do seqüestrador de Patrícia Abravanel, filha do empresário-apresentador Silvio Santos, à casa da vítima, um dia depois de libertá-la e de ter recebido o resgate. Questões operacionais impediram que as unidades de transmissão por microondas, as viaturas das emissoras de TV, se posicionassem próximas à residência da família onde o acusado havia invadido e dominado o empresário e alguns funcionários. A Polícia Militar isolou uma área diante da casa, a fim de permitir acesso rápido aos oficiais e delegados incumbidos de negociar com o seqüestrador. Ao longo da rua, câmeras se instalaram sobre as viaturas e nas casas vizinhas, para obter o melhor ângulo da porta principal por onde as autoridades chegavam, entravam e saíam.

Foram horas de transmissão “Ao Vivo” em que a coleta das informações era atributo do repórter e dos assistentes da redação que foram enviados para a cobertura. Essa apuração dependeu de funcionários da família Abravanel, de policiais que podiam entrar e sair da casa e dos oficiais da PM indicados para negociar. “Eu não tinha o visual direto, mas eu tinha pessoas

que tinham acesso e que me passavam informações. É um trabalho que você vai adquirindo com muito tempo, vai adquirindo a confiança das fontes e elas passam a te ajudar”, salienta César Galvão. Essa relação, porém, exige cautela, pois, além da confiança necessária, é importante que o jornalista saiba filtrar os dados que recebe. Sem condições de confirmar a veracidade dos detalhes, o repórter organiza as informações, elabora um texto e, para as situações que podem gerar dúvidas, utiliza os jargões, improvisando sobre o que recebeu de uma fonte, transferindo para um momento futuro a confirmação do fato, como se vê na seqüência.

O acidente com o Fokker 100 da TAM foi um desses casos em que os repórteres abusaram da improvisação. Fernanda de Lucca lembra que chegou a ficar 40 minutos no ar. “Às vezes você comete excessos com o improviso, mas de certa forma é perdoável, por isso tem que manter a ordem cronológica e não se apavorar para não se confundir.” A cena do acidente, dos corpos carbonizados e enfileirados após serem retirados dos destroços, tudo era mostrado “Ao Vivo”. Também neste acidente as emissoras tiveram dificuldades para instalar seus equipamentos, uma vez que a área foi delimitada para o trabalho das equipes de resgate do Corpo de Bombeiros, Defesa Civil e Voluntários. “Essas pessoas alimentavam os repórteres com informações. Era uma coisa meio tumultuada porque eles estavam trabalhando, não tinham tempo para dar entrevistas, era na conversa e você tinha que acompanhar isso”, conta a jornalista. Quando o fato está acontecendo, o improviso ajuda a permanecer o tempo necessário no ar, mas a informação não é confirmada prontamente e, por isso, são usados na narrativa do repórter os termos considerados jargões, clichês, redundâncias e repetições

ou mesmo os protocolos jornalísticos. “Você joga com isso, porque é impossível ter certeza de uma coisa que ainda não está definida,” observa a repórter.

Essa exposição, em alguns poucos segundos, ou em casos mais graves de minutos, talvez até horas, como em alguns casos de grandes proporções, depende de combinação, de um pré estabelecimento entre o que será dito pelo repórter e o que será mostrado pelo câmera. O fazer “Ao Vivo” sempre requer muito cuidado. Além de um texto casado com a imagem de fundo ou aquilo que se está expondo, necessita-se também de aprimoramento na linguagem a ser utilizada. Os profissionais que executam tal tarefa sabem que o melhor meio de se fazer uma transmissão simultânea é estabelecer uma conversa com o espectador, de forma que ele possa entender o que se está dizendo. A linguagem nesses casos deve ser de forma coloquial. O discurso improvisado também oferece a condição de narrar o fato como se estivesse contando uma história, de forma cronológica, usando as repetições para lembrar ao telespectador o que se está transmitindo, com reforço das imagens mostradas pelo cinegrafista ou equipe. “Nós, como repórteres, somos grandes contadores de história e não adianta fazer decoreba, com palavras predeterminadas. Eu quero passar aquela emoção do momento e tentar contar uma história para aquele que está me assistindo. Começava seguindo uma certa regra, mas no meio já improvisava”, diz o jornalista Carlos Alberto Maglio, do Sistema Globo de Rádio e ex-repórter do SBT.

Mikhail Bakhtin, no início do século XX, dedicou-se aos estudos da linguagem e da literatura e foi o primeiro a empregar a palavra gêneros com um sentido mais amplo, referindo-se também aos “tipos textuais” que são

usados nas situações cotidianas de comunicação. Segundo Bakhtin, todos os textos que produzimos, orais ou escritos, apresentam um conjunto de características relativamente estáveis, tenhamos ou não consciência delas. Essas características configuram diferentes tipos ou gêneros textuais que podem ser identificados por três aspectos básicos coexistentes: o assunto, a estrutura e o estilo (procedimentos recorrentes de linguagem).

A escolha do gênero não é completamente espontânea, pois leva em conta um conjunto de parâmetros essenciais, como quem está falando, para quem está falando, qual é a sua finalidade e qual é o assunto do texto. Por exemplo, ao contar como ocorreu um conjunto de fatos, reais ou fictícios, faz-se uso de um texto narrativo. Neste ponto, pode-se observar que o autor indica a formação de um discurso para explanação de um fato ou acontecimento e sua forma narrativa é para manter a ordem cronológica dos acontecimentos.

Para tornar possível o casamento do discurso com as imagens, o repórter tem um aparelho de TV como retorno de imagens, uma TV portátil de mão, ou ainda pode contar com o “ponto”, através do qual o editor ou assistente fala e explica ao repórter o que está sendo mostrado no instante em que ele transmite. A agilidade mental do profissional “Ao Vivo” ou sua capacidade de improvisar será fundamental nesses momentos pois ele fala, ouve e organiza o discurso para que a informação não se perca. Mais ainda, ele pode comprometer esse trabalho se cometer erros em excesso na oratória.

O professor de telejornalismo da Universidade Paulista e ex-repórter da TV Record de São Paulo, Carlos Cavalcante, diz que o principal conteúdo é aquilo que o repórter está vendo, mas que ele não deve florear o assunto. Deve transmitir na forma íntegra, de uma forma profunda e com análises claras. “É

como dar um recadinho para a vovó que tem um pouco de dificuldade para entender”, observa Cavalcante.

Já Heródoto Barbeiro afirma que a improvisação é uma maneira de se aproximar do público alvo. “Quando se improvisa, se dialoga, se estabelece uma conversa com o ouvinte ou telespectador”, diz ele. “Pensar em quem está do outro lado, o que merece saber, o que tem direito de saber, sempre se colocar no lugar do espectador”, reforça César Galvão. “Com o improviso fala-se para milhões de pessoas, interagindo com todas elas”, amplia Carlos Maglio. As entrevistas e todo o seu conteúdo estão disponíveis no anexo deste projeto.

4.2- A reportagem televisiva dos bordões

O fazer jornalismo em tempo real requer muito mais que uma criatividade individual, porque é uma atividade que se completa a partir de múltiplas ações de outros profissionais. O texto, o discurso, a oratória e o ato de improvisar, são de responsabilidade do repórter que está no ponto, à frente da câmera, para transmitir a notícia, mas ele chega a este momento auxiliado por outros, inclusive por suas fontes de informação, as quais lhe abasteceram com os detalhes que ele organizará e transformará em discurso. Por isso, a investigação acerca da improvisação do discurso em tempo real foi buscar nos profissionais de telejornalismo algumas características fundamentais para a transmissão “Ao Vivo” como forma de estabelecer em que momento os repórteres deixam um pré-texto e organizam a informação de forma improvisada.

Basicamente, é necessário observar que o improvisado é característico do ser humano com capacidade de estabelecer padrões de comunicação ou atividade de forma inesperada, fora do contexto estabelecido, daí algumas definições para a palavra e o ato de improvisar:

Improviso: adjetivo, “que se improvisou; inopinado; repentino; imprevisto. Enquanto substantivo masculino é tudo aquilo que é feito ou dito sem preparação, sem ensaio prévio, como exemplo “recitou um improviso em homenagem ao aniversariante”. O improviso está presente na música, nas artes cênicas como composição não muito extensa, em geral para piano, de forma livre, mas não necessariamente improvisada, sendo ainda produto musical momentâneo e não individualizado ou um

*conjunto de modificações momentâneas introduzidas pelo intérprete numa composição, no momento da execução.*³⁵

Tal introdução inesperada ou modificação sem aviso prévio por parte do agente é defendida por alguns autores como capacidade intelectual, individualizada, característica única e própria do indivíduo, portanto, sem condições de análise conceitual ou teórica, tendo em vista ser uma capacidade humana. É o caso de Steven Pinker³⁶, de que é uma criatividade inerente ao ser humano. Um dos recursos que se utiliza são os chamados vícios de linguagem, que se estabelecem por meio de bordões, repetições de frases ou palavras, jargões, clichês e protocolos jornalísticos.

Considerando-se a língua como objeto de análise através das criações influenciadas por hábitos da sociedade, este projeto busca analisar as expressões provenientes da reportagem televisiva e verificar se há influência entre as expressões usadas pelos repórteres quando fazem uso de expressões improvisadas, com bordões, jargões, frases feitas ou clichês jornalísticos. Parte-se do princípio de que as diversas formas de falar de uma comunidade tornam possível perceber a diversidade de expressões e de diferenças na comunicação. O uso de uma língua varia de época para época, de região para região, de classe social para classe social, e assim por diante. A língua é a estrutura que compreende as convenções adotadas por determinado grupo social. A fala está sujeita a modificações regionais, gírias e jargões, relacionados à forma como os indivíduos utilizam essas convenções. Segundo a professora Nelly Carvalho, da Universidade Federal de Pernambuco, a

³⁵ Dicionário Houaiss

³⁶ Steven PINKER. *O instinto da linguagem: como a mente cria a linguagem*. p.111

linguagem usada nos meios de comunicação tem uma grande parcela de responsabilidade pela capacidade de influenciar o público.³⁷

Entre as criações permitidas pela língua, as gírias ganham lugar de destaque como criações populares que nascem da busca de maior expressividade e que ocorrem em cidadãos das mais variadas classes sociais. Desta feita, expressões de aspecto particular a determinadas profissões são conceituadas no dicionário Aurélio como jargões.

Historicamente, o conceito dos jargões sofreu alterações desde a Idade Média. No início, a palavra descrevia o gorjeio das aves e também a fala incompreensível, um gargarejo: "jargon", em francês, e "gargle", em inglês, saem da mesma raiz. Ao se espalhar de uma língua para outra, o termo ganhou o sentido de gíria de submundo e só passou a designar as linguagens técnicas a partir do século 19, com o surgimento de profissões, quando grupos de novos especialistas começaram a marcar seus territórios temáticos, criando jeitos próprios de falar.³⁸ O jargão está relacionado tanto ao ouvido do ouvinte quanto à língua do falante, oferecendo à história da linguagem muitas palavras consideradas anteriormente jargão e que passaram a ser consideradas inofensivas ou até mesmo indispensáveis.³⁹

O termo jargão era usado para se referir à fala ininteligível, um tipo de gargarejo (*gargle*), ou seja, mera “tagarelice”, ou “lengalenga”. Por volta do século XVI, essa expressão era usada em inglês, vindo a espalhar-se para o italiano (*gergo* ou *zergo*), espanhol (*jerga*, *jeringonza*) e português

³⁷ Nelly CARVALHO, *Linguagem jornalística, aspectos inovadores*. p.86

³⁸ Peter BURKE, *Línguas e Jargões* 1997, p.70

³⁹ Idem, *ibidem* p.71

(geringonça).⁴⁰ O jargão deve ser entendido como uma linguagem técnica banalizada, devido ao grande uso, decorrente do prestígio lingüístico. É importante destacar que o prestígio social de determinadas atividades vai contribuir para essa banalização. Os jargões podem ser enriquecidos pela criação individual, que é de pouca duração, e não chega a passar para o grupo.

Em outros casos, os termos acabam desgastados pelo uso inadequado em determinados contextos e situações de comunicação.⁴¹ Há ainda quem considere o jargão uma língua especial de âmbito restrito a um grupo social e em função exclusiva desse mesmo grupo, como o jargão dos médicos, engenheiros, malfeitores, estudantes, jornalistas, etc.

4.3 – Os profissionais e seus discursos

É impossível, através de pesquisa científica, apontar ou mesmo conceituar o improviso praticado pelo profissional de TV, e mesmo o de rádio, em seus discursos. Não há uma regra nem tampouco se pode formular estratégias de improvisação para os chamados momentos de esquecimento, “os brancos”, que ocorrem ocasionalmente quando se faz uma transmissão “Ao Vivo”. Não há um roteiro a ser seguido senão aquele que cada indivíduo toma para si a partir da sua própria educação e convivência em sociedade. É desta relação com os demais que esses profissionais podem, cada um a sua maneira, conforme o aprendizado e formação intelectual e moral, dar a um discurso de terceiro ou às imagens que percebe e vê uma narração capaz de ser

⁴⁰ Idem, ibidem, p.08

⁴¹ Dino PRETTI, *Análise de textos orais*.p.17

aceita e compreendida pelos telespectadores ou ouvintes. Mesmo se nos prender a achar o momento certo em que o repórter iniciou sua improvisação, no texto, é algo difícil porque não há possibilidade de se obter, no dado instante da narrativa, o que o cérebro pensa e o que efetivamente está sendo lançado pela fala. Para tanto, nem a ciência, com seus avanços tecnológicos, ainda é capaz de registrar o banco de dados de nossa memória e saber se o que pensamos é exatamente o que falamos.

Por essas razões, os profissionais do “Ao Vivo” sabem que a utilização dos recursos ou vícios de linguagem são permitidos numa transmissão em tempo real, quando atendem a uma cartilha expressa de orientações do que pode e do que não pode ser dito. A cartilha é redigida em forma de manuais de redação, mas boa parte das recomendações são dadas efetivamente de forma pessoal, diretamente pelos coordenadores de redação, editores-chefes ou diretores de redação aos repórteres, âncoras ou quem for se apresentar “Ao Vivo”. Em casos específicos, como o apresentado nesta pesquisa, há recomendações sobre palavras que não devem ser faladas no ar, mesmo em texto improvisado, mesmo como jargões, clichês ou protocolos. A relação das palavras que devem ser evitadas é diferente de emissora para emissora.

Uma, como é o caso da redação da TV Record, recomenda aos profissionais que não usem palavras de baixo calão, como pode ser observado nas entrevistas de seus profissionais. Tanto Fernanda de Lucca, como Carlos Cavalcante, ambos, então repórteres do programa Cidade Alerta, que deixou de ser apresentado na emissora, observam que as palavras de conteúdo representativo de algumas categorias sociais, como é o caso do setor policial, devem ser evitadas quando se está “Ao Vivo”. Ainda que essas palavras sejam

do conhecimento do profissional de comunicação, tendo em vista sua relação com os agentes de segurança, é necessário transportá-las para o universo do receptor. O objetivo neste caso é que o telespectador entenda o que está sendo transmitido. A convivência dos policiais com criminosos também apresenta formações de palavras cujos significados são conhecidos especificamente por quem tem contato com a área e, portanto, devem ser evitadas.

Já na Rede Globo de Televisão, por exemplo, de acordo com as normas de linguagem disponíveis aos profissionais, determinadas palavras do segmento policial devem ser prudentemente evitadas, como é o caso de “viatura” ou “DP”. A troca dos termos por “carro da polícia” e “Delegacia de Polícia”, sempre que há algum tipo de cobertura e é melhor aceita pelos editores, redatores e, conseqüentemente, de acordo com as normas, por telespectadores ou consumidores de seus telejornais. Além disso, por questões estritamente editoriais, a linguagem se torna uníssona, ou seja, todos os profissionais, quando atuam no segmento policial, usam termos semelhantes e denotam portanto consistência e conhecimento daquilo que transmitem em tempo real ou não.

CAPÍTULO V

5. CAPÍTULO V - O “AO VIVO” QUE PAROU UMA CIDADE

Até aqui a dissertação se ocupou de uma análise teórica sobre a questão do discurso, da linguagem, da narrativa, da apresentação de um breve histórico da TV no mundo e no Brasil, de como é o “Ao Vivo” nas emissoras de TV aberta, questões técnicas e aprofundamento sobre a operacionalização da transmissão em tempo real. Agora, é o momento de mostrar como ocorrem essas situações e se, de fato, como pressupomos nas hipóteses desta investigação, a improvisação se afasta do foco da realidade dinâmica noticiada. O objeto de estudo deste capítulo é o fazer jornalístico “Ao Vivo” no dia 15 de maio de 2006, quando integrantes de uma facção criminosa que se identifica como Primeiro Comando da Capital, ou PCC, com atuação nos presídios do Estado de São Paulo, decidiram atacar bases da Polícia Militar, Guarda Civil Municipal e prédios públicos e particulares. Os ataques, que começaram durante o final de semana, na Sexta-feira, dia 12 e no Domingo, 14, se estenderam pela madrugada de Segunda-feira, dia 15, quando ônibus foram queimados, agências bancárias incendiadas e agentes de segurança mortos.

As emissoras de rádio, TV, sites e jornais realizaram cobertura constante dos acontecimentos, que foram repetidos durante todo o dia. As emissoras de rádio e TV atuaram na repercussão dos fatos, ou seja, transmitiram “Ao Vivo”, desde os números estatísticos anunciados pelos órgãos governamentais sobre os ataques, às decisões tomadas pelas autoridades para tentar impedir outras ações criminosas. Sites e jornais divulgaram, pela Internet, informações que necessitavam de respostas

imediatas, nem sempre obtidas, gerando diversificação de prováveis ataques que nunca foram registrados. Tal situação amplificou boatos, informações falsas atribuídas a supostos integrantes da facção, e disseminou o pânico entre a população. Empresários do setor de transportes, temendo prejuízos, determinaram a redução da frota nas ruas; comerciantes com medo de arrastões, baixaram portas; donos de escolas e universidades particulares com medo de ataques e incidentes com seu corpo docente e discente, suspenderam as aulas; diretores das estaduais seguiram o mesmo caminho. Viu-se uma cidade parada pelo medo. Um medo causado pela falta de segurança, mas muito mais pelos boatos que nunca se concretizaram naquela data. É sobre esses acontecimentos que registramos o material que serviu de base para nossa análise do imprevisto no discurso da reportagem em tempo real. Para isso, é feita uma comparação das narrativas com observação ao uso do imprevisto por meio de bordões, jargões, clichês, frases feitas ou protocolos jornalísticos, apontando-os nos discursos dos profissionais.

5.1 – O relato improvisado

Neste capítulo também é analisado o tempo dos *links*, da linha editorial seguida no princípio dos acontecimentos. Tal abordagem é trabalhada após a entrada em cena dos organismos oficiais, momento em que se percebe nitidamente a mudança de foco no discurso dos repórteres, que perdem o imprevisto com pouca fundamentação para assumir uma orientação em torno das informações oficiais. Por isso, é necessário apontar o material utilizado para esta análise.

Foram decupadas as entradas “Ao Vivo” dos jornalistas que estavam nos *links* das emissoras Globo e Record. No total, foram 4 horas e 30 minutos de gravação, feitas entre 12h10 – a partir do SPTV 1ª Edição – e 18h40, no encerramento da edição extraordinária do Jornal da Record, da Rede Record. A escolha pelos telejornais dessas emissoras se deu por serem considerados de padrão três por quatro (3x4) ou padrão americano, modelo de jornalismo considerado sério em relação aos programas jornalísticos de cunho policialesco. Neste último o imprevisto é constante e muito mais sensacionalista, em razão da busca pela audiência.

No período indicado acima, as emissoras começaram a repercutir os ataques por meio de boletins informativos – intervenção “Ao Vivo” do repórter na programação – e em determinado momento, decidiram manter transmissão constante. No caso da TV Globo, por exemplo, as interrupções ocorriam durante a Sessão da Tarde. O jornalista e apresentador Carlos Tramontina convocava as informações em tempo real dos repórteres distribuídos em quatro pontos diferentes de transmissão (elencados a seguir). Na Rede Record, a apresentadora do Jornal da Record, Adriana Araújo, antecipou a entrada do telejornal e se manteve no ar durante 55 minutos entre 17h20 e 18h40.

O objetivo é mostrar que a narrativa “Ao Vivo” predispõe de informações, muitas vezes, sem o devido conhecimento por parte daquele que a retransmite e que pode comprometer a atividade fim do jornalismo, que é servir de intermediário entre o fato e a sociedade que precisa saber sobre ele. Presume-se, para a realização deste papel, a idoneidade do agente (repórter), a credibilidade do veículo (exigência da transmissão da verdade, sempre), a

imparcialidade (os dois lados da notícia) e, finalmente, a mensagem (linguagem adequada para entendimento e compreensão dos receptores). Ele, o repórter, situa-se como telespectador e assume o papel deste para entender a notícia e verificar o que ele (telespectador) gostaria de saber. Quando isso ocorre, tem-se, portanto, uma condição do relato do presente calcado nas experiências do passado, numa referência temporal do passado, mas que se transforma em discurso presente, de fato ocorrido no presente e transmitido no momento em que acontece.

Neste ponto, como observa Bakhtin, “o discurso citado é o discurso no discurso, a enunciação na enunciação, mas é, ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação”.⁴² Ao montar um discurso para relatar as imagens que vê, o repórter busca os dados relativos ao acontecimento, obtidos por meio de um discurso de terceiro, que pode ser um personagem, uma pessoa que observou ou ainda o jornalista da redação que também recebe informações de terceiros, checa, confirma e repassa ao repórter. Até o momento da transmissão, o repórter tem uma gama de discursos dos quais retirará subsídios para formação do enunciado próprio. Na medida em que essas informações de terceiros acabam sendo colocadas em ordem cronológica, o repórter inicia a montagem de um repertório ao qual busca dar conteúdo e chegar o máximo que puder da pormenorização da realidade dinâmica.

Entretanto, a partir da existência autônoma que o discurso de outrem passa para o contexto narrativo, conserva o seu conteúdo e ao menos rudimentos da sua integridade lingüística e da sua autonomia estrutural

⁴² Mikhail BAKHTIN, “*Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*”, p.144

primitivas, o que representa que o repórter, mesmo improvisando, estará mantendo características iniciais do discurso feito a ele por quem presenciou o fato. Daí a observação de Bakhtin de que:

“a enunciação do narrador, tendo integrado na sua composição uma outra enunciação, elabora regras sintáticas, estilísticas e composicionais para assimilá-la parcialmente, para associá-la à sua própria unidade sintática, estilística e composicional, embora conservando, pelo menos sob uma forma rudimentar, a autonomia primitiva do discurso de outrem, sem o que ele não poderia ser completamente apreendido.”⁴³

5.2 - A progressão da informação

Primeiras horas da manhã de Segunda-feira, 15 de maio de 2006, cidade de São Paulo. Ônibus de empresas de transporte de passageiros são atacados em bairros da periferia, nas zonas Sul e Leste. As informações dão conta de que os motoristas foram obrigados a parar, abrir as portas para os passageiros descerem e, só então, os “criminosos” botaram fogo para destruir os carros. Para se entender este episódio é bom lembrar: três dias antes, na Sexta-feira, 12 de maio de 2006, supostos integrantes de uma facção criminosa teriam iniciado ataques contra bases da Polícia Militar do Estado de São Paulo, da Guarda Civil Municipal, da Prefeitura de São Paulo, contra prédios que abrigavam delegacias de polícia e agentes de segurança, guardas civis, policiais civis e militares. Os ataques continuaram no Sábado e no Domingo, se estendendo até a madrugada de Segunda-feira, com o fogo ateados nos

ônibus. A ordem para os ataques, de acordo com a Folha de São Paulo, teria sido dada de dentro dos presídios paulistas por integrantes de uma facção conhecida como Primeiro Comando da Capital (PCC), em razão de vários de seus líderes terem sido transferidos de presídios e alguns terem sido levados para o RDD (Regime Disciplinar Diferenciado), aplicado nas penitenciárias de segurança máxima na região de Presidente Prudente, Presidente Epitácio e Presidente Bernardes, no interior do Estado. A ordem, de acordo com o jornal, era para atacar as bases policiais mas, em algum momento, a determinação foi ampliada e alguns guardas civis, policiais militares e civis, foram mortos. Os ataques do final de semana, entre os dias 13 e 14 daquele mês, continuaram na Segunda-feira, dia 15, no período da madrugada, com o vandalismo praticado contra ônibus e agências bancárias e prejudicaram a população.

A imprensa realizou sua cobertura, gravando imagens, colhendo depoimentos, sonoras, e abrindo investigação para descobrir as razões dos ataques contra civis. É neste trabalho de apuração, com as entradas “ao Vivo” na programação das emissoras de rádio, TV e Internet, que essa pesquisa desenvolveu sua investigação, delineada na problemática apresentada. Pela manhã, os telejornais matutinos repercutiram o clima de tensão causado pelo vandalismo, mantendo o foco nos ataques praticados contra delegacias de polícia, bases da PM e GCM, e nas mortes ocorridas na guerra entre a polícia e os integrantes daquela facção criminosa. O discurso dos repórteres dos telejornais da manhã tem tempo presente de fato acontecido, ou seja, a narrativa em tempo presente, porque o narrador estava no local dos fatos, porém, o fato em si, já havia ocorrido. E, assim, toda a narrativa dos

⁴³ Idem, *ibidem*. p.145

repórteres, naquela ocasião, resgatava os depoimentos de pessoas que presenciaram a prática do delito, que conseguiram escapar dos veículos sem serem importunados pelos criminosos, mas que podiam, através de seus relatos, contemporizar a notícia e contribuir com o trabalho desenvolvido pelos jornalistas e os veículos de comunicação. Os exemplos: utilização do helicóptero com sobrevôo pela área do vandalismo e imagens de um ônibus queimado, destruído, lembrando, através de depoimentos de pessoas que estavam nos respectivos veículos, as cenas que seguiram após serem obrigados a deixar o transporte; ou, ainda, *motolinks* – motocicletas equipadas com transmissores de imagens – na porta das agências bancárias, atacadas com coquetéis molotov, onde o repórter colhia depoimentos de clientes e usuários daquela unidade sobre as dificuldades para pagamento de contas e saques, entre outros serviços bancários.

Ainda nos telejornais do meio-dia, o discurso se manteve sobre as repercussões dos ataques: números de bases atacadas, números de policiais civis, militares e guardas civis mortos, número de agências bancárias e ônibus destruídos pelos vândalos. Porém, em todas as narrativas, a lembrança dos fatos estava ligada ao Primeiro Comando da Capital, a facção criminosa que age nos presídios de São Paulo, ou seja, a ordem para os ataques tinha sido dada, de dentro das unidades penitenciárias, por criminosos, contra o Estado e contra os cidadãos civis. A partir destes telejornais, algumas informações não confirmadas apontavam para novos ataques e a previsão de outros durante o dia, em especial contra o transporte de passageiros. Nas redes observadas neste trabalho, os *links* inicialmente eram feitos paulatinamente durante os programas da grade, ou seja, interrupções nos respectivos programas para

intervenções “Ao Vivo” dos repórteres que estavam espalhados pela cidade. Para se ter uma idéia da distribuição: A Rede Globo transmitiu com quatro pontos diferentes: helicóptero, unidades móveis no Palácio dos Bandeirantes, na Secretaria de Segurança Pública (SSP), e no Departamento de Investigações contra o Crime Organizado (DEIC), e outros dois em cidades do interior: Taubaté e São José do Rio Preto. A Rede Record usou o helicóptero, unidades móveis no Largo Treze, zona Sul de São Paulo, no DEIC e no palácio dos Bandeirantes.

A distribuição dos repórteres nesses locais atendeu a critérios editoriais claros, onde a notícia estava acontecendo. Na SSP, por exemplo, o comando da Polícia Civil concedeu entrevista para comentar sobre o pedido, às operadoras de telefonia celular, para impedir o funcionamento dos aparelhos dentro dos presídios. No Palácio dos Bandeirantes, os veículos de comunicação queriam uma resposta da autoridade máxima do Estado sobre a situação de caos que se instalou na cidade de São Paulo nos dias anteriores e, em especial, na Segunda-feira, diante do pânico que tomou conta dos cidadãos. No DEIC, as ações do principal departamento da Polícia Civil que investigava as ações do PCC era, na ocasião, o ponto de referência para novas e atualizadas notícias sobre prisões dos vândalos ou integrantes da facção criminosa, responsáveis pelas mortes e ataques às instituições. O helicóptero e os *motolinks* espalhados em bairros atentavam para a falta de transporte coletivo e a situação das pessoas para retornar a suas casas.

Neste ponto, vale destacar o objeto da investigação feita na pesquisa. Os telejornais do meio-dia, como o SP TV 1ª Edição, da Rede Globo, e o vespertino Jornal da Record, da Rede Record, mantiveram seus apresentadores

em plantão. O SP TV tomou lugar na grade do filme que seria exibido na Sessão da Tarde, enquanto o Jornal da Record entrou em edições extras durante o período da tarde, entre 14h00 e 18h00. Foram, em média, duas horas de notícias ininterruptas, em que o apresentador acionava as bases de transmissão em tempo real, os links, onde estavam os jornalistas destacados para a cobertura do clima tenso que vivia a Capital Paulista naquela ocasião. A edição do Jornal Nacional serviu ainda para mostrar a evolução do discurso improvisado, sem fundamentação, para o discurso oficial, com as informações de fontes oficiais.

5.3 - O uso dos bordões e do improviso

Sem condições de confirmar a quantidade de informações que chegavam ou eram publicadas em sites, as redações repassavam-nas aos repórteres nas pontas de transmissão. Mesmo a Sala de Situação da PM, ou o Copom⁴⁴, não tinham tempo de verificar se a denúncia feita era verdadeira ou falsa e, sem uma fonte oficial, as emissoras decidiram não ficar atrás em relação aos concorrentes e as informações, mesmo sem confirmação, eram lançadas com o uso do improviso através dos jargões comuns para quando se divulga uma notícia não confirmada, como se verá mais adiante no exemplo tirado de um discurso feito pelo repórter que estava no helicóptero da Rede Record.

Em edição extraordinária, no dia 15 de maio, a apresentadora Adriana Araújo, no estúdio, convoca repórteres espalhados em pontos estratégicos para

a obtenção de informações. Entre eles um repórter que sobrevoa a cidade, outro no Palácio dos Bandeirantes, um no prédio sede do Deic, outro no Largo 13, na zona Sul de São Paulo, para onde convergem milhares de trabalhadores que se utilizam de um dos maiores terminais de ônibus da cidade, o Terminal Santo Amaro. No exemplo apresentado se destacam trechos em que estão os chamados vícios de linguagem ou os jargões, clichês e frases-feitas utilizadas em transmissões “Ao Vivo”. Vale lembrar que foram aproveitadas apenas algumas das frases retiradas dos discursos emitidos pelos repórteres nas transmissões feitas “Ao Vivo”. O conteúdo total dos boletins está transcrito e disponível para observações no Anexo 2 deste projeto.

A apresentadora, ao convocar o repórter, utiliza a frase-feita comum para destacar a presença do repórter junto ao acontecimento e destaca, com maior entonação, a palavra “Ao Vivo”: “*...vamos falar Ao Vivo com ele*”... Para dar a garantia de que a informação a seguir é simultânea, ela reforça com a frase feita: “*...neste momento...*”. O repórter, por sua vez, responde com um protocolo jornalístico, iniciando a frase pelo nome de quem o convoca: “*Adriana, trânsito intenso e com...*” Ao responder desta forma, quer mostrar ao telespectador que sua entrada não é gravada, dá-se a idéia de que ambos estão conversando simultaneamente e, portanto, em tempo real. Ao encerrar e devolver a transmissão, chamando-a pelo nome “*...busca do transporte para voltar para casa. Adriana...*” isso representa uma deixa para marcar o final da narrativa do repórter, ou seja, o ponto final de sua participação, sua assinatura.

⁴⁴ Centro de Operações da Polícia Militar - unidade que recebe chamadas feitas para o 190 – número de emergência da PM.

No discurso feito pelo repórter a bordo de uma aeronave pode se destacar que ele improvisa ao confirmar informações recebidas de terceiros. A indicação de tal improviso está na prerrogativa de tempo do verbo: “...*Há informações ainda de que os comerciantes... receberam orientações... porque poderiam ocorrer ataques... Os recados estariam sendo dados...*” Por não ter como confirmar essas informações, ele reforça com a frase-feita: “...*Essas informações não foram confirmadas...*” e permanece na improvisação sobre outros dados relativos ao caso, retransmitindo notícias divulgadas por outros veículos: “... *Há o temor de que possam ocorrer arrastões, como um site divulgou...*”

O repórter no helicóptero não tem como manter contato com fontes. A ele são encaminhadas as apurações feitas pela redação, principalmente pelos escutas, jornalistas ou estagiários que atuam na apuração de um acontecimento. É desses discursos, feitos pelos escutas, que o repórter monta seu texto mentalmente ou mesmo reescreve antes de entrar “Ao Vivo”. Uma tarefa que, dia-a-dia, lhe dá uma certa tranquilidade na execução e, conseqüentemente, na elaboração de um novo discurso sobre o discurso dos escutas. De acordo com Bakhtin, o cotidiano nos mostra que se pode dispor de gêneros de discurso, criativos em sua forma, devido à nossa própria relação com o cotidiano. Esses gêneros criativos estão ligados às atividades profissionais, às relações sociais, ao meio em que se pertence. É criativo, na medida em que utiliza os recursos disponíveis para sua elaboração, com termos que se aprende e que são captados no dia-a-dia. Eles (gêneros de discurso) nos são dados, quase como nos é dada a língua materna, que dominamos com facilidade antes mesmo que lhe estudemos a gramática.

Sustenta Bakhtin que a língua materna – a composição de seu léxico e sua estrutura gramatical – não se aprende nos dicionários e nas gramáticas, mas mediante enunciados concretos que são ouvidos e reproduzidos durante a comunicação verbal viva que se efetua com os indivíduos que nos rodeiam.

Desta forma, observa-se que o discurso do repórter é exatamente a operacionalização de todo esse processo, pois, via abdução, indução e dedução, faz a primeira captação do enunciado do outro para encaixá-lo num gênero de discurso e, assim, retransmiti-lo a terceiros, neste caso, os telespectadores. Através de um repertório próprio, o repórter dá concisão, objetividade, elenca os fatos que devem ser narrados e forma a estrutura desta narração, como observa ainda Bakhtin:

Aprender a falar é aprender a estruturar enunciados (porque falamos por enunciados e não por orações isoladas e, menos ainda, é óbvio, por palavras isoladas). Os gêneros do discurso organizam nossa fala da mesma maneira que a organizam as formas gramaticais (sintáticas). Aprendemos a moldar nossa fala às formas do gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos de imediato, bem nas primeiras palavras, pressentir-lhe o gênero, adivinhar-lhe o volume (a extensão aproximada do todo discursivo), a dada estrutura composicional, prever-lhe o fim, ou seja, desde o início, somos sensíveis ao todo discursivo que, em seguida, no processo da fala, evidenciará suas diferenças.⁴⁵

⁴⁵ Mikhail BAKHTIN. *A estética da criação verbal*. p.300

O volume de informações era tão grande que os repórteres recebiam notícias não confirmadas sobre eventos criminosos e eram levados ao ar “Ao Vivo”, com suas possibilidades de entendimento ou não, sem que houvesse checagem. Em outra intervenção, o repórter Ricardo Ferraz, da mesma emissora, aponta: *“... Nós recebemos uma informação de que uma universidade no bairro de Higienópolis teria sido atingida por tiros disparados de um carro... em razão disso, as aulas na Universidade, no período noturno, foram suspensas...”*

Diante de tal situação, convém ressaltar que denúncias sobre pacotes estranhos em prédios públicos também chegavam ao Copom. O envio de agentes especializados para os endereços fomentava ainda mais o noticiário, a tal ponto de o repórter Alexandre Motta, ainda sem confirmação, anunciar: *“...Chegou para nós a notícia de que o Grupo de Ações Táticas Especiais, ... foi acionado em razão de uma suspeita de bomba em uma escola estadual na zona Sul de São Paulo... As aulas foram suspensas e os alunos dispensados.”*

Assim como a redação da Rede Record, outras emissoras também receberam um volume excessivo de ligações. O volume de informações vindas dos telefonemas era tão grande que alguns sites divulgaram supostos ataques previstos para aquela tarde. Foi o estopim para a decisão dos editores chefes dos telejornais destacarem repórteres para os principais pontos onde poderiam ser obtidas ou confirmadas as denúncias apresentadas pelas pessoas. Os jornalistas foram enviados ao prédio sede da SSP, ao Departamento de

Investigações contra o Crime Organizado (DEIC), a alguns terminais de ônibus em operação, ao centro da cidade, ou a algum bairro mais atingido pelos ataques aos ônibus, e mantiveram uma equipe aérea por meio de seus helicópteros.

Para dar mobilidade à transmissão, logo após a participação de Alexandre Motta e imediatamente a seguir, a apresentadora Adriana Araújo convoca outro repórter com o mesmo bordão: “*...De outro ponto da cidade, mais especificamente da zona sul..., o repórter Ricardo Ferraz também tem mais informações. Ricardo...*” Ou seja, ao afirmar a presença do repórter em outro ponto da cidade, a apresentadora mostra a movimentação da equipe de repórteres na cobertura dos fatos em regiões diferentes e a emissora tenta chegar mais próximo do telespectador, ou tenta mostrar que há uma gama de profissionais envolvidos no trabalho para apurar os fatos. Ricardo Ferraz, por sua vez, confirma a transmissão simultânea e “ao Vivo”, responde pelo uso do protocolo e inicia sua participação pelo nome da apresentadora: “*...Adriana, um dos maiores terminais de ônibus...*” Ele adiciona outras informações - “*parte dessas pessoas foram liberadas...*” - e encerra com a assinatura padrão repetindo o nome da companheira de trabalho: “*...por falta de segurança. Adriana.*”

Na entrada seguinte, a apresentadora retorna ao bordão de transmissão em tempo real, de proximidade à notícia, para chamar a repórter Silvia Damasceno, no Deic: *...De lá fala “ao Vivo” a repórter Silvia Damasceno...* A repórter improvisa com uma abertura diferente: “- *Olá Adriana, aqui no*

Deic...” O verbo, mais uma vez, no tempo futuro imperfeito, dá a entender que informação que ela transmite partiu de uma fonte sem confirmação até o momento da transmissão: “*...uma vez que há informações de que estaria ocorrendo em alguns bairros da periferia também e cidades do interior...*” O repórter Alexandre Motta, em uma nova intervenção, usa o mesmo artifício e narra informações passadas a ele por sua redação ou suas fontes, utilizando-se de outro jargão jornalístico para dar atualidade ao que será dito: “*...chega-nos a informação de que os comerciantes... estariam fechando as lojas... pessoas estariam ameaçando os lojistas... informações na Internet agora há pouco... Numa escola da rede estadual teria sido encontrado um pacote suspeito...*”

Também o repórter Luciano Cherubini, da Rede Globo, diante do prédio do Deic e sem condições de confirmar uma notícia, relata: “*...estamos aqui na expectativa... suspeito que teria sido preso pela polícia..*”. Por não ter certeza de tal fato, ele reforça: “*...Essas informações ainda não foram confirmadas...*” O repórter também relata uma suspeita de que o indivíduo preso seria um indultado, e a frase indica que ele recebeu a informação de uma fonte, neste caso uma da polícia, e usa o tempo do verbo para deixar claro que é uma notícia não confirmada: “*... suspeito com o indulto do Dia das Mães... Ele teria sido preso hoje porque saía tacando, atacando pedras numa agência bancária...*”

Esses discursos, comparativamente entre veículos de comunicação diferentes e com editorias também diferenciadas, mostram que o objeto de informação era o mesmo: o temor espalhado pela cidade, em seus variados

segmentos profissionais. É o que se pode dizer sobre o que a espetacularização da notícia pode provocar, tendo em vista que a falta de confirmação deixa dúvidas em quem recebe a notícia.

Em “*A sociedade do espetáculo*”, o filósofo francês Guy Debord, se interessa, assim como os pensadores da Escola de Frankfurt, pelos efeitos da expansão industrial dos objetos da cultura, produzidos em série para grandes massas urbanas, sobre a subjetividade contemporânea. Esses efeitos são indissociáveis da produção e transmissão do que se chama de ideologia, de modo que afetam não apenas os indivíduos isolados, mas o todo social. Guy Debord salienta que um fato narrado com objetivo claro de disseminar o medo pode contribuir para a procura constante por mais dados, melhor explicação e, conseqüentemente, amplia a audiência dos veículos, que se tornam, assim, porta vozes e representantes legítimos do interesse coletivo. Quanto mais inseguro, mais o cidadão procura por informações que lhe remetam à tranqüilidade.

No caso analisado nesta pesquisa, as informações não confirmadas, ou boatos, levados sem um critério de apuração adequado antes de executados, considerou-se a audiência um ponto de convergência entre todos eles, uma vez que a mesma notícia era transmitida pelos concorrentes, ou seja, se um veículo anunciou o outro também o fez, mesmo que tenha sido de forma extra-oficial e não confirmada. Daí o que Eugênio Bucci e Maria Rita Khel, em “*Videologias*”, diriam sobre a transformação de indústria cultural em sociedade do espetáculo, conforme pensamento do filósofo Guy Debord. Basta dizer que a televisão, como espetáculo, produz efeitos na sociedade, dita

regras, conceitos⁴⁶. O espetáculo surge como mensagem cifrada para ser aceita, absorvida, sem muita contestação. Nesse caso, a palavra, o discurso, a fala do repórter “Ao Vivo” também pode ser um espetáculo, principalmente se ele (discurso) sofre interferências sociais ou ideológicas a partir do próprio desejo de seus diretores ou patrões. Em telejornais nos quais o sensacionalismo é motivo para audiência, o discurso do repórter também se torna um espetáculo de discursos sensacionalistas.⁴⁷

5.4 – Tempo das narrativas

À tarde, entre o meio e o final do período, as entradas “Ao Vivo” começaram a divulgar o pânico instalado entre a população. Diante da necessidade de se obter informações mais concretas, as emissoras apostaram na divisão de links para os pontos de convergência das notícias como a SSP, o DEIC e o Palácio dos Bandeirantes, sede do Governo do Estado. Percebe-se que o foco da notícia muda. Os ataques deixam de ser abordados, uma vez que não são confirmados, mas questiona-se a falta de controle sobre a criminalidade por parte do Estado, o que gerou uma comoção na cidade. Milhares de pessoas foram dispensadas do trabalho justamente por causa da insegurança. Assim, no período da tarde, a Rede Globo de São Paulo interrompe a transmissão de sua grade normal e coloca, em caráter extraordinário, o SPTV.

⁴⁶ Eugênio BUCCI, Maria Rita KHEL, *Videologias*, p.43

⁴⁷ Guy DEBORD, *A sociedade do Espetáculo*, p.122

O apresentador Carlos Tramontina comanda as chamadas dos repórteres do estúdio. A equipe foi distribuída em pontos diferentes na Capital para dar idéia de movimento e os repórteres utilizam os vícios de linguagem para passar suas mensagens e informações. Como exemplo, pode-se destacar a participação do repórter Luciano Cherubini que, diante do prédio do Deic, anunciava: ***“...Tramontina, aqui no Deic foi criado... Ahh, uma das faixas, uma das pistas aqui da rua em frente ao Deic está interditada... E uma outra informação. O procurador geral... aqui na Capital. Tramontina...”***

Na intervenção de 51 segundos o repórter usa três vezes as palavras “aqui” e “Deic”. A repetição das palavras e das afirmações dá ao telespectador a idéia da presença dele no local da notícia e também de proximidade ao fato ou à fonte de informação. Isso pode ser observado também na participação da repórter Veruska Donato: ***“...Tramontina, a segurança aqui no Palácio do Planalto, aliás, Palácio dos Bandeirantes, aqui em São Paulo... E como a vinda do ministro da Justiça aqui ao Palácio dos Bandeirantes às seis horas da tarde ...”*** No boletim de pouco mais de 50 segundos ela repete o ‘Palácio dos Bandeirantes’ duas vezes e a palavra ‘aqui’ três vezes.

A repetição de frases ou palavras é usada com freqüência pelo radiojornalismo. Vem da técnica de dar tempo ao locutor ou ao repórter de pensar sobre o que dirá na seqüência. O modelo emprestado do rádio também ocorreu por causa da transferência dos profissionais do rádio para a televisão. No *link* do Jornal da Record, por exemplo, Alexandre Motta, observando o

aumento do trânsito nas ruas da Capital, reforça a situação de momento pela repetição: **“...Neste trecho até que o trânsito vai fluindo bem, um pouquinho melhor, mas a situação está complicada, continua bastante complicada. Nós temos... para quem mora, o telespectador que mora em São Paulo... Amanhã, confirmado Adriana, amanhã, Terça-feira, o rodízio de veículos...”** O preparo dos profissionais de rádio e a importação dessas técnicas para a TV auxiliam em situações pouco convencionais. Na TV é obrigação dos profissionais envolvidos na transmissão “Ao Vivo” não falhar, justamente para não passar a idéia de que a emissora não funciona perfeitamente e porque os erros são muito mais percebidos no ar que os acertos. A facilidade de improvisar ou ter jogo de cintura em determinados casos permite escapar de situações como a que passou a apresentadora do Jornal da Record. Ela chamou um dos repórteres e o *link* desarmou. Seguiu-se: **“... vamos falar “Ao Vivo” agora com o repórter Ricardo Ferraz, neste momento do Largo 13. Ricardo?...** Passaram-se cinco segundos até retomar o chamado para outro ponto: **“...Não conseguimos contato com Ricardo. Vamos tentar falar agora na sede do Palácio do Governo com Marcelo Carrião. Marcelo, você me ouve?...”**

Por outro lado, Fernando Sabino, no Globocop, também usa o artifício da repetição para acertar ou ajustar o tempo do jornal e permitir assim uma saída para o intervalo comercial: **“...As pessoas voltando mais cedo para casa. Esta é a Marginal.... Normalmente ela fica congestionada... com o trânsito totalmente congestionado. É o paulistano retornando mais cedo para casa, Tramontina...”**

Ao mesmo tempo em que repercute os acontecimentos no trânsito da cidade, que vai ficando caótico por causa do retorno das pessoas para casa, as emissoras começam a utilizar as fontes oficiais para dar informações. É uma mudança na abordagem editorial pois os dados, a partir daí, são de fonte oficial e identificada. Os repórteres passam a usar menos os vícios de linguagem, como se percebe na complementação de informação dada pela repórter Veruska Donato: “... *O governo pede para lembrar que não há nada de oficial sobre um toque de recolher. A cidade funciona normalmente e a assessoria de imprensa diz que o Estado pede às pessoas que não tenham medo e tomem cuidado com informações que não foram confirmadas oficialmente...*” No Deic, Luciano Cherubini usa a fonte oficial para passar informações e repete uma frase para reforçar a reação da polícia aos ataques criminosos: “...*91 suspeitos, este é o último número oficial, 91 suspeitos foram presos. Eles são levados primeiro para... São 91 suspeitos. A polícia está toda na rua... E as autoridades reforçam ... tentando restabelecer a ordem na cidade...*”

O repórter Rodrigo Vianna faz duas intervenções da Secretaria de Segurança Pública. Na primeira parte do primeiro *link*, usa um discurso improvisado com repetições de palavras e de situação observada por ele para mostrar que o pânico tomou conta da cidade: “...*É, Tramontina, o governo pede para que as pessoas não tenham pânico, só que aqui no centro da cidade é uma situação muito complicada, né? Acabou... disse que a polícia não perdeu o controle, tá mantendo controle nas ruas... Meia hora depois de terminar a entrevista coletiva aqui na Secretaria de Segurança, as lojas aqui*

em volta, a cinqüenta metros da Secretaria, começaram a fechar as portas... Então as pessoas estão com medo, apesar do governo estar dizendo que a situação está sob controle...” Após o imprevisto, ele retoma o discurso oficial e anuncia os números oficiais dos confrontos entre policiais e criminosos: *“...Número total de ataques, balanço oficial da Secretaria de Segurança: 180 ataques, sendo 56 contra ônibus, 8 contra bancos, em todo o Estado de São Paulo, principalmente na Grande São Paulo. Total de mortos: 82, sendo 43 policiais e cidadãos e 38 suspeitos de envolvimento com esses ataques criminosos. Tramontina...”*

Para confirmar aquilo que havia dito anteriormente e sem a demonstração de imagens, ou seja, tempo do discurso presente, fato presente, porém sem confirmação da mensagem por imagens, em muitos casos fundamentais, no “Ao Vivo”, o repórter pouco tempo depois faz uma nova intervenção e apresenta, com um discurso improvisado, a situação anteriormente narrada por ele: *“...É, Tramontina, a gente deu uma informação... e vamos mostrar agora... 50 metros – do outro lado - rua Líbero Badaró, esquina com rua José Bonifácio... Há cerca de 40 minutos, os comerciantes foram baixando as portas. a gente tem ali a Rua São Bento... 90 por cento das lojas fechadas...”* Ele completa o trabalho observando, porém, que boatos levaram a população ao pânico: *“...o dia terminou antes da hora por causa do medo das pessoas, boatos, uma série de boatos circulando aqui no centro da cidade...”*

A idéia de movimentação da equipe de jornalismo da Rede Globo é demonstrada com a convocação de repórteres espalhados em cidades do interior do Estado. O apresentador chama um repórter em Ribeirão Preto e outro em Taubaté, ambos “Ao Vivo”. Eles também utilizam o recurso do protocolo jornalístico, respondendo aos chamados com o nome do apresentador, e dão informações oficiais sobre a situação de violência registrada nos municípios da região. Neste caso, começam a assumir a posição oficial, que modifica os discursos e a improvisação. Ao retornar ao *link* do Palácio dos Bandeirantes, a repórter Veruska Donato relata: ***“...Olá, de novo, Tramontina... Com o aumento das reações das pessoas a esses ataques... o governo se mobiliza para passar tranqüilidade à população. O comandante da Polícia Militar, Elizeu Eclair, dará, daqui a pouco, uma entrevista coletiva... A tentativa é de levar tranqüilidade às pessoas, de passar confiança. Tramontina...”***

Para fazer uma transição entre os discursos baseados em apurações não confirmadas, os profissionais do “Ao Vivo”, orientados pelas suas redações, começam a atentar para as notificações das autoridades, em especial das assessorias de imprensa da Segurança Pública e do Governo do Estado. A repetição, no rádio, permite ao repórter, locutor, apresentador ou âncora, ter tempo para refletir e pensar sobre o que dizer logo em seguida. Não há imagens para mostrar e tampouco ele aparece. Já, na TV, os segundos em que a câmera permanece focada no rosto do repórter pode significar uma eternidade. Daí a razão para os boletins serem enxutos, curtos, de, no máximo, 50 segundos a um minuto. Em ocasiões como o fato relatado nesta pesquisa,

os boletins “Ao Vivo” ganharam mais tempo. Os repórteres puderam transmitir dados com até 1 minuto e meio de duração. Caso o apresentador percebesse que a informação carecia de complemento, o boletim se estendia através de uma conversa informal sobre o tema narrado. Desta forma, os repórteres usaram da improvisação para estender o tempo. Em um bom tempo do “Ao Vivo”, retransmitiram discursos de terceiros - fontes da polícia (investigadores, delegados), comerciantes (proprietários dos estabelecimentos), pessoas comuns (desde o consumidor nas ruas naquele momento aos milhares de trabalhadores que foram dispensados de suas atividades).

A esses discursos, já aumentados em fantasias e do chamado “ouvi dizer”, foram somando-se as próprias diretrizes editoriais das empresas de comunicação. Algumas se preocuparam em determinar aos seus profissionais, especialmente aos repórteres, que fizessem uma apuração rigorosa das informações que eram divulgadas pelos sites. Basicamente, a estratégia para a checagem dos boatos era consultar uma autoridade pública da área de segurança, um delegado de polícia ou um oficial da Polícia Militar. Mesmo com esses agentes seria muito difícil configurar se um fato era ou não verdadeiro, pois dependeria de confirmação por parte da Sala de Situação da PM. A falta de uma versão oficial para as inúmeras denúncias apenas serviu para dar o estopim àquilo que José Arbex Júnior considera o “showaralismo”.

As denúncias chegavam às redações, ao conhecimento dos repórteres, dos editores, dos setores de apuração das emissoras de rádio, TV, jornais e sites, em velocidade muito mais rápida do que a capacidade das autoridades de apurá-las e desmenti-las. No boletim “Ao Vivo” , em que afirma ter recebido

uma informação de tiros em uma universidade no bairro de Higienópolis, por exemplo, o repórter da TV Record amplia um discurso terceirizado, ainda sem confirmação, mas cujo resultado será um eco ainda maior, com adição de outros ingredientes comuns pela criatividade do ser humano. Desta forma, tiros disparados contra uma universidade tornaram-se, para algumas emissoras de rádio, “uma universidade metralhada”, onde se percebe que a ação tornou-se mais violenta e mais temerosa. Por outro lado, a mesma notícia chegou a ser noticiada por outra emissora, a TV Bandeirantes, da mesma forma e, portanto, de forma mais espetacularizada.

Ou seja, a verdade da notícia, enquanto texto narrado ou discurso improvisado de uma informação não confirmada, é aquilo que se diz naquele momento. Mas seria necessário entender aquilo que se quer dizer. Neste caso, a ampliação das notícias sem confirmação revela sua falsidade e o objetivo de manter uma repercussão em fatos que não aconteceram, em um interesse pela audiência. Como diria José Arbex:

Ora, em um mundo em que a informação existe em abundância, para todos, tanto a rapidez, como a eficácia na capacidade de obter uma informação exclusiva e na de disseminá-la adquiriram uma urgência dramática, acirrando ainda mais a competição entre os vários veículos de comunicação de massa. Ser mais rápido tornou-se uma demonstração de prestígio, de poder financeiro e político. É por essa razão que toda a produção da mídia passa a ser orientada sob o signo da velocidade (não raro, da precipitação) e da renovação permanente.⁴⁸

⁴⁸ José ARBEX JR. *Shownarlismo, a notícia como espetáculo*, p.88

A necessidade de passar a notícia, de dar a informação, de ser o primeiro, e de conseguir respeito e credibilidade, transformou os discursos dos repórteres em reprodução de boatos. A consequência disso levou a uma enxurrada de denúncias de ataques, de arrastões no comércio, de tiros disparados contra escolas e universidades, repetidas em vários veículos de comunicação em que a precipitação, decorrente da necessidade editorial dessas empresas de estar adiante na apuração e na divulgação, pode comprometer todo o fazer jornalístico. Peter Arnett, o repórter da CNN que cobriu a Guerra do Vietnã e que transmitiu “Ao Vivo” a primeira invasão dos Estados Unidos no Iraque, em 1991, diz que o repórter deve escrever apenas o que vê ou que sua função seria dizer apenas o que vê.

5.5 - Assumindo o discurso oficial

A convergência dos discursos para um ponto comum entre as emissoras concorrentes passa a ser captada a partir do momento em que a SSP, no meio da tarde no dia 15 de maio, coloca o diretor do Departamento de Investigações contra o Crime Organizado, delegado Godofredo Bittencourt, e o delegado geral da Polícia Civil do Estado de São Paulo, Marco Antônio Desgualdo, para responderem aos questionamentos da imprensa. Assim também, no final da tarde, o comandante geral da Polícia Militar do Estado de São Paulo, coronel Elizeu Eclair, concede entrevista coletiva à imprensa no Palácio dos Bandeirantes, sede do governo paulista, para tentar levar dados e informações oficiais a respeito dos ataques e da situação de pânico que população da cidade vivenciava.

As autoridades falam sobre temas diferentes. O diretor do Deic explica as investigações feitas pelo departamento sobre as atuações do PCC, sobre a transferência de chefões da facção criminosa, e pede calma, observando que a situação está sob controle e que não há motivos para pânico na população. O delegado geral responde sobre as rebeliões nas unidades prisionais e sobre as investigações que, de antemão, apontavam a possibilidade de ataques e cuja prevenção não foi adotada com antecedência necessária para contê-los. O comandante geral da PM, por outro lado, desmentia o toque de recolher decretado, as bombas não encontradas, a ordem de fechamento do comércio ou de novos ataques aos veículos de transporte de passageiros.

Para se ter uma idéia, Globo e Record, entre os demais veículos presentes na sede da SSP, transmitiram parte da entrevista concedida pelo delegado geral. Por outro lado, a Rede Record transmitiu, por exatos 18 minutos e 30 segundos, as palavras do comandante geral da PM amenizando os boatos e desmentindo as informações divulgadas, conforme se nota na entrada do repórter Marcelo Carrião: *“...Perfeito, Adriana, o comandante geral da PM de São Paulo, Eliseu Eclair, começou a entrevista coletiva aqui no Palácio dos Bandeirantes. Vamos ouvir um pouco...”* Ao término da entrevista, a apresentadora sentenciou: *“... foi encerrada neste momento a entrevista coletiva do coronel Eliseu Eclair, comandante geral da PM do Estado de São Paulo, que fez um apelo para que a população de São Paulo mantenha calma, tente manter a rotina, indo ao trabalho, às escolas. Segundo ele, a polícia está agindo e a ação da polícia, na visão dele, é suficiente e não há razão de pânico...”*

O repórter Alexandre Motta, em sua última intervenção antes do encerramento da transmissão, assume um improviso, mas com discurso oficial: “...*confirmando o que o comandante geral da PM... várias viaturas que vão em velocidade razoável acompanhando o movimento nas calçadas e também nós vimos agora há pouco uma grande concentração de viaturas... duas pessoas foram presas, acusadas de tentativa de assalto a ônibus. Não se sabe se essas duas pessoas iriam assaltar... incendiar o coletivo. O que se sabe é que são 2 presos, que estão sendo levados para a delegacia aqui da região da Freguesia do Ó, zona Norte de São Paulo...*”

O mais importante jornal da Rede Globo também improvisou, nessa data. O apresentador Willian Bonner deixou os estúdios da emissora no Jardim Botânico, no Rio de Janeiro e, como um repórter, de microfone na mão, apresentou a edição de 15 de maio de 2006, nos jardins da Rede Globo, no Brooklin, zona Sul de São Paulo. A intenção da emissora ficou clara na abertura do telejornal quando Bonner anunciou: “...*Nesse dia dramático para paulistanos e também para paulistas em geral é daqui que nós vamos apresentar o Jornal Nacional. É uma forma, claro, de estarmos mais perto dos fatos, mas também é uma demonstração de solidariedade da Globo com os cidadãos daqui...*” Também nessa edição, três *links* preencheram o tempo do jornal. Um deles com o Globocop, onde estava o repórter César Galvão, que seguiu um texto pré estabelecido para não estourar o tempo de 50 segundos. Ele começou com o protocolo: “...*Boa Noite Bonner...*” e encerrou na deixa programada “...*trânsito em São Paulo...*”. Os outros pontos de transmissão “Ao Vivo” foram do repórter Rodrigo Vianna, da SSP. No

primeiro, atualizou os números oficiais da guerra entre polícia e bandidos. Para chamá-lo, Bonner fez uma introdução e uma pergunta na base da improvisação: *“... Os números de ataques, os números de mortos e de feridos mudam a todo instante. O repórter Rodrigo Vianna está na Secretaria de Segurança Pública e ele fala “Ao Vivo” de lá. Rodrigo, boa noite. Quais são os números atualizados que você tem?...”*

Nesse dia, também um link, no Jornal Nacional, mereceu mais tempo que o habitual. O repórter Rodrigo Vianna pôde usar 1min30s de transmissão, por isso pôde, inclusive, não seguir um texto pré estabelecido, ainda que a narrativa tenha sido ensaiada antes de efetivamente ser levada ao ar: *“...E Bonner, esses números estão sendo atualizados a todo momento. O coronel, comandante da Polícia Militar, deu uma entrevista coletiva agora há pouco, disse que hoje foi o dia menos violento desde que os ataques começaram na Sexta-feira. De fato, o número de mortes nesta Segunda-feira foi menor, mas, quando a gente olha o balanço desses três dias, isso não é nenhum consolo. Vamos então a esse balanço...”*

Ao final, depois de uma entrevista do governador Cláudio Lembo, Rodrigo Vianna foi acionado outra vez e iniciou seu discurso com a confirmação de uma posição do Governo: *“...A última informação era essa que o governador acaba de confirmar... Não há nenhuma rebelião em presídios no Estado, segundo a Secretaria de Segurança. No fim de semana chegaram a ser mais de 60 prisões rebeladas. Então, pelo menos nessa área, parece que a situação está voltando ao normal...”*

A utilização das fontes oficiais, a partir das entrevistas concedidas e reproduzidas em discurso, torna mais distante a improvisação. Isso pode ser observado nos boletins feitos do meio para o final da tarde, quando os profissionais evitam informações não confirmadas, mas inserem os chamados verbos de elocução: disse, afirmou, garantiu para anexar a informação seguinte a uma fonte, neste caso uma autoridade da área de segurança pública. Para o início da noite e para os jornais do horário nobre, as emissoras utilizam trechos da entrevista do comandante geral da Polícia Militar do Estado de São Paulo (anexo1), como foi o caso da Rede Record, e edição da mesma coletiva na Rede Globo.

No principal programa jornalístico da Rede Globo, conforme transcrição no anexo1, o âncora do telejornal entrevista o governador do Estado. Dessa entrevista, os repórteres, nos pontos de transmissão, também retiram informações que são usadas para garantir a informação logo a seguir, ou seja, para dar respaldo ao que vão dizer se apóiam na entrevista concedida pela autoridade máxima do Estado. Nesse aspecto, o imprevisto no discurso é apenas introdutório. O repórter improvisa para reafirmar ou reproduzir informações anteriormente dadas pela fonte oficial. Nota-se, desta forma, que todo o registro anterior à base do sensacionalismo e da repercussão de informações não confirmadas está a serviço do showarismo. É o que não se pode admitir na atividade jornalística, como diriam Heródoto Barbeiro e Paulo Rodolfo de Lima, no *Manual de Radiojornalismo – produção, ética e internet*: “O sensacionalismo é contra a missão pedagógica do jornalismo e o caminho mais curto para o preconceito. O sensacionalismo, aparentemente, é a

*maneira mais rápida de se conseguir audiência, principalmente com a exarcebação das emoções humanas”.*⁴⁹

⁴⁹ Heródoto BARBEIRO, Paulo Rodolfo de LIMA, *Manual de radiojornalismo – produção, ética e internet*. p. 22

CAPÍTULO VI

6. CAPÍTULO VI – SÍNTESE

6.1 Considerações finais

Já é claro que o medo nasce da ignorância, da falta de informações a respeito de algo que permanece desconhecido. A partir de lendas urbanas que boatos são fomentados, proliferam-se e são amplificados, principalmente se os meios de comunicação, entre eles a TV, não se preparam, se organizam ou não cedem às pressões comerciais que exigem, em relação aos concorrentes, audiência. Quando o pânico se estabelece por boatos, a histeria bate asas e o bom senso vai para o espaço. Inicialmente, a proposta do trabalho era a de analisar se o improviso, como recurso de linguagem, permitia ao profissional de comunicação, ao jornalista, uma transmissão coerente dos dados, sem se afastar de seu foco originário, de seu enfoque principal. A partir da análise das intervenções realizadas no dia 15 de maio de 2006, percebeu-se, neste dia, que a linguagem improvisada se estabeleceu por informações não devidamente apuradas.

Como se pode afirmar isso? Como assessor de imprensa da Ouvidoria da Polícia do Estado de São Paulo, todas as informações divulgadas pela mídia foram encaminhadas à Sala de Situação, que deslocou policiais e pessoal do serviço reservado para checar as denúncias apresentadas. Antes da confirmação, porém, os veículos de imprensa anunciavam os fatos. Na entrevista do tenente-coronel Elizeu Eclair, comandante-geral da PM do Estado de São Paulo, ele rebate a maior parte das informações divulgadas nos

meios de comunicação, entre eles a TV. Em parte, o posicionamento oficial é assumido nos discursos dos repórteres, quando já não era mais possível manter o clima de medo e tensão provocado por notícias de ataques, arrastões, tiros, incêndios que não se concretizaram. Um trecho da entrevista do coronel Eclair está transcrita no Anexo 1 deste trabalho.

De acordo com posição da SSP/SP, ao menos 90% das histórias contadas pelos organismos de imprensa eram variantes anabolizadas do que efetivamente estava acontecendo nas ruas de São Paulo. A data de 15 de maio de 2006 foi tomada por informações alarmistas e desencontradas, que serviram apenas para multiplicar a desconfortável sensação de temor, de pânico, como se viu. A pesquisa não se propôs a discutir a veracidade das informações, uma vez que para isso seria necessário analisar outros aspectos do fazer jornalismo, como verificar a idoneidade das fontes de informação das quais foram obtidas as notícias divulgadas durante aquele dia.

Ficou a sensação de alarme, de pânico por não haver condições, naquele dia e nos seguintes, de explicar os motivos para a evacuação do aeroporto de Congonhas; do fechamento do comércio da Capital e em cidades do Interior do Estado, com medo de arrastões que não ocorreram; das supostas bombas colocadas em pacotes e deixadas em prédios escolares e universidades públicas e privadas, que não explodiram. Notícias que deixaram a população desnorteada, incapacitada, aterrorizada e atordoada com ameaças reais e imaginárias de se decretar o toque de recolher.

Não se pode condenar apenas a transmissão “Ao Vivo”, pois que a maioria das informações partiram de fontes distintas, mas foram reproduzidas

pelos telejornais em suas edições extraordinárias e ampliadas na base do improvisado textual por alguns dos momentos citados nesta pesquisa. Tanto é assim, que a própria mídia condenou a si própria pelo uso e abuso de fomentar os boatos.

Em coluna da **Folha de São Paulo**, Marcelo Beraba, ombudsman do jornal, escreveu no dia seguinte - **16/05/2006** - sob o título de ‘Guerra Urbana’, texto em que observava algumas falhas na cobertura do próprio jornal e no qual se pode destacar aquilo que ele considera como “boatos” que se espalharam pela cidade .

“Faltou ao jornal um relato menos burocrático e menos fragmentado do que aconteceu ao longo do dia. Um texto, como o da contracapa de ontem, que contasse, com casos e personagens, como os boatos foram se espalhando ao longo do dia, como as pessoas foram reagindo nas ruas e nas conduções, como se chegou ao caos do trânsito e, depois, ao vazio da cidade.”

Sobre o trabalho dos veículos de comunicação, o ombudsman destaca que houve uma “guerra da comunicação” e “falha do governo” em desmentir os “boatos” com a mesma agilidade em que eram divulgados pelas empresas...

“Faltou também um bom relato sobre a guerra da comunicação. Várias pessoas de São Paulo me disseram que o governo perdeu a guerra da comunicação, que não soube enfrentar o pânico difundido pela Internet e pelas redes de boatos.”

O jornal **O Estado de São Paulo**, em sua primeira página no dia **16/05/2006**, abre a edição com a manchete: **“PCC suspende rebeliões, mas pânico e boatos paralisam SP”**. Mais uma vez a palavra boatos surge para descrever uma das razões que fizeram ecoar o pânico e parar a cidade de São Paulo. Vale reproduzir uma parte do texto em que, mais uma vez, se vê o uso da palavra “boatos”.

“O medo espalhado desde sexta-feira praticamente parou São Paulo ontem. Lojas e escolas fecharam e empresas dispensaram seus funcionários mais cedo. Corriam boatos sobre metralhamento de colégios, misturados a informações confirmadas sobre atentados contra agências bancárias e ônibus. Nas ruas, houve caos: empresas de ônibus recolheram suas frotas e 5 milhões de pessoas ficaram sem transporte. Os congestionamentos bateram recordes. Ficaram de portas fechadas desde centros comerciais populares, como a Rua 25 de Março, até shopping centers como Iguatemi, Villa-Lobos e Higienópolis.”

Em um trecho complementar, a característica da divulgação de informações sem o devido trabalho de apuração foi adicionado ao texto, como num exemplo de que as informações eram previsões de ataques, mas sem confirmação por fonte digna de confiança:

“Em dezenas de cidades lojas baixaram as portas. O saguão principal do Aeroporto de Congonhas foi evacuado durante a tarde, diante de ameaça de bomba: nada foi encontrado. (pág. 1 e Cidades)”

No site do jornal **Valor Econômico**, o **Valor Online**, mais uma verificação de que informações desencontradas foram a causa do medo que fez milhares de paulistanos voltarem para casa mais cedo. Mais uma vez “a onda de boatos” foi um dos motivos citados:

Esses episódios e mais uma onda de boatos sobre a possível decretação de toque de recolher levou muitas empresas a dispensar seus empregados a partir das 15 horas. O comércio, com medo de ataques, foi fechando as portas. Pelo menos seis shoppings da capital e muitos supermercados encerraram o atendimento ao público no meio da tarde. Fora da capital, indústrias também suspenderam operações. Em Santos, quatro terminais portuários paralisaram as atividades. Estudantes de escolas particulares e públicas não tiveram aulas.”

A pesquisa estabeleceu uma conexão entre o discurso improvisado do repórter, quando está em tempo real na TV, com as questões sociais que este mesmo discurso pode causar, tendo em vista a necessidade de se transmitir uma notícia com dados mais próximos de sua realidade factual, ou seja, contar o fato como ele realmente aconteceu, se isso é comum. Mas percebeu-se também que, diante de uma improvisação, o consumidor final da notícia terá diante de si uma informação um pouco, ou muito, distante daquilo que deveria lhe ser contado. Principalmente quando se reverbera dados não confirmados ou divulgados por outros veículos ou meios de comunicação, como é o caso da internet. Diante disso, esse trabalho fez o cruzamento entre os discursos do

“Ao Vivo” numa transmissão jornalística na televisão com um referencial teórico sobre a análise dos gêneros discursivos, como é o caso do russo Mikhail Bakhtin.

Por outro lado, a investigação observou que a cobrança pela agilidade e rapidez na transmissão de uma realidade dinâmica se traduz numa “linguagem improvisada do agente” sobre aquilo que ele absorve, vê, apura e transmite enquanto fato. No artigo *"Algumas implicações sociais da Tecnologia Moderna"*, Herbert Marcuse observa que a tecnologia tornou-se um instrumento de controle e dominação, uma forma de organizar e perpetuar as relações sociais. Na medida em que cresce materialmente, faz com que o indivíduo regreda emocional e intelectualmente. Não é possível dizer que os novos equipamentos conduziram os profissionais de mídia a um nível de alienação em relação a sua atividade, mas ela transformou a notícia em um objeto de consumo, justamente pela sua necessidade de ser imediata. O receptor é, portanto, um "consumidor de informações".

Para ele, o material fornecido pelos veículos de comunicação deve primeiro ser aceito como produto. Reduzido à categoria de consumidor, o receptor teria, em tese, seus direitos reservados, mas nem sempre isso é possível de se fazer valer quando se trabalha com a realidade dinâmica (fato/notícia) transmitida por um profissional de imprensa. A contribuição de Herbert Marcuse se mostra oportuna pois analisa exatamente o efeito de como o discurso de um repórter pode afetar ou ser objeto de consumo para um telespectador. Afinal, a partir da inovação tecnológica, efetivou-se também o controle sobre a produção, o que não foi diferente no caso dos meios de comunicação e, inclusive, a televisão. Ela contribuiu para agilizar as

intervenções “Ao Vivo” dos agentes (repórteres), com a utilização de helicópteros e motocicletas nos chamados “*links*”- quando se transmite um acontecimento em tempo real.

Desta forma, a necessidade de coletar as informações e repassá-las de imediato, ora sem um aprofundamento, ora sem os questionamentos fundamentais, se traduz em falta de autonomia e liberdade do agente e, conseqüentemente, responde o principal questionamento da pesquisa. Ou seja: o imprevisto, quando é usado para a operacionalização do “Ao Vivo” e permite ao locutor ter tempo para pensar no que dirá a seguir sobre o fato que está narrando, pode se afastar momentaneamente da notícia, sendo esta retomada assim que o texto mental é organizado e transformado em discurso novamente. Porém, o imprevisto na informação a ser dada sem a devida apuração apenas afasta o receptor da verdade, como foi observado no exemplo coletado para a investigação.

No dia 15 de maio, a reprodução no “Ao Vivo” de notícias sobre supostos arrastões, supostas bombas em escolas e tiros disparados contra universidades, sem a versão do outro lado, fundamental no trabalho de apuração, fez a cidade de São Paulo e seus cidadãos reagirem de forma temerosa. O poder público deixou de existir, enquanto responsável pela segurança de cada um dos contribuintes. Estes, por sua vez, foram obrigados a se recolher em suas residências em razão da situação de medo que a mídia, incluindo a TV, transformou com as informações divulgadas em espiral crescente. Tal fundamento permite responder, desta forma, que o imprevisto na linguagem do repórter em tempo real se afasta do foco principal da notícia, pois não atinge os 99,9% daquilo que seria mais próximo da verdade.

No receptor, a notícia transmitida pelo emissor se transformará em verdade, ainda que essa "verdade" não seja a mais próxima do fato em si. Ainda que a linguagem seja improvisada e que o repórter tenha liberdade em produzi-la, o teor da mensagem sempre transfere ao receptor uma ideologia e, ao consumir uma realidade dinâmica relatada sob a ótica do agente emissor, o receptor recebe também uma ideologia inserida no contexto, de forma que a “falta de segurança” transformou-se em verdade pelas transmissões verificadas e transcritas nesta pesquisa. Tanto que, em alguns casos, como na presença dos organismos responsáveis pela segurança - os policiais civis e militares - os repórteres, por vezes, chegaram, com seus textos improvisados, a estabelecer uma impressão de que os próprios agentes estavam inseguros, de tal forma que não poderiam dar guarida aos cidadãos comuns.

Neste momento faz-se uma reflexão sobre a relação que se estabelece entre Bakhtin e os sujeitos estudados e pesquisados – linguagem, discurso e improviso. Os textos que balizaram esta reflexão observaram a questão do pensamento interior, que pode ser exteriorizado pela fala, tornando-se signo, onde está instalada a luta de classes. Por isso, considerando que a base dos processos discursivos é a linguagem, pois ela é mediação entre o sujeito e o seu entorno, conclui-se que um espaço social caracterizado pela permanente disputa de forças antagônicas deixa, irremediavelmente, marcas, tanto na linguagem quanto no sujeito. Desta forma, compreende-se, ainda mais, que a formação de um discurso está inexoravelmente atrelada a um discurso anterior com seus preceitos ideológico-sociais. A partir de Bakhtin foi possível entender que o princípio do dialogismo está na base das estruturas narrativas do audiovisual e, portanto, no discurso do repórter enquanto transmite uma

notícia em tempo real num telejornal contemporâneo que, em geral, se constitui no diálogo e no cruzamento com gêneros discursivos: a coleta de informação no local com um terceiro que presenciou o fato (realidade dinâmica) ou ainda a coleta visual de um acontecimento e a transformação do fato real em discurso para terceiro (telespectador), ora incorporando-os fora de seus contextos originais com a apropriação de cenas e seqüências emblemáticas da memória televisiva, ora parodiando-os para desconstruí-los, pois, como observa Bakhtin, o gênero vive do presente, mas sempre recorda o passado.

6.2 - Pós-facio

Após a conclusão deste trabalho, foi necessário voltar a estas páginas, uma vez que a cidade de São Paulo voltou a viver sob a ameaça de novos ataques da facção criminosa conhecida como PCC. No dia 7 de agosto a imprensa registrou aquela que seria a terceira onda de violência desferida contra organismos públicos. Desta vez com ares de ataques terroristas. Antes, entre os dias 22 e 24 de julho, seis agentes penitenciários foram mortos quando saíam ou retornavam a suas casas. A chamada terceira onda de violência foi feita contra prédios públicos e o alvo principal dos criminosos foi a sede do Ministério Público Estadual (MPE), localizada na região do Largo São Francisco, região central da Capital.

Vale relatar que uma bomba de fabricação caseira, mas de alto poder destrutivo, foi deixada na porta principal de acesso ao local. A explosão destruiu a porta, o aparelho detector de metais, os computadores e as mesas da recepção do saguão de entrada e janelas dos prédios vizinhos. Ninguém ficou ferido. As ações se estenderam a outros estabelecimentos comerciais como agências bancárias, caixas eletrônicas em supermercados, estacionamentos e garagens de empresas de transporte, além de seus ônibus, que circulavam pela cidade.

Os atos comandados, novamente, segundo a imprensa, pelos líderes da facção criminosa, tinham a finalidade de pressionar os juízes a manter a saída de 11 mil detentos do sistema carcerário estadual no indulto do Dia dos Pais. A liberdade provisória, para os presos considerados de bom comportamento e em regime semi-aberto, estava sendo classificada como arriscada por parte das

autoridades do Estado, uma vez que nos ataques registrados entre 12 e 15 de maio a polícia prendeu alguns presos liberados para passar o Dia das Mães em casa. Esses presos, soltos para comemorar a data com a família, atuaram como soldados da facção criminosa: atearam fogo em ônibus, agências bancárias e mataram 24 policiais militares, 6 civis e 8 agentes penitenciários, conforme os números da Secretaria de Segurança Pública. Em razão disso, o indulto poderia ser suspenso. A bomba deixada na porta do MP, conforme a reportagem, era um recado para a Justiça.

Diante do exposto acima, sabe-se que a solução não se dará como num passe de mágica. Este problema certamente demandará tempo. Sendo assim, a mídia e os profissionais que nela atuam devem também estar preparados e agir com maior responsabilidade. Cabe, ainda, ao tratar deste assunto, um elogio. Na chamada terceira onda de ataques, os veículos de comunicação – rádios e televisões – talvez por questão de tratamento da notícia ou pelo questionamento sofrido anteriormente com a divulgação de informações não confirmadas, suprimiram o nome do PCC do noticiário. Uma ou outra emissora responsabilizou e deu nome à facção criminosa pelos novos atentados, mas a grande maioria dos profissionais que fizeram o “Ao Vivo” se referiam ao PCC apenas como uma “facção criminosa com atuação nos presídios do Estado”. A mudança representa um passo para a volta da responsabilidade na divulgação de notícias, uma vez que dar voz e nome à facção representa acolhê-la como organismo de direito.

A sociedade sofre com as ações criminosas e o afrontamento ao estado de direito. Por conseguinte, merece receber informações verdadeiras, principalmente quando se transmite em tempo real. É um desafio que bate à

porta das emissoras com este tipo de tratamento à informação. Um desafio também aos profissionais, aos jornalistas que atuam na reportagem, nas editorias, nas redações ou nas chefias dos veículos de comunicação. Como tratar esse tema tão próximo de nós, cidadãos comuns e jornalistas? Eis a pergunta que deve orientar a produção da notícia, uma vez que a agilidade da apuração não pode ultrapassar e derrubar as barreiras da verdade, pois é dela que depende o fazer jornalístico.

ANEXOS

1. ANEXOS 1

1.1 ENTREVISTAS

A seguir as entrevistas realizadas com profissionais da comunicação que atuam em vários segmentos da mídia, mas com um detalhe considerado fundamental para a realização desta pesquisa: o cotidiano destes profissionais é a realização de boletins informativos em tempo real. Muitos deles iniciaram suas atividades no rádio e atuam hoje em telejornalismo.

Não se estabeleceu nenhum tipo de roteiro para as entrevistas tendo em vista a necessidade de se permitir também a improvisação do entrevistador e entrevistado. Por essa razão a cada entrevista o assunto se desenvolveu em torno da improviso no momento do discurso em tempo real na TV, além de serem destacados momentos em que algo inesperado ocorreu durante as transmissões, permitindo desta forma servir de exemplos para nossa pesquisa e de referência para o tratamento das hipóteses previstas no projeto.

Entrevista

12/07/2005

1) Dados gerais

Nome: *Heródoto Barbeiro*

Idade: *59 anos, 23 anos de profissão*

Atuação: , âncora do Jornal da CBN (Sistema Globo de Rádio)

Âncora do Jornal da Cultura (TV Cultura)

Formação: *Faculdade Cásper Líbero*

Veículos onde já atuou: *TV Gazeta, Jovem Pan, SBT, TV Cultura, Rádio Globo-Excelsior-CBN.*

Entrevista:

Improviso na reportagem, o que você pode falar sobre isso?

Primeiro a gente precisa entender o seguinte: o que exatamente é o improviso? Eu acho que a gente não pode entender o improviso como sendo a “encheção de lingüiça”, ou seja, quando você pega, por exemplo, e começa falar aleatoriamente um monte de coisa apenas para ocupar um determinado espaço no ar que precisa ser preenchido por algum ruído e o seu ruído é o improviso. Vou dar um exemplo: Você paga uma transmissão de um desfile de carnaval em que entre uma escola e outra tem um tempo. Então a pessoa fica falando um porção de coisa a respeito de, quer dizer, a pessoa e vira um verdadeiro poeta de microfone. Não estou falando só do carnaval. Estou

dizendo que isso acontece em vários momentos da comunicação, acontece nos jogos de futebol, que são mais fáceis da gente ver ou às vezes acontece até mesmo quando você tem um acidente de trânsito numa estrada quando entra um repórter Ao Vivo e ele tem pouca informação. Então eu acho que esse improviso é o improviso ruim. É aquele improviso que você engana o seu ouvinte ou o seu telespectador, que é exatamente a mesma coisa. Agora o que é exatamente o improviso? O improviso é o seguinte: é quando eu não tenho o texto escrito, mas eu tenho as informações, elas foram checadas, elas têm a acurácia e eu sou capaz de elaborar mentalmente e depois traduzir isso oralmente em cima de fatos reais e de fatos acontecidos. Então eu acho esse é o bom improviso. Esse é o improviso que você tem informações seguras para passar e apenas elas não estão organizadas, coordenadas como se fosse um texto para você ler em cima.

Então, eu acho, que essa é a primeira distinção que a gente tem de fazer para entender exatamente o que significa o improvisar.

- Em relação a essa improvisação sem o texto com toda apuração e formatação oral através da mentalização das informações, você acha que o improviso pode se afastar da informação?

Eu acho que não. Eu queria dizer o seguinte: por quê muitas vezes se improvisa? Porque a gente imagina que a improvisação é uma maneira de se aproximar do público alvo. Quando você se aproxima, você dialoga. Quando você improvisa, você estabelece uma conversa com teu ouvinte ou telespectador. Eu conheço muitos apresentadores que mesmo tendo o texto escrito, eles fazem pequenos cacos no texto que parecem até uma improvisação no ar, porque é uma forma de você amolecer o texto, torná-lo mais emotivo e se aproximar do telespectador. Não é uma coisa ruim, é um recurso de você se aproximar dos ouvintes e telespectadores e encantá-los.

Recentemente nos tivemos uma enchente em São Paulo. Essa enchente foi devastadora e as pessoas queriam informações a respeito disso. Eu me lembro de ter trabalhado durante todo o jornal, nos derrubamos todo o jornal nacional e fizemos o jornal local e eu tive a oportunidade juntamente com a equipe toda de fazer um jornal basicamente na base do improviso. Agora, onde estava o improviso? Estava em cima das informações que haviam sido colhidas pelos repórteres, em cima das entrevistas que foram feitas, de prestação de serviço. E eu estava com a TV aberta em cima do meu local de trabalho. Eu tinha as imagens da TV Globo e da TV Record, as quais eu dei crédito. Então, eu podia improvisar em cima das imagens, afinal, estava vendo aquilo que estava acontecendo.

Então, eu acho que desta forma nós conseguimos informar continuamente as pessoas entre seis e nove e meia da manhã, basicamente em cima dos improvisos. Agora ninguém inventou nada, ninguém tirou nenhuma ilação, ninguém criou ficção em cima de fatos reais, porque todos nós sabemos que jornalismo se faz em cima de fatos reais, não em cima de ficção. Então, eu não posso imaginar de ver uma inundação e dizer: “várias pessoas podem estar se afogando”, quando ninguém está se afogando por lá. Então eu acho que num momento como esse o improviso é muito importante e acho que nós fomos, que todos que trabalharam nessa manhã, trabalharam em cima do improviso, independente de ser de rádio ou de televisão. Eu acho que no caso do rádio é mais fácil.

Primeiro, porque você tem mais mobilidade, você não está sendo visto pelo telespectador, você pode se mexer muito mais. Segundo você tem a televisão como subsidiária do que você improvisa. É de braçada pro rádio. Na televisão é mais difícil. Porque razão? As comunicações são mais difíceis, as entrevistas são mais difíceis, e você aparecer na tela é mais difícil. Ontem, eu fiz uma chamada durante a transmissão esportiva que a TV Cultura estava fazendo e me disseram: é melhor você fazer em OFF” e eu fiz a chamada em OFF. Porque o simples fato de você por a cara na televisão ia demandar uma tal operação que era preferível fazer um OFF que a informação seria dada do mesmo jeito. Quer dizer, como o rádio trabalha só em OFF, a televisão é quem trabalha com a imagem, então você tem no rádio a possibilidade de fazer bons improvisos sem cair naquilo que eu falei do poeta do microfone, ou daqueles que falam em cima de fatos não reais.

- Quando você se refere ao poeta do microfone, é mais uma questão de linguagem, de discurso, ou é uma relação ao que ele fala enquanto fato real ou não real?

Quando eu falo um poeta ele pode ser um poeta que descreve o gingado da mulata que está passando diante de nossa cabine aqui no sambódromo, pode ser o poeta que diz: “se abriram as cortinas e daqui a pouco começa o espetáculo”; como pode ser também o poeta dizendo: “esse bandido, esse canalha que aí está, olha a cara desse bandido”. São vários tipos de poemas que os veículos de comunicação, no rádio ou na televisão usam e que eu chamo de poema. Porque esse poema se aproxima da ficção e o que essas pessoas fazem é ficção. Agora, eu gostaria de dizer o seguinte: quando você faz esse tipo de improviso, tem aquele improviso eminentemente poético que você fala: “a lua tem isso”, e tem aquele que você viola os limites éticos do jornalismo que é quando você começa a improvisar em cima do caráter das pessoas, quando você invade a privacidade das pessoas.

Geralmente, quando você escreve e lê o que está escrito, geralmente você não comete esses excessos. Uma outra coisa que eu acho que está inerentemente ligado ao improviso é a questão do emocional de quem pratica isso. Porque o improviso não pode ser discurso, improviso não pode ser declaração, não pode ser um grande pronunciamento com ou sem câmera. Como eu disse, improviso é você ordenar as notícias que devem ser passadas, mas algumas pessoas, tomadas pelo emocional, tendem a abandonar o texto. Essas pessoas começam a improvisar em cima e olha improviso é ruim para jornalista e ruim também para presidente da República.

- **Você disse que usou as imagens da TV para transmitir informação, como você fez a transposição das informações das imagens de outro veículo, no caso a TV, para uma transmissão Ao Vivo no rádio?**

A transposição é você descrever exatamente aquilo que você está vendo e dizer que aquelas imagens foram geradas pela TV, porque isso dá credibilidade. Se eu disser: “olha não vai, nem tente passar nesse momento por debaixo da ponte da Casa Verde porque seu carro vai ficar parado. Eu estou vendo um cidadão que tentou fazer isso e ficou na água”, se eu não der a fonte e não disser “estou vendo” em tal TV, em tal emissora, minha credibilidade não seria tão grande quanto: “olha eu to vendo em tal emissora” porque quem está no carro, no congestionamento, não está vendo, ele está só me ouvindo e tem de acreditar naquilo que falo. Então eu lanço mão e outros lançam mão do recurso e dizem: eu estou vendo a imagem, isso está acontecendo, então você reforça a credibilidade. Agora eu creio que em momentos como este você tem praticamente uma fusão entre os dois veículos de comunicação.

Fala-se tanto em confluência de mídia e eu acho que neste momento há uma confluência de mídia, uma confluência entre o rádio e a TV. Porque eu acredito que também na TV, e sei disso, as pessoas quando fazem este tipo de cobertura elas também obtém informação através do rádio escuta para saber o que as emissoras de rádio estão colocando no ar e isso, geralmente, é passado para o repórter que está no helicóptero para fazer essa cobertura. Eu acho que neste caso não se trata de discutir de quem é o privilégio da notícia, mas sim como é que nós podemos ajudar as pessoas que precisam de socorro, de uma segurança ou de uma informação para sair do congestionamento.

- **Qual o recurso utilizado quando se faz um improviso no rádio ou na TV?**

Os recursos são exatamente os mesmos. Tenho que ter algumas informações que foram passadas ou estão escritas num papel de maneira desordenadas e que estão na minha mão e que eu

anotei. Como eu tenho os sujeitos da história, os objetos de a seqüência da história, tanto para o rádio como para a TV, os recursos são os mesmos. Tenho que ordenar as notícias. Quando você fala que a TV tem menos improviso, é porque você está levando em conta os telejornais. Mas se você levar em consideração os programas policiais que são totalmente improvisados, as transmissões esportivas, totalmente improvisadas, tanto no rádio como na televisão eles utilizam o improviso. De fato, nos telejornais se admite muito pouco o improviso primeiro porque aquilo levou um tempo de horas de elaboração que você não precisa improvisar; segundo, porque você tem pouco tempo, tempo muito rígido na televisão.

Agora, no Jornal da Cultura tem lá um tempo para improviso. Eu tenho autonomia para fazer comentários de improviso ou fazer qualquer brincadeira de improviso no telejornal. Há espaço de dois ou três minutos para falar alguma coisa ou chamar a atenção do telespectador para uma notícia, que não está escrito na lauda.

- Mesmo no improviso você permanece na informação?

Quando você diz de improviso pode ser de uma notícia nova, de alguma coisa que não estava na reportagem, que acabou de ser apresentada e você, então, acrescenta. Ou pode ser uma forma de você chamar a atenção de uma pessoa para um ato de cidadania. Acabou a reportagem e você pode dizer: “você perceberam o que esse cidadão acabou disse, isso é importante”. Então isso é um improviso que não estava escrito na lauda. Quer dizer, qual a informação que eu acrescentei? Eu apenas chamei a atenção do telespectador para dizer alguma coisa que foi apresentada, no ar, que ele precisa prestar atenção, uma forma de reforçar aquilo que o personagem falou. Eu acho que isso é uma forma também de improviso.

- No Ao Vivo, quando você é surpreendido por um fato novo, há possibilidade de improvisar sobre isso?

É uma coisa muito simples. Se acontece alguma coisa, alguém me passa uma cópia de texto e você olha e improvisa em cima dele. Geralmente as pessoas entregam o papel e já sublinharam as coisas mais importantes e você bate o olho, está Ao Vivo, não tem condições de preparar aquilo antes. Esse tipo de improviso que você imagina que vai cair do céu, não existe. Tipo: o secretário estava numa palestra, chamou o cara lá no palco e o cara deu um show. Isso não é improviso, pode ter certeza. O cara já pensou no que ia falar, pode não ter externado isso. Vamos entender o

seguinte: eu não posso falar uma coisa sobre a qual não pensei antes. Improviso é a gente ordenar as coisas e não inventa-las ou tira-las do éter.

- Nesta trajetória de 22 anos, alguma coisa aconteceu que não estava prevista e que preciso de improviso?

Sim, foi na entrega do Prêmio Airton Senna de Jornalismo. Entreguei um prêmio para uma repórter da Rádio Bandeirantes que venceu numa das categorias. Depois que fiz a entrega voltei para o meu lugar na platéia. Após me sentar e ao final daquela sessão a Viviane Senna entrou com o capacete do Airton, aquele que ele usou nas pistas e depois de explicar, de falar, ela anunciou que gostaria de chamar no palco o vencedor do Prêmio Airton Senna, destaque do ano. Quando ela disse: eu gostaria de dizer e anunciar que o vencedor deste ano é o jornalista Heródoto Barbeiro, eu não esperava. Aquilo para mim foi fulminante, minhas pernas tremeram, amoleceram e eu achei que não era comigo. Ai eu tive que me levantar, subir por uma rampa enorme que fazia umas voltas até chegar onde ela estava e eu fui pensando naquele espaço: “Meu Deus, o que né que eu vou dizer agora”.

E aí: bom, como eu te disse, a gente tem alguma coisa do passado ou que já sabe. Eu fui andando na direção da mão dela e vi que ela estava segurando o capacete, que é um verdadeiro elmo. Eu imediatamente me lembrei de uma história budista de um soldado que usava um elmo e que me deu tempo para chegar até ela e depois que ela me passou a palavra eu já tinha a história do soldado para fazer uma comparação do elmo do Airton Senna e o elmo do soldado japonês, dessa história do budismo que tem três ou quatro minutos. Por pouco, muito pouco, eu não chego lá e não falo nada, só agradeceria.

Entrevista

17/07/2005

1) Dados gerais

Nome: César Galvão –

Idade: 34 anos

Atuação: repórter da Rede Globo de Televisão – São Paulo, 15 anos de profissão

Formação: Universidade de Mogi das Cruzes (UMC)

Veículos onde já atuou: Jornal Diário de Suzano, Correio Metropolitano, Rádio Metropolitana, Rádio CBN, TV Manchete, Rádio Bandeirantes, Rede TV

Entrevista:

- Nesse tempo você tem feito matérias gravadas e ao Vivo?

Na fase inicial de trabalho na Rede Globo eu fazia muito mais vivo que hoje. Porque vai muito do jornal que você trabalha. No começo mais para o SP 1ª Edição, que tinha muito Vivo, muita entrada ao vivo do helicóptero, quando passei da manhã para tarde e noite diminuiu um pouco, mas também continuo fazendo o vivo.

- Explique a questão do Ao Vivo com informação num texto improvisado no momento da transmissão.

Você sempre improvisa, eu, por exemplo, mesmo quando é uma entrada curta que eu tenho que contar tempo, às vezes, eu faço um texto, mas quando vou narrar o texto eu já mudei tudo. E só faço aquilo para assimilar o assunto, no final das contas e acabo não usando aquele texto que eu escrevi. Em alguns momentos eu escrevo tópicos no papel, principalmente quando eu vou falar de números, se de repente me der o branco no meio dessa transmissão eu tenho o apoio lá que são esses tópicos, mas na maioria das vezes eu improviso, até porque quando eu vou pro ar eu procuro antes levantar um grande número de informações, procuro saber sobre aquele assunto, o que é que eu vou falar, vai muito do tempo que você tem para entrar Ao vivo, que você vai definir qual é a prioridade o que as pessoas gostariam de saber mais daquele assunto.

Às vezes você tem muita informação para pouco tempo então você tem que escolher alguns tópicos daquela informação, pensar como espectador para saber o que interessaria mais as pessoas

que vão assistir e ai improvisar em cima daquilo. Então, quando eu vou pro ar na maioria das vezes eu já domino aquele assunto então não preciso de um texto escrito vírgula por vírgula.

Esse domínio, por exemplo, em algum momento do improviso pode prejudicar a informação?

O que acontece é que às vezes você tem informações frias daquele fato e informações de momento. Se e tiver com um número na mão, mas no momento da transmissão ao Vivo, o fato estiver acontecendo ainda, dou prioridade ao que está acontecendo. Um exemplo, um assalto com refém.

Eu vou ter o nome da pessoa, a idade da pessoa, a quanto tempo o assalto acontece, a quantidade de policiais estão em volta, só que se eu tiver o visual, da negociação que é feita pela polícia, da situação em que o refém é mantido pelos assaltantes, eu vou dar prioridade a isso. Eu vou narrar o que está acontecendo naquele momento.

O que você está vendo ou que recebe de informação que também não deixa de ser um improviso de uma fonte de informação sua?

Os dois. A prioridade é o que eu estou vendo. Eu elejo o que estou vendo, porque é muito mais fácil e muito mais fiel dar informação, você narrar o que eu estou vendo. Se eu não estiver vendo ou não estiver vendo ininterruptamente, se tiver acesso em alguns momentos e tiver que sair, então vou mesclar –o que eu vejo e o que estiverem me informando. Isso acontece com frequência.

- Nessa classificação, você não tem a informação como ela é, o 100% do fato dinâmico?

No Ao Vivo 100% é quase impossível toda vez. Com a experiência que você vai ganhando no tempo de trabalho você vai aprendendo a manter a informação o mais fiel possível. Já houve caso em que eu não tinha o acesso direto, mas conhecia pessoas envolvidas naquilo que tinham acesso direto. Então aquelas pessoas passavam a ser fontes. Então elas iam até o local, acompanhavam um certo momento e descreviam o que estava acontecendo ali. Inclusive o que dizia um lado e o que dizia o outro. Então eu tinha condição de dizer: “Olha, está acontecendo isso, isso e isso. A polícia está propondo aquilo e o outro lado está reivindicando isso.

Eu tinha condições de descrever fielmente o que acontecia através dessas fontes que tinham acesso aos locais onde eu não tinha. Então ficava muito mais fácil. Aconteceu isso num caso muito grande que eu cobri que foi o caso do Silvio Santos, o seqüestro da filha dele. O seqüestrador voltou ao local do seqüestro, a casa. Invadiu a casa e dominou o próprio apresentador. Por acaso aquele dia

me mandaram para lá logo no início e eu fiquei na porta, não na porta, mas duas casas abaixo da casa do apresentador, então eu não tinha o visual direto. Mas eu tinha pessoas que tinham acesso e essas pessoas iam e voltavam e me passavam informações. Isso é um trabalho que você vai adquirindo com muito tempo, vai adquirindo a confiança das fontes e as fontes passam a te ajudar nisto”.

Você fala da improvisação da fonte quando ela tem que lhe passar informações de um fato que ela acompanhou? Essa pessoa contou uma história. Como você depurava e como retransmitia a informação?

Primeiro, deixar claro a fonte que ela não entrará no ar. Estava apenas me passando as informações. Quando a pessoa já sabe que não vai entrar no ar, não tem aquela expectativa de falar, então ela passa a ser um pouco mais fria na informação, você consegue fazer com que ela transmita uma informação um pouco mais fiel para você jornalista para que você possa transmitir para o público. Já é um ponto que você convence a pessoa a apurar melhor. E aí alguns detalhes que a pessoa me passava que não valiam mandar pro ar, sabe, de que o apresentador estava com roupa, sem roupa. Com revólver na cabeça ou não estava. Até porque naquele momento eu tinha que avaliar também que o bandido estava vendo televisão e depois a gente soube que realmente estava acompanhando a televisão.

Então eu tinha que ter improvisado tinha que, em questão de segundos, definir o que eu podia falar ou não e filtrar o que a fonte trazia. Aconteceu uma situação, várias vezes naquele dia aconteciam situações, em que eu via algumas coisas que eu não podia falar, por exemplo, havia atiradores de elite em cima de telhados nas casas vizinhas. Policiais passavam com fuzis na mão, às vezes até diante da câmera, mas se eu falo que tinha tudo aquilo o bandido podia se desesperar matar a vítima e se matar dentro da casa. Não era obrigação minha, nem direito meu fazer isso, então eu omiti essa informação. Num certo momento, o meu diretor ao ver essa imagem ele gritou no fone (no retorno da comunicação com a redação) “cuidado com o que você vai falar”. Eu o tranquilizei. Pode ficar tranquilo que eu sei que não se fala isso numa transmissão ao Vivo. Quando acabar tudo a gente vai ter a imagem e a gente vai narrar o que foi feito que havia lá policiais, atiradores de elite, mas enquanto tiver acontecendo eu sei que não posso fazer isso porque o bandido pode estar lá dentro assistindo também.

- Quer dizer no improviso você elenca as informações para que não interfira no fato dinâmico?

A grande sacada do vivo é você não interferir. É você narrar o que está acontecendo sem interferir no fato. Por exemplo, onde eu trabalho hoje na TV Globo, não posso nunca participar de uma negociação. Sou proibido disso. Se tiver um refém, se aquele seqüestrador, aquele assaltante exigir que uma emissora de TV vá lá negociar com ele. Sou proibido de fazer isso. Se fizer isso estou quebrando um código de ética.

- Como você se sente, na função de repórter, improvisar um texto na narração de uma informação no Ao vivo?

Primeiro faço domínio daquela informação, às vezes até escrevo um texto que na grande maioria das vezes não vou usar, mas é para assimilar a informação que eu vou dar. Segundo é a concentração. Toda vez que eu vou entrar Ao Vivo eu me concentro. Pode ter um mundo nas minhas costas aqui, posso estar no centro de São Paulo passando milhões de pessoas ao mesmo tempo em que para mim não está passando ninguém ali, eu me concentro realmente. Terceiro pensar em quem está do outro lado assistindo, o que aquelas pessoas merecem saber, o que elas tem direito de saber. Sempre procuro me colocar no lugar do espectador, quando eu estou preparando o texto, para saber se eu não estou dando uma informação que as pessoas é inútil.

- Você sabe quando está improvisando no texto, na narrativa do Ao Vivo?

Sei.

- O momento exato?

Geralmente é quase inteiro principalmente quando eu estou no helicóptero, por exemplo. No helicóptero não dá tempo de você escrever um texto. O helicóptero é usado para afinar um telejornal. Afinar um jornal é quando você tem alguns segundos de sobra, um minuto de sobra. Você usa o helicóptero. Então o editor diz César eu preciso de 30 segundos do helicóptero, você pode segurar? Eu digo: posso. E você só segura um tempo que precisa quando não tem texto na mão senão o texto acaba e você não tem o que falar mais. É ai que entra o improviso e a narração que você está vendo. Se você está vendo alguma coisa você descreve aquela situação. Quem está em casa está acompanhando a descrição de uma situação que está se passando Ao Vivo. Então você ta

informando improvisando. Não tem texto. Quando eu vôo, eu não faço texto e às vezes nem levo papel já por isso. Quando levo, levo uma folhinha para marcar um número ou alguma coisa.

- Você já sentiu em algum momento que se afastou da notícia que estava narrando?

Não porque por fazer esse domínio de informação. Eu ponho na minha cabeça o que é necessário, o que as pessoas querem assistir, querem ouvir e sigo naquela linha. Uma vez, por exemplo, estava fazendo um Vivo de um caso que há muitos anos aconteceu de um caminhão que entrou numa escola, porque ele desceu uma rua perigosa em que as pessoas pediam para que não passasse caminhão. Naquele dia, no momento em que estava Ao Vivo, apareceu um caminhão descendo a rua que todo mundo queria. O cinegrafista estava de costas para o caminhão. Eu tive que pensar em fração de segundos se eu chamava aquilo ou não. E chamei. Chamei, o cinegrafista virou a câmera e mostrou o caminhão descendo o lugar perigoso que batia no mesmo lugar onde tinha acontecido o acidente. Quando acabou o ao Vivo fui pedir desculpa ao cinegrafista. Porque eu pensei que pudesse ter prejudicado o trabalho dele porque não tinha sido combinado. E ele me falou, era um cinegrafista experiente: “se você não chamasse eu que ia brigar com você, porque aquilo era uma imagem interessante”. Era o que estava passando ali, no lugar onde não devia passar, que as pessoas achavam que não.

- Você se lembra como fez essa chamada textualmente?

Foi uma coisa bem simples. Eu vi o caminhão descendo, estava dando a informação de que as pessoas pediam para não passar caminhões por ali e aí eu chamei o nome do cinegrafista: “eu vou pedir ao cinegrafista tal mostrar agora uma situação real. Vocês vão ver agora um caminhão descendo essa rua perigosa”. E nisso o cinegrafista virou. Ele teve tempo de virar. Quando eu falei que havia um caminhão descendo a rua, ele já virou, ele sabia que era ali, e mostrou o caminhão descendo. Eu chamei pelo nome o cinegrafista para ele ficar alerta que era com ele que eu falava e mostrei a situação que nas costas dele passava um caminhão.

- Esse improviso você considera 100% real?

Era tudo o que acontecia e que as pessoas reclamavam. E foi pura sorte o caminhão passar no momento que eu estava Ao Vivo, podia não passar ninguém, não passar nem uma bicicleta. Mas passou o caminhão no lugar que não deveria. As pessoas falam: “César você tem sorte”. Realmente

essa parte é sorte, nem é improviso. É a sorte de acontecer o que você quer mostrar para as pessoas na hora certa.

Entrevista

20/08/2005

Dados Gerais

Nome: *Carlos Alberto Maglio*

Idade: *47 anos, 27 anos de profissão*

Atuação: *repórter Rádio Globo – Sistema Globo de Rádio - São Paulo*

Formação: *Universidade Metodista*

Veículos onde já atuou: *Rádio Difusora Oeste, de Osasco, Rádio Boa Nova, de Guarulhos, Rádio Educadora, de Campinas. Rádio Iguatemi, de Osasco. Jornal Diário de Osasco, Rádio Excelsior, CBN, Sistema Globo de Rádio, TV CNT-Gazeta, TV Gazeta, SBT (Aqui Agora e Jornal do SBT), professor de Radiojornalismo - Uniban.*

Entrevista:

- Como é a transmissão de uma notícia quando você em algum momento da transmissão improvisa no texto. Como você se sente e como você trabalha isso naquele momento em que improvisa para transmitir a informação?

Isso é muito do rádio. O rádio te dá muita, muita essa capacidade porque o rádio, eu costumava falar isso nas minhas aulas na Uniban, você quando está falando, dando alguma informação via rádio, você tem que se imaginar sendo os olhos do ouvinte. Muitas vezes você se imagina sendo os olhos do ouvinte. É nessa hora que você vai improvisar. Você vai estar numa praça, falando diretamente de uma manifestação, essa praça você tem que localizar, você tem de dizer onde ela fica, enfim, tem que dizer quantas pessoas estão naquela manifestação. Não é como a televisão, como o jornal, que você tem lá a notícia, tem a foto do lado para você ver aquilo que aconteceu. E o repórter, na verdade, é um contador de histórias.

Nós que somos jornalistas e especificamente o repórter, ele é um contador de histórias. A partir do momento que ele está fazendo uma matéria, essa matéria, muitas vezes, ela acaba sendo exatamente naquele momento acaba fazendo parte da história. E aquele repórter acaba sendo um agente da história. É o caso, por exemplo, do impeachment do Collor, das grandes manifestações sobre as Diretas, e outros casos mais que ocorreram que eu tive a oportunidade de cobrir. Então, você contando a história, muitas vezes, o rádio, pelo dinamismo dele, não dá tempo de você escrever. Você não tem tempo de elaborar um texto, como, por exemplo, o jornal que você vai

tirando as anotações, tirando matéria, e quando chega na redação você tem tempo de sentar ou ainda com a rapidez do laptop que você leva e tem de fazer o texto e tudo mais.

A televisão também tem a questão do tempo, e o improviso é o inimigo do tempo. Você quando improvisa não consegue de uma certa forma ter aquele tempo determinado, porque o improviso é livre. É absolutamente liberdade de expressão. E o rádio te dá essa capacidade. Alguns exemplos interessantes que eu acho que tem de ser colocados: uma vez eu estava fazendo uma matéria para a nossa rádio CBN com o nosso saudoso Miguel Dias, no estúdio. Eu estava numa cidadezinha do Vale do Paraíba, Paranapiacaba, que ali é exatamente o topo da serra. E havia um pessoal perdido na mata. Aquelas trilhas que são feitas no final de semana. E a Polícia Militar foi deslocada para lá para procurar esse pessoal.

Os policiais são treinados, só que era noite e estava muito frio, muita neblina e os próprios policiais acabaram se perdendo e aí o que acontece? Eu to no ar, entrando no ar com o Miguel Dias fazendo a entrevista, falando a respeito de que ninguém havia sido localizado, que havia uma expectativa, os helicópteros sobrevoando, toda a imprensa mobilizada porque eram crianças que estavam perdidas e, enfim, todo aquele aparato, helicópteros sobrevoando a região...De repente me entra um soldado da PM, absolutamente molhado da cabeça aos pés, com o uniforme todo molhado e eu to no ar, via telefone, entrevistando um dos comandantes da operação. Nisso entra o rapaz, subindo uma escada, e naquele momento o comandante arregalou o olho e eu digo, é um dos caras. Imediatamente eu disse: Olha Miguel, estamos aqui, acaba de chegar aqui uma das pessoas que estavam perdidas, só pode ser isso...Não é comandante? É isso mesmo, respondeu ele. Então já chamei, ele veio, fizemos uma entrevista com ele, exatamente em primeira mão, naquele momento. Então imagina se você tivesse que parar para redigir um texto e dizer “olha Miguel, eu volto daqui a pouquinho...” quer dizer não existe...Então, o rádio te dá essa capacidade do improviso. Com o celular, depois que o celular, isso ajudou mais ainda. Antigamente você não tinha condições de entrar no ar de determinados lugares. Então não tinha como improvisar.

Você tinha tempo para raciocinar, tinha tempo para fazer um rascunho ou qualquer coisa parecida. Com a chegada do celular não. O celular te permite hoje você colocar de qualquer lugar do mundo a reportagem no ar exatamente no momento em que ela está acontecendo. E é justamente por esse dinamismo e por tudo isso que o improviso no rádio na minha opinião é fundamental, até porque quando você improvisa e esse é um detalhe um pouco mais pessoal você coloca emoção, não é uma coisa fria como você passar para o pedaço de papel, você rebusca o texto, tomando todo cuidado com erros de concordância. O improviso não. Ele te dá àquela emoção que você está

passando naquele momento. Agora te leva a erros, principalmente de concordância. Numa rádio onde você fala para um público mais categorizado, do ponto de vista de classe A ou B, enfim, você acaba cometendo alguns erros porque não dá para você de repente improvisar e absolutamente acertar todas as concordâncias, até porque você não está lendo nada.

Mas é sem dúvida, na minha opinião, uma grande maneira de se comunicar. Até porque você não conversa com ninguém lendo algum texto, isso não existe. Você não pega um texto: “Oi como vai você, tudo bem?” E a pessoa te responde lendo também. Então eu acho que é a mais expressiva forma de se comunicar e pelo rádio então isso fica ainda melhor porque de repente você está falando com milhões de pessoas sem pensar e está interagindo com essas pessoas. Então, na minha opinião, o improvisado é sem dúvida nenhuma é fundamental pro rádio especificamente. Para a televisão ele também é fundamental, até porque na TV também há improviso. Quando você está narrando um jogo de futebol via TV, você tem que improvisar. Você não pode ficar em cima de um texto nenhum. Você lê apenas o texto comercial que fica do seu lado. A TV também te dá essa oportunidade.

Nesse momento, nessa entrevista, estamos travando um diálogo, estamos improvisando de uma certa forma, como você disse. Desta forma, como transferir este tipo de diálogo para uma reportagem Ao Vivo na TV e de que forma seria esse diálogo e de que forma você encaixa o improviso na transmissão de uma informação sem se afastar do fato dinâmico, daquilo que está acontecendo ou da informação que deve ser passada ao telespectador?

Absolutamente você tocou num ponto acho que fundamental para a questão da TV porque são duas linguagens diferentes. Primeiro, como fiz o Jornal do SBT, a linguagem do Jornal do SBT é mais específica do jornalismo três por quatro, como a gente está acostumado a dizer em televisão, ou seja, você tem um texto, esse texto tem um tempo efetivo, a matéria tem um tempo lá de um minuto e meio. Então a sua capacidade de síntese tem de ser muito grande para escrever o OFF e aí não tem como você improvisar tem de escrever e ler o OFF. Efetivamente, quando você lê, você não vai ler muitas vezes como a gente aprende a ler nas cartilhas da escola. “O presidente da República...”. Não, você lê dando uma determinada entonação para tentar, o máximo possível para o telespectador, que você não está lendo, mas improvisando, mas não é possível fazer este tipo de improviso.

Talvez na passagem, quando você aparece na televisão, que é uma passagem de quinze segundos, normalmente eu gostava de improvisar na passagem, não gostava de fazer texto, embora

que para o editor você tem de colocar e escrever o texto. Eu gostava de fazer primeiro e depois escrever e errava algumas vezes. Por quê? Por causa do tempo...Então a televisão te dá oportunidade de improvisar numa entrevista, por exemplo. Como é o caso do programa Jô Soares. A você tem um roteiro, mas não precisa seguir especificamente aquele roteiro. Então, numa entrevista, você pode improvisar a vontade. Você como entrevistador e evidentemente que o próprio entrevistado ele sempre estará improvisando a não ser que ele tenha que falar alguns nomes que ele esqueça e tudo mais. Então, nesse tipo de ação na TV, de entrevista, aí o improviso é total.

Porém, numa questão de matéria jornalística, você como repórter é diferente, tem que seguir exatamente a regra. Tem que escrever e aquilo têm de dar um minuto e meio. Tanto que você chega na redação você faz o texto e rebusca esse texto para colocá-lo no tempo certo. No Aqui Agora, era completamente diferente. E acho que isso foi a grande sacada do Aqui Agora como sucesso, do ponto de vista do formato. Conteúdo absolutamente discutível das matérias do Aqui Agora, até porque nem sempre se fazia jornalismo no Aqui Agora. Eu mesmo tive oportunidade de cobrir num sábado, de plantão, sem nada para fazer e pintou uma briga de vizinhos porque um gato tinha sumido e ele estaria escondido no telhado da casa da mulher e o vizinho queria subir no telhado e saiu uma briga danada.

O Aqui Agora te dava essa oportunidade. Ou seja, câmera ligada, câmera rodando e você falando. Na verdade aquilo é o improviso, mas o improviso dentro de um certo critério que é o critério da narrativa. Então você narrava aquilo que estava acontecendo, aquilo que você estava vendo. Não deixa de ser improviso. É como o exemplo do jogo de futebol. Agora, por quê o Aqui Agora tinha essa empatia com o público? Exatamente por isso, não era aquela coisa fria de você aparecer numa matéria (três por quatro) todo postulado, duro, falando o teu texto efetivamente lido. Era uma matéria que te dava oportunidade de interagir com a pessoa que estava assistindo. “Olha pessoal isso aqui não existe, uma criança ao pode ficar desse jeito” dando exemplo de questões de saúde, enfim, que a gente fazia muito. “Olha como ficou esse carro”, num acidente. Era uma maneira de interagir com quem estava assistindo.

Embora, eu repito, o conteúdo seja discutível, o formato do Aqui Agora ficou. Tanto que a própria TV Globo que, na época, não se podia mexer a câmera, hoje ela faz muitos movimentos e muitos. A história de o repórter sair falando, também aí é um pouco de improviso. Na própria TV Globo, nessas entradas de links (Ao Vivo) em que o repórter tem um entrevistado, ele vai mais no improviso. Primeiro porque ele não precisa guardar o nome do entrevistado, ele vai direto, o nome aparece no GC (Gerador de caracteres) isso já é uma grande coisa. Enfim, entrou, você apareceu na

TV e já vai falando estamos aqui com fulano de tal, já é um improviso. É quebrar um pouco da regra de ter de seguir um texto, a decoreba toda para ter de dar o tempo certo, aquela coisa.

Quando você improvisava na passagem, você permanecia dentro do assunto focado ou escapava um pouco?

Não. Permanecia sempre dentro do assunto. Embora não escrevesse nada, embora improvisasse a passagem eu ficava dentro do assunto. Ai não desviava. No rádio muitas vezes você desviava dos assuntos, no próprio Aqui Agora você tinha, numa matéria, vários enfoques, vários assuntos numa mesma participação. Então você começava falar e ficava nove, dez minutos e ia pro ar.

Exatamente no Aqui Agora me chamou a atenção o fato de você observar as questões dos links ainda que você tinha dito sobre os da TV Globo, gostaria de saber se havia improviso no link do Aqui Agora com toda liberdade de linguagem...

Muito maior e isso era uma regra que era utilizada quando você estava anda na redação. A orientação era passada para você sempre ficar à vontade, o mais à vontade possível. E o improviso te deixa assim. Por mais estranho que possa parecer, o improviso te dá muito mais tranqüilidade do que você estar preso num texto, porque já entra a questão de decorar, entra uma série de outras questões que te deixam muito mais apreensivo. Então, por exemplo, quando você vai passar uma informação improvisando, você passa muito mais, chega muito mais ao teu ouvinte (no caso do rádio) ou do telespectador (no caso da TV).

Eu creio que muito mais clara. O improviso permite dar o exemplo, para que as pessoas possam entender aquilo que você está falando. Muitas vezes você tenta explicar uma coisa para a pessoa e no rádio a pessoa não está vendo, na Tv ao contrário, a pessoa vê as imagens, e para fazer aquela fotografia para o ouvinte do que você repórter está vendo o exemplo nesta hora é fundamental e o improviso, na minha opinião, tem a grande arma, grande aliado, o exemplo com o qual você consegue explicar para as pessoas. Se você ficar na teoria muitos não entendem, mas se der um exemplo aquilo clareia de uma maneira que é impressionante.

No Jornal do SBT (três por quatro) que tem uma linguagem mais controlada, por questões de tempo e editoria mesmo, quando você estava Ao Vivo você se sentia mais tranqüilo em relação ao Aqui Agora, cuja linguagem era mais livre?

Sentia-me mais tranqüilo no Aqui Agora, porque não tinha compromisso com o tempo, quer dizer, tinha, mais eram mais longos. No Jornal do SBT, mais tradicional, o link era de 20, 30 segundos, de tempo.

Neste tempo você preparava texto ou improvisava ou decorava a informação com texto de apoio?

Normalmente eu procurava decorar. Decorar e ter texto de apoio, porque toda vez que procurava improvisar estourava o tempo. E lá vinha o editor, no ponto, “você estourou, puxa vida”. Então, é o que eu digo, o grande inimigo do improviso é o tempo. Se você tem um tempo predeterminado o teu improviso fica cercado de todos os lados e muitas vezes você tem que abandonar o improviso e seguir um roteiro, ler o texto, tentar decorar e marcar no relógio. A televisão é muito isso, é tempo. Então, é mais difícil. No rádio a grande sacada, as grandes reportagens que eu consegui fazer improvisando foi no rádio.

O rádio não tem a questão do tempo, o Aqui Agora também era mais flexível, mas no Jornal do SBT tinha controle de tempo. Mesmo decorando, você saía do texto e improvisava?

Eu improvisava no meio do texto.

Então não deixava de improvisar?

Não deixava de ter. Isso é inerente. Até porque quando você praticar, não tem jeito. Até a palavra decorar para mim não tem muito significado. Nós como repórteres nós somos grandes contadores **de história** e não adianta fazer decoreba, com palavras predeterminadas. Eu quero passar aquela emoção do momento e tentar contar uma história para aquele que está me assistindo. Começava seguindo uma certa regra, mas no meio já improvisava. Às vezes estourava, as vezes não e ficava muito feliz quando não estourava o tempo, porque dizia: mesmo com o improviso consegui controlar o tempo. E se você for uma pessoa que tem uma certa disciplina, você consegue. Então ficava muito contente.

E quanto à informação, nenhuma deformação?

Não, pelo contrário. Quando você conseguia improvisar, você deixava muito mais o teu telespectador esclarecido sobre aquilo que você estava falando. Acho que nesse ponto o improviso

também vale. Você pode escorregar nessa hora quando tem o tempo marcado, predeterminado é mais complicado.

Como você define nesse trabalho de reportagem, ir até um fato dinâmico, mais próximo possível daquilo que aconteceu, usando em determinados momentos o improviso?

O improviso é tudo. Rádio é improviso, sempre dizem os comunicadores. Num programa de revista no rádio, os comunicadores dialogam com os ouvintes. Nem sempre é possível fazer isso no jornalismo, apesar da suposta liberdade de expressão no regime democrático. Às vezes temos que pensar nisso. Existe controle. Se houver algum problema da família que comanda o veículo de comunicação para o qual trabalho, não vou poder falar, não vou poder chegar a notícia, transmiti-la 100% . Na maioria das vezes você pega a informação de alguém que esteve no local do acontecimento ou personagem do fato real e sempre chegamos muito próximos dos 100%, mas não em todo ele. Com o improviso podemos dar exemplo do que aconteceu. Podemos ironizar uma situação como é o caso do político

Paulo Maluf, que muita gente acusa, mas não consegue provar. Ele parece ser um ícone e podemos ironizar no improviso e dar uma informação: “esta chegando aqui um ícone da honestidade”, mas pode haver censura dependendo do veículo que você trabalha.

Você acha que o repórter representa um papel quando recebe uma informação e a transmite porque improvisa sobre o que lhe foi improvisado por uma fonte, um personagem que vivenciou o fato dinâmico?

Eu acho que é cada uma pessoa que está ouvindo ou vendo. Acho que ai está a representação. Ser os olhos do ouvinte, no caso do rádio. Trazer informações rebuscadas de uma fonte na área jurídica, por exemplo, e trazer isso para o português claro, para que os ouvintes possam entender ai sim estamos representando o nosso telespectador ou nosso ouvinte. Isso é fundamental, ou seja, você é um pouquinho de cada um que está te vendo, ouvindo.

Como se fosse ouvinte, ou como se ele estivesse muito próximo de você?

Exatamente assim. Conversar com ele. Aconteceu um acidente, puxa morreram cinco pessoas como se estivesse batendo um papo com ele, como se ele estivesse aqui comigo. Normalmente, essa é a maneira de dar um exemplo do lead. O lead é um diálogo, uma conversa. Toda vez que converso com alguém sempre falo o lead na frente. Sempre. Pode prestar atenção

nisso, desde esporte, política, polícia. Por quê? É o lance do contador de história. No caso do impeachment do Fernando Collor eu encontro com você e digo: Benê, você viu, o Fernando Collor caiu! É o lead. É imaginar que o ouvinte e o telespectador estão aqui, perto de você, e você está interagindo com eles. Acho que essa é a grande visão do meu trabalho como repórter.

Entrevista

07/08/2005

1) Dados Gerais

Nome: *Fernanda de Lucca*

Idade: *37 anos, 14 anos de profissão*

Atuação: *repórter Rede Record – São Paulo*

Formação: *Fiam*

Veículos onde já atuou: *TV Record – (14 anos Cidade Alerta, Edição de Notícia e São Paulo no Ar).*

Entrevista:

- O que você pode falar sobre o improviso na reportagem ao Vivo na Televisão?

Primeiro o repórter tem que ter muito jogo de cintura, esquecer que está ao Vivo. Aquele medinho. E passar o máximo de informação possível. Eu acho que o comportamento dele é como qualquer pessoa que chega quando há alguma coisa acontecendo e ele também está lá sem saber exatamente a informação correta, quando começou. E ele vai apurando conforme vai dando a informação, ele tem que ter esse jogo de cintura, essa rapidez. Principalmente, ser muito rápido no raciocínio.

O que ajuda no improviso é você se aproximar o máximo possível do fato, quando está acontecendo alguma coisa, você tentar chegar o mais próximo possível, porque além de você ter uma visualização melhor você tem condições de entrevistar pessoas que estão envolvidas diretamente naquilo que está acontecendo. Então, é uma apuração no momento, no calor do acontecimento e você vai passando isso para o público. Eu acho que é muito importante, apesar de você estar lá, as coisas acontecendo, você não alterar assim o seu tom de voz. É lógico que se você estiver num desabamento, por exemplo, você não vai falar sorrindo, com uma super tranquilidade, mas tentar manter a calma para não atropelar as informações.

Manter, na medida do possível, uma ordem cronológica dos acontecimentos, do que aconteceu, e daí quando as informações cessam (porque tem uma hora e isso acontece muito no vivo) que você é até afastado do que você está falando, do que você está noticiando. Você é mantido até numa distância de segurança e você tem que sacar coisas ao seu redor, falar do clima, da expectativa, tentar entrevistar as pessoas que estão ao redor. As vezes podem surgir, no caso de

uma tragédia, no caso policial, podem aparecer familiares das vítimas e aí você tende para a emoção. Depois que você foi para a informação quando isso cessa, porque há um momento no improviso que isso acaba, aí você tenta ir para a emoção. Você tenta passar a sensação de estar ali para a pessoa que está do outro lado te assistindo. Isso é muito importante. Eu acho que as pessoas também querem um pouco disso. Ver o teu lado humano, sem dar opinião. Não é função do repórter dar opinião, eu acho isso. O repórter não tem que achar nada. Ou é ou não é. O que pode é as outras pessoas acharem, aí é que ele vai lá com o microfone e age. E tem que ser muito rápido.

Mas eu particularmente gosto muito de fazer Ao Vivo, gosto muito de improviso. Já cheguei a ficar 40 minutos no ar direto, Ao Vivo, no Cidade Alerta, numa época em que, foram duas situações: uma foi da enchente e uma quando caiu o avião da TAM. Não tinha jeito né? E aí fiquei. Bati bola com o apresentador, mas isso era direto porque realmente a informação estava onde eu estava. Acho que, para mim, não tive dificuldade. Acho que as vezes você pode cometer alguns excessos com esse improviso, mas de certa forma é até perdoável. Por isso, você tem que estar sempre mantendo a ordem cronológica, não se apavorar que é o mais importante, porque aí você acaba não se confundindo muito.

- Como você estando no local do fato real, de onde vinham as informações para você se manter no ar e a informação circulando?

Quando a gente chegou lá, a cena era dantesca. No visual já tinha muita informação a ser dada. Muita coisa. Foi realmente chocante. Depois rapidamente já chegou gente da assessoria do aeroporto, da própria empresa, pessoal do Corpo de Bombeiros, da Defesa Civil e tinham muitos profissionais que chegaram rapidamente. E essas pessoas alimentavam os repórteres que estavam ali de informações. Era uma coisa um pouco tumultuada, porque eles estavam lá trabalhando, não tinham tempo de parar e dar entrevistas, era na correria e você tinha que acompanhar isso.

- Como você depurava essas informações para saber se os dados passados eram verdadeiros e ao mesmo tempo dar a informação de improviso no Ao Vivo?

Quando a notícia está acontecendo, não está esclarecida, não tem a coisa fechada para você, você lida para o público como as informações que chegam, por enquanto como números não confirmados. Você joga com isso, porque é impossível você ter certeza de uma coisa que ainda não está definida. Então de repente passava um Bombeiro e a gente dizia, a informação é de que pelo menos cinquenta pessoas morreram. Pelo menos cinquenta pessoas podem ter morrido. A gente

tinha lá uma visualização, os corpos em pedaços, mas não dava para contar assim era necessário uma fonte oficial. Também do pessoal do aeroporto não tínhamos a lista dos passageiros, ela está um pouco confusa.

Falava-se em 102 passageiros, de repente falavam em 90 e a gente ia lidando com isso conforme chegava, entendeu? Era o que estava chegando. Eram informações não confirmadas, extra-oficiais e a gente ia passando isso. Não era uma certeza 100 por cento. E a gente tinha de deixar claro isso para o telespectador

Nesse momento você acha que a informação que você tinha era de 100 por cento, sem se afastar do fato real?

A informação no imprevisto é a informação necessária, dificilmente ela vai bater totalmente com a verdade. Vai chegar próximo, mas não vai bater com a verdade, não tem como bater. Porque isso vem de apuração, depois, uma coisa super detalhada e só depois você tem. Mas, geralmente, a gente chega muito perto. É lógico que não dá para fechar um número, tudo o que aconteceu.

- Em relação a linguagem, como você trabalha com o imprevisto, passar uma informação sem o pré-texto, sem a informação checada, apurada?

A gente tem que falar da forma mais coloquial possível, didática, mas sem usar termos chulos. É uma conversa, eu estou conversando com o telespectador. Entendeu? É como se a gente saísse na janela e comesse a conversar. São vizinhos. Eu estou tendo uma conversa com ele, estou entrando na casa dele e estou conversando com ele. Não é uma coisa robotizada, tudo certinha, pontuação. É uma conversa, quando você conversa de repente uma palavra pode faltar, você substitui por outra. O importante é você não usar termos chulos, isso nunca, principalmente, em reportagens policiais, termos policiais. Eu acho terrível falar meliante, o elemento se evadiu do local. Eu acho que isso é para a polícia falar na entrevista.

E tomar muito cuidado com erros de português, principalmente, erros de concordância, porque no imprevisto pode acontecer de você falar a maioria lá no começo e você falou, falou e bota um plural no fim. Então você tem de estar muito atento a estas coisas.

- Você acha que a experiência de vida contribui para um texto mais perfeito no imprevisto?

Eu acho que sim, até porque muitas pessoas, no Ao Vivo, é complicado. Tem repórteres que são muito bons num texto, mas no Ao Vivo treme. Porque é complicado, não tem como voltar. O

que você falou já foi, já era, a cara que você fez. É até um pouco ingrato mesmo o Ao Vivo. E no improviso o mais difícil é que além de você não ter o texto formado, seguir lá um roteirinho, você fala lá para o seu cinegrafista você vai para lá depois você volta para cá, enquanto eu estiver lendo aqui meu papelzinho, é a coisa do tempo. Porque no improviso você pode ficar um minuto, como ficar 30, 40, uma hora, não tem. Se tiver rendendo você vai ficar.

Você não tem como planejar um texto na sua cabeça e nem sabe, diluir as informações na sua cabeça. É super complicado. O pessoal fica lá continua, segura aí, vai segurando, mais três minutos, mais dez minutos, não tem isso de você vai entrar quarenta segundinhos, um minutinho e acabou.

E há algum recurso de linguagem , de jargões que você pode usar para utilizar todo este tempo?

Todo mundo tem uma palavrinha que usa para pensar... Eu não sei, talvez: até porque..., nós estamos..., estão chegando informações... É o tempo que você precisa para lembrar o que vem na seqüência.

Entrevista

08/08/2005

1) Dados gerais

Nome: *Carlos Cavalcante de Souza*

Idade: *47 anos, 21 anos de profissão,*

Atuação: *repórter Rede Record – São Paulo*

Formação: *FMU*

Veículos onde já atuou: *TV Bandeirantes, SBT – Aqui Agora, Rede Record – Cidade Alerta*

Entrevista:

- Qual a análise que você faz do improvisado na reportagem Ao Vivo na TV?

Eu acho que o momento mais importante na carreira de qualquer profissional, de qualquer jornalista, é exatamente no momento do Ao Vivo. São poucos os profissionais que tem o privilégio e a confiabilidade por parte de uma emissora, de um veículo, para o Ao Vivo. Você que já fez rádio e TV e já fez muito Ao Vivo sabe do que eu estou falando. Você sabe que o Ao Vivo é como se fosse o ator que estivesse fazendo uma peça de teatro com o teatro cheio. Então, com o advento do VT é fácil você voltar, você se posicionar em relação a alguma coisa, agora o Ao Vivo é o momento de consagração, momento de maior confiabilidade de um profissional de televisão, eu acho.

- Usando isso para a linguagem, como fazer para dar uma informação no improvisado?

O principal conteúdo é aquilo que você realmente está vendo. Você não deve florear o assunto e, mais ainda, você deve transmitir essa informação de uma forma íntegra, de uma forma profunda com análises claras. É como se você estivesse dando aquele recadinho para a vovó que está em casa, com 82 anos, e que tem um pouco de dificuldade para entender o que você está falando. Então é esse o recadinho que você tem que dar de uma forma clara, concisa. Você normalmente tem que nesse pequeno espaço de tempo responder as perguntas básicas o quê, quem é, por quê, como está acontecendo e deixar que seu interlocutor entenda o que você está passando para ele.

- Como fazer o locutor entenda esse diálogo?

É simples. É claro que a prática, o tempo que nós temos de vivência profissional nos favorece muito nesse sentido, mas você tem que ter o time, o tempo, do jornal que você faz. Você tem que ter uma base de tempo para dar essa informação se é 40 segundos, 60 segundos; se eventualmente você vai ter várias entradas Ao Vivo para poder questionar, poder divulgar. Então, isso é algo que com o tempo você vai aprendendo de forma espontânea. Agora para quem está começando acho que é muito importante estar bem atualizado, estar sempre consciente das informações, apurar todos os fatos, porque quanto mais informações você tiver mais fácil será você dar o recado.

- A experiência então, em termos de vivência internacional, ajuda a passar de forma mais clara essas informações justamente porque são fatos que já foram vistos por você em algum momento ou de alguma forma eles são semelhantes?

Eu acho que sim. No início de carreira eu sentia muita dor de barriga, muito frio na barriga, aliás, a gente sempre sente. Não existe um trapezista que quando não vai saltar e por mais anos de experiência que ele tenha, não sente um friozinho na barriga. Mas acho que com a vivência, com a leitura, é importante você ler bastante, é muito estar muito bem informado, quando entrar Ao Vivo se calçar de pessoas potenciais que possam estar envolvidas no assunto, que possam ser fontes de referência, de boas informações. Você tendo todo esse cabedal de informações, todo esse cabedal de estrutura, fica tranquilo, não tem dificuldade.

- No que tange a linguagem, você tem algum jargão para obter tempo e pensar no texto a ser dito, na informação a ser dada de forma ordenada?

A linguagem não deve ser rebuscada, ela deve ser simples e concisa, objetiva. Você tem que ter plena consciência daquilo: da velhinha, da vovózinha, que está lá ouvindo o programa que você vai apresentar. No Ao Vivo não deve falar palavras chulas, usar gírias, palavras de baixo calão. Você não deve se fazer de muito íntimo da pessoa, você deve manter somente seu lado jornalístico, sua postura jornalística e, partindo desse princípio, não há dificuldade, não há qualquer dificuldade de se apavorar o ter qualquer dificuldade. O Ao Vivo é isso, uma informação instantânea, é algo que você leva com conhecimento, é uma informação rápida, uma informação honesta e que dá um feedback para a pessoa que está acompanhando aquilo que você está fazendo.

Você acha que no improviso, com linguagem rápida, concisa, eficiente, em algum momento você se afastou do fato real, se afastou da notícia, ou, usando um termo mais popular, “viajou na maionese”?

Ah, sim. Acho que todo mundo faz isso. Acho que as vezes você tem uma exigência de entrar inúmeras vezes para entrar no ar e não tem mais nada para falar. Você fez Ao Vivo você sabe disso. Uma vez aconteceu. O Marcelo Resende, apresentador do Cidade Alerta, me perguntou: Cavalcante, qual o nome da vítima? E eu disse: “não sei! Daqui a pouco você me pergunta, me chama de novo que eu vou procurar apurar para você”. É normal. Ele tomou um susto e no ar disse: “você não sabe?”. E eu disse não, não sei você me pegou de surpresa e eu não sei, vou apurar e te informo.

Teve algum caso que você participou e aconteceu uma surpresa como esta e você teve que improvisar?

Claro. Fiz um incêndio na avenida Paulista e no momento em que achávamos que o Corpo de Bombeiros haviam apagado de repente elas irromperam com violência muito maior, inclusive caindo fragmentos em cima dos repórteres, vidros, etc. Então, era uma entrada Ao Vivo que deveria ser relativamente tranqüila e tive que mudar totalmente. E aí é na linguagem. Nós imaginávamos que o fogo estava extinto, mas olha só a correria, vamos nos abrigar porque realmente o fogo ainda continua. O corpo de Bombeiros volta a mobilizar várias viaturas, etc. Então você tem que ter temperatura. Algo muito importante num link, numa entrada Ao Vivo, chama-se temperatura.

Você não pode entrar numa matéria, num velório, com a empolgação de uma transmissão de futebol e não pode entrar na transmissão de futebol com a empolgação de um velório. Não pode fazer isso. Você tem que ter o time, o tempo necessário, o tempo de maturidade para você esquentar a notícia sempre.

Você também fez o Aqui Agora um jornal de muito improviso. Uma matéria que você pode lembrar e que houve improvisação desde o início da apuração, do levantamento inicial de informação ou ao mesmo tempo que você já estava gravando ou transmitindo a notícia ao Vivo?

Quando nós estávamos preparando para gravar uma matéria sobre uma pessoa que reclamava que o terreno dela estava sendo invadido pelo vizinho, ele apareceu. Era um senhor de

idade de uns oitenta e poucos anos, com uma força violentíssima já saiu de soco, pontapé em cima do outro e separando os dois e tal. Foi uma briga terrível. Foi uma hora e vinte minutos de discussão e briga e foi a maior audiência da história do jornal Aqui Agora. Deu 34 pontos de audiência. Ganhei vários prêmios por causa dessa reportagem. Procurei tratar com muito carinho as duas pessoas envolvidas para que eles não se agredissem, mas como aconteceu o fato deixei que os dois, quer dizer, que cada um procurasse buscar a sua razão e um detalhe interessante: aquele velhinho que era o mais bravo, por incrível que pareça, era exatamente aquele que estava com a razão.

O que nos chamou não tinha razão nenhuma e aquele que estava brigando com tanto fervor era o inocente, ele era o dono do terreno. Então foi isso que acabou dando a margem para que nós profissionais sempre entendamos o seguinte, a gente tem que sempre ouvir os dois lados, não importa aquilo que chega aos seus ouvidos. Porque muitas vezes um lado é muito mais convincente que o outro e aquele lado mais convincente nem sempre é o lado que destaca a verdade.

Mas o que se destaca neste caso foi a improvisação durante todo o tempo de narração do fato?

Muitas vezes quando você está numa entrada ao vivo quando o assunto é muito interessante o repórter deve só pontuar, não há uma necessidade de você de cortar a história, deixa os dois discutirem, bota o microfone lá e discute. Quando você vê que partir para uma agressão pessoal você separa, diz para eles não se agredirem pessoalmente. Como era um jornal eminentemente policial que vivia dessa retórica a gente deixou. Foi um negócio muito engraçado. Seu Maricatto, o velhinho de 80 anos, chegou para brigar e eu tive que intermediar.

Procurei manter a calma enquanto eles não paravam de brigar. Um ofendia o outro, mas sem palavrões. Era aquela discussão: “calma seu Maricatto, calma, não bate no homem.” Eu sempre procurava deixar as pessoas que ligavam o aparelho de TV por dentro do que estava acontecendo, dar o entendimento daquela contenda, explicando quem era quem e por que estavam naquela discussão na quase possibilidade de agressão física. Ao mesmo tempo tentava impedir que seu Maricatto agredisse o outro senhor de idade que havia nos chamado para reclamar que o terreno estava sendo invadido.

Hoje você se sente tranquilo quando vai fazer um link Ao Vivo? Você prepara um texto antes?

Não, não preparo mais. Hoje eu procuro me ater as informações, buscar algumas referências básicas. A base de tudo é a leitura, o conhecimento, eu já fiz quatro faculdades (Jornalismo, Administração, Direito e Educação Física), fiz uma pós-graduação em Negócios Internacionais e

estou fazendo um MBA. Então, se você não tem leitura, não tem conhecimento, não tem postura crítica em relação ao seu trabalho, se você está fazendo a coisa errada tem que ter a humildade de começar tudo de novo. Dizer: não ta legal, o texto não está bom, deve-se procurar colegas mais experientes, pedir algum tipo de informação, de feedback.

Eu tenho 21 anos de televisão, mas tem colegas que tem 35, como é o caso do Paulo Henrique Amorim. Eu estou aprendendo, e cada diz mais. A gente tem que procurar uma linguagem nova, procurar se aperfeiçoar. Tudo isso é um conjunto de valores, de princípios, que norteiam o trabalho de quem faz a reportagem Ao Vivo, sua postura, sua voz.

Entrevista

08/08/2005

1) Dados gerais

Nome: *Fabiana Teixeira*

Idade: *30 anos, 10 anos de profissão*

Atuação: *repórter Rede Record – São Paulo*

Formação: *PUC/SP*

Veículos onde já atuou: *TV Alphaville, TV Cultura, TV Bandeirantes, Rede Record*

Entrevista:

Como você trabalha o improviso quando vai fazer um link Ao Vivo?

Boa parte do jornal Fala Brasil é preenchida com o Ao Vivo e este tempo todo era mais na base do improviso. As vezes ficávamos até 15 minutos no ar. Então tínhamos que conseguir um entrevistado na hora. Por exemplo, numa feira de bebê, mostrávamos os lançamentos de móveis, roupas tudo numa entrada e depois tínhamos que preparar uma segunda entrada, então era só no improviso, não dava para fazer ou preparar um texto. Automaticamente você narrava o que estava vendo, a roupa nova para bebê, o berço, a mãe amamentando e depois um entrevistado também ajudava a dar mais informações sobre os detalhes.

Mas já aconteceu de ficar sem entrevistado e você tem que continuar mostrando. O que eu aprendi foi não fazer uma reportagem dura, porque quando o repórter faz um texto ele normalmente fica mais preso a algumas informações que ele tem anotado. Mas contar o ambiente, descrever a situação, pegar curiosidades, isso você pode explorar mais que simplesmente fazer o que está no texto, no release. Mostrar, por exemplo, numa feira de bebê que a mãe pode contar com auxílio de alguns produtos para amamentar o filho e enquanto fala ir mostrando o aparelho. Como funciona? Então você mostra e descreve como funciona e isso faz quase que totalmente de improviso porque não tem como treinar como se faz.

- Até por uma questão de liberdade, o tempo de uma reportagem ou de uma entrada Ao Vivo tem tudo a ver com o improviso?

Eu acho que o sim. Quando você um jornal como O Edição de Notícia, que é fechado, eles te passam você tem 50 segundos. Com esse tempo você não tem muito para improvisar, se tem que mais ou menos formular o texto que você vai seguir, não decorar, mas mais ou menos você vai seguir porque o tempo está determinado. Quando você tem cinco ou dez minutos para entrar e ficar no ar, você vai ter que contar porque só depende de você, você vai no improviso realmente.

- No jornal fechado você prepara um texto, você segue a risca quando se escreve este texto?

Nunca a gente deve decorar um texto. Nunca fiz texto para decorar. Faço tópicos, números, nomes, uma data. Isso eu anoto porque se esquecer, se me falhar, eu tenho onde recorrer porque acho que fica muito pior você falhar no Ao Vivo que olhar para um papel. Nunca decorei, mas anoto os tópicos. Meio que memorizo alguns detalhes da notícia e guardo na mente e daí é só ordenar para sair no improviso de forma compreendida pelo telespectador.

- Você formata o texto até chegar ao ponto correto da informação?

Sim, eu passo o texto e isso faz com que você faz uma certa memorização, mas em cada passagem você muda, você improvisa sobre o texto original e se escrever dez vezes muda as dez vezes.

- Nessas mudanças, o improviso se afasta da informação original do fato essencial, da notícia em si?

A gente percebe que fica mais descontraída a notícia. Você absorve muito mais e passa com mais segurança. Quando você não tem certeza da informação, não absorveu aquilo de forma profunda você passa meio que travada o negócio. Se você passa uma, duas, três vezes, quando você efetivamente entra no Ao Vivo, você dá a informação de forma mais tranqüila.

- Em algum momento do Ao Vivo você viu uma situação virar no momento em que você vai entrar no Ar quase com tudo pronto?

Sim, estava tudo pronto para entrar no São Paulo no Ar na Prefeitura para falar sobre o prefeito Celso Pitta tudo tranqüilo e de repente os perueiros invadiram e acabamos parando em cima do portão de ferro da Prefeitura e por causa disso mudou tudo. Sua informação, seu tom de voz. A adrenalina tomou conta. Apesar de estar acostumada em fazer isso todo dia, você não é uma

máquina, quando tem esse fator do inesperado, uma situação totalmente diferente, em que você precisa saber se controlar.

- E como você se portou no Ao Vivo no momento da invasão?

Eu digo que o Ao Vivo é muita experiência. Eu sempre gostei, eu adoro fazer o Ao Vivo, porque você se sente Vivo realmente. Você se analisa sempre, vê os pontos fracos, aquelas situações em que você se sente menos preparado, mas é só dia a dia mesmo para você se sentir preparado. E tem dia que por mais experiente que você seja aquele link que você já fez vinte vezes e não sai nada. Pode acontecer e não tem como voltar.

- Como você faz quando percebe que aquela mesma situação e não está do jeito que você queria?

A concentração permite que você se acerte. Você tem que estar concentrado. Você pode ter vinte coisas acontecendo ao seu lado você tem que estar ligado nestas vinte coisas, tem que se preocupar com o retorno, com alguém que está te coordenando, com o seu texto. Se você vai improvisar tem que se preocupar com o texto que vai falar porque não pode haver erros de português, para não cometer nenhuma falha. Então, são N fatores que vão interferir e a entrada tem que ser perfeita. O tempo, se você tem segundos ou se você tem minutos, você vai poder falar sempre uma novidade para não dar sempre a mesma informação e repetir a mesma notícia, trazer alguma coisa que o telespectador entenda que seja notícia e que seja relacionada ao fato que você está narrando.

- E no meio do caminho, se você errou, como era feito o conserto no Ao Vivo.

Na seqüência, imediatamente. Nunca se deve deixar para depois, o conserto de um erro na notícia ou de texto, deve ser feito na hora.

- Usa algum jargão para dar tempo para pensar?

Acho que eu uso a palavra “agora” para dar tempo para pensar no que vem depois. Eu acho que repito a palavra “agora” para dar os dois segundos de tempo para pensar no que dizer em seguida dentro da informação, dentro da transmissão que vou fazer.

1.2 - TRANSCRIÇÕES

A seguir as transcrições dos boletins “Ao Vivo” que serviram de base para a investigação proposta neste projeto –

Links do Jornal SPTV – Rede Globo
Edição extraordinária – 15/05/2006 -

Luciano Cherubini – link em frente ao prédio do DEIC – Zona Norte de São Paulo

Tramontina, aqui no Deic foi criado um grupo de investigação para acompanhar todas essas ações que acontecem na Capital. Eles permanecem dentro do prédio e tentam mesmo rastrear a ação dos bandidos. Ahh, uma das faixas, uma das pistas aqui da rua em frente ao Deic está interditada. O trânsito não passa e o objetivo é facilitar o acesso dos policiais até o prédio do Deic e também impedir a aproximação de carros estranhos. E uma outra informação. O procurador geral de Justiça, Rodrigo Pinho, convocou uma reunião de urgência com promotores que combatem o crime organizado e com promotores que cuidam do sistema penitenciário. Essa reunião acontece na sede do Ministério Público, no centro de São Paulo, há quase duas horas. 20 promotores discutem, tentam encontrar uma estratégia para parar com as ações, impedir os ataques aqui na Capital. Tramontina...

Veruska Donato – Palácio dos Bandeirantes (Zona Sul)

Tramontina, a segurança aqui no Palácio do Planalto, aliás, Palácio dos Bandeirantes, aqui em São Paulo, foi reforçada nos últimos dias, desde que começaram os ataques na Sexta-feira à noite. Os policiais, a maior quantidade, em frente dos dois portões principais, eles estão portando metralhadoras. E como a vinda do ministro da Justiça aqui ao Palácio dos Bandeirantes às seis horas da tarde para uma reunião com o governador de São Paulo, Cláudio Lembo, a segurança deve ser ainda mais reforçada. O ministro se reúne com o governador e depois dá uma entrevista coletiva ao lado do secretário de segurança Pública, Saulo de Castro Abreu Filho, e também do secretário de Administração penitenciária, Nagashi Furukawa, ao lado também do governador de São Paulo. O governo pede para lembrar que não há nada de oficial sobre um toque de recolher. A cidade funciona normalmente e a assessoria de imprensa diz que o Estado pede às pessoas que não tenham medo e tomem cuidado com informações que não foram confirmadas oficialmente. Tramontina...

Rodrigo Vianna – Secretaria de Segurança Pública – centro de SP

É Tramontina, o governo pede para que as pessoas não tenham pânico só que aqui no centro da cidade uma situação muito complicada né? Acabou cerca de uma hora, a entrevista coletiva do diretor do DEIC, Godofredo Bittencourt, aqui na Secretaria de Segurança. Ele apresentou os novos números ai da Secretaria desses ataques e disse que a polícia não perdeu o controle, tá mantendo controle nas ruas... Meia hora depois de terminar a entrevista coletiva aqui na Secretaria de Segurança, as lojas aqui em volta, há cinquenta metros da Secretaria começaram a fechar as portas. Fecharam a rua São Bento, Rua Direita, Largo do patriarca, em toda região aqui do comércio de rua de São Paulo, lojas fechadas. Então as pessoas estão com medo, apesar do governo estar dizendo que a situação está sob controle. Número total de ataques, balanço oficial

da Secretaria de Segurança: 180 ataques, sendo 56 contra ônibus, 8 contra banco em todo o Estado de São Paulo, principalmente na Grande São Paulo. Total de mortos: 82, sendo 43 policiais e cidadãos e 38 suspeitos de envolvimento com esses ataques criminosos. Tramontina...

Rodrigo Vianna – SSP (Centro)

É Tramontina, a gente deu uma informação agora há pouco e vamos mostrar agora. Olha eu estou aqui no prédio da Secretaria de Segurança Pública, 50 metros – do outro lado - rua Líbero Badaró esquina com rua José Bonifácio...Para quem conhece bem o centro de São Paulo é uma região com comércio a essa altura estaria muito movimentado. Há cerca de 40 minutos, os comerciantes foram baixando as portas. A gente tem aqui algumas lojas, mas a mesma coisa se repete aqui para dentro, depois a gente tem ali a Rua São Bento, um pouco mais ali para cima, e também 90 por cento das lojas fechadas. As pessoas tão aqui na rua se movimentando, as pessoas indo embora do trabalho, ou seja, o dia terminou antes da hora por causa do medo das pessoas, boatos, uma série de boatos circulando aqui no centro da cidade. E a polícia aqui, olha, o policial militar que dá segurança para a Secretaria de Segurança Pública, com uma arma ali, um calibre 12. A todo momento passam motoqueiros, carros com vidros escuros. Ele vai até o local. Há um clima de muita tensão no centro, inclusive na região onde fica a Secretaria de Segurança Pública. Ó um policial ali Tramontina...

Tramontina pergunta – a gente nota que no dia de hoje os policiais foram para as ruas usando um armamento muito mais pesado. Em alguns locais, inclusive, eles estão usando metralhadoras, que é um tipo de equipamento que não faz parte do equipamento do trabalho diário, né?

Rodrigo Vianna – completa

– É verdade Tramontina. A gente nota que tem esse equipamento pesado e a postura também é outra. Algumas pessoas comentava comigo aqui no centro que vão em direção ao policial para pedir uma informação e o policial está assustado. Quer dizer, é uma situação muito difícil. Se o policial está assustado, imagine como está a população, por mais que o discurso seja para manter a calma. E a gente acha que tem que manter a calma mesmo né? Não podemos entrar em pânico, mas a verdade é que o comércio está fechado, o centro de São Paulo, o comércio fechado. As três e meia da tarde já estava assim. Tramontina

Fernando Sabino – Globocop –

Helicóptero sobrevoando Santo André. É o comércio de Santo André, centro de Santo André. Comércio de rua de Santo André já está fechado. Nós estamos sobrevoando essa região há cerca de 20 minutos Tramontina. Todas as lojas com as portas fechadas e muita gente já nos pontos de ônibus. Quer dizer, começou o retorno dos comerciários, pessoas que durante o dia... (caiu o sinal)

Dirceu Martins – Ribeirão Preto –

Foi divulgado agora há pouco mais um boletim de saúde do estado de saúde do diretor do presídio de Jaboicabal. Adelson Tacloco teve queimaduras em 80 por cento do corpo e continua inconsciente e respirando com ajuda de aparelhos. O estado de saúde dele é muito grave. Por motivo de segurança, a direção da unidade de emergências do Hospital das Clínicas de de Ribeirão Preto também restringiu o número e o horário de visitas. Só uma pessoa por paciente pode entrar e

só até as seis da tarde. Agora há pouco em Jaboticabal alguma lojas do centro fecharam as portas mais cedo com medo de novos ataques. Até...em Ribeirão Preto, a gente recebe a informação agora de que algumas lojas do centro da cidade também fecharam as portas. De acordo com a polícia, só no Centro de Detenção Provisória em Ribeirão Preto a situação ainda é confusa. Os outros motins na região estariam controlados. No total foram 11 presídios rebelados. Desde o começo da onda de violência quatro ônibus foram incendiados aqui na Região de Ribeirão Preto. Tramontina...

Luciano Cherubini – DEIC

Tramontina – como nós dissemos agora há pouco foi montado um grupo de investigação aqui no Deic para rastrear as ações desses bandidos pela Capital. Também foram montados cinco grupos operacionais de policiais que se revezam nos trabalhos de rua a partir de informação passada aqui pelo grupo de investigação. Se é... 91 suspeitos, este é o último número oficial, 91 suspeitos foram presos. Eles são levados primeiro para as delegacias da cidade, prestam depoimento e depois são encaminhados para CDps aqui de São Paulo. São 91 suspeitos. A polícia está toda na rua. Eu conversei aqui com alguns policiais. Eles chegam a trabalhar até 18 horas seguidas, tudo na tentativa de restabelecer a segurança na cidade. E as autoridades reforçam que a população não deve se alarmar porque a polícia está tentando restabelecer a ordem na cidade. Tamontina...

Marcelo Espanha – Taubaté

Tramontina – aqui no Centro de detenção provisória de Taubaté a situação ainda é muito complicada. 9 agentes penitenciários continuam reféns dos detentos. A expectativa é pela chegada do Batalhão de Choque. Aqui do lado de fora, tranquilidade, mas lá dentro a informação é de que o local está totalmente destruído. No P1 de Tremembé, 2 agentes também são reféns e 41 parentes estão dentro da Penitenciária. Seriam 34 mulheres e 7 crianças. Em Potim e Aparecida a rebelião já terminou. Em Potim,, 8 reféns foram liberados. Em Aparecida, os presos aguardam a transferência para outros locais para que a polícia possa fazer uma revista no local que também foi destruído. Agora há pouco começou uma nova rebelião aqui na região. Na cidade de Cruzeiro 95 detentos se rebelaram. Eles fazem 2 agentes reféns. A situação mais complicada é em São José dos Campos. Nem a polícia civil, nem a polícia militar, confirmam novos casos de atentado. Mesmo assim, o pânico se espalhou pela cidade. Loja, escolas e até agências bancárias decidiram fechar as portas. O fórum da cidade está fechado por uma bomba que teria sido colocada no local. Tramontina...

Fernando Sabino – Globocop

Tramontina, olha exatamente o retrato daquilo que você explicava agora. As pessoas voltando mais cedo para casa. Esta é a Marginal Pinheiros, sentido Santo Amaro. Normalmente ela fica congestionada, mas mais tarde por volta das 6, 7 da noite. E nós já estamos a este momento, a esta altura da tarde, com o trânsito totalmente congestionado. É o paulistano retornando mais cedo para casa, Tramontina...

Rodrigo Vianna

– É Tramontina, o que há de novo é, tá relacionado com essa notícia que a gente acabou de ver aí. Marco Antônio Desgualdo, chefe da Polícia Civil de São Paulo, está reunido neste momento aqui na Secretaria de Segurança Pública com representantes das principais operadoras de telefonia

celular. Há uma proposta da Polícia Civil, já que não se...esse bloqueador de celular, há uma proposta que, em caráter de emergência, simplesmente tire de operação as antenas, as chamadas Erbs, são aquelas antenas nas regiões dos presídios. A polícia propõe isso e, tecnicamente, é complicado porque a população, a população normal né...que utiliza o celular nessas regiões seria prejudicada também. Acontece que a polícia tem dito que é uma estratégia de guerra...Que neste momento seria necessária para combater a ação dos criminosos. Essa reunião está acontecendo agora. Até o final da tarde a gente vai ter uma definição sobre o que pode ser feito. Será que vão tirar de operação as antenas de telefone celular em volta dos presídios? A gente não sabe ainda. As cinco e meia da tarde há uma coletiva prevista com o coronel Eclair, comandante da Polícia Militar. Essa entrevista coletiva vai acontecer lá no Palácio dos Bandeirantes, sede do governo, onde o governador vai receber também o ministro da Justiça, Márcio Tomás Bastos, Tramontina..

Tramontina - vamos ao Departamento de Investigações Criminais retornando com o repórter

Luciano Cherubini, que traz mais informações...

- Tramontina – um homem foi preso agora há pouco na zona Norte da cidade. A prisão foi na avenida Raimundo Pereira de Magalhães. Segundo a polícia, ele mandava os comerciantes de rua, fecharem as portas e ele estaria a mando de uma organização criminosa. Ele foi preso porque policiais civis tomavam café num bar e escutaram quando o homem se aproximou e ordenou que o comerciante fechasse a porta. Esse homem foi preso em flagrante e está aqui no Deic. Ele entrou agora há pouco, levado pelos policiais e já está sendo ouvido. Com essa prisão, sobe para 92 o número de suspeitos presos e... de participação nesses ataques em São Paulo,. Tramontina...

Tramontina – vamos ao Palácio dos Bandeirantes com informações “Ao Vivo” de Veruska Donato.

Veruska Donato

– Olá de novo Tramontina...Com o aumento das reações das pessoas a esses ataques, com o fechamento de comércio, shoppings, universidades e escolas, o governo se mobiliza para passar tranquilidade à população. O comandante da Polícia Militar, Elizeu Eclair, dará, daqui a pouco, uma entrevista coletiva aqui no Palácio dos Bandeirantes para detalhar as operações e de que forma a Polícia Militar está fazendo o policiamento na Capital e também em todo o Estado. A tentativa é de levar tranquilidade às pessoas, de passar confiança. Tramontina...

Tramontina – Nós temos novas informações, Luciano Cherubini

Luciano Cherubini

– Tramontina, estamos aqui na expectativa da chegada de mais um suspeito que teria sido preso pela polícia. Essas informações ainda não foram confirmadas mas dá conta de que um suspeito que tava com o indulto do Dia das Mães...ele teria saído da prisão para visitar a família e não retornou para a cadeia. Ele teria sido preso hoje porque saía tacando, atacando pedras numa agência bancária aqui de São Paulo. Teria sido preso até com a ajuda da população e agora está sendo trazido aqui para o Deic. A gente está aguardando essa chegada. Aqui no Departamento de Investigação sobre o Crime Organizado o clima é aparentemente tranquilo, mas uma das pistas

está interditada, o trânsito está fechado, os carros da polícia impedem a passagem de outros carros para evitar mesmo a aproximação de suspeitos. Tramontina

Tramontina - Sobrevoando a Capital, Fernando Sabino

Fernando Sabino

Tramontina, mais uma vez mostrando o flagrante de congestionamento na região do Butantã. É porque nessa avenida, a avenida Lineu de Paula Machado, está acontecendo mais uma blitz da polícia. O trânsito está afinilado bem no ponto em frente a uma base da Polícia Militar que fica nesta avenida aqui na região do Butantã. Há informações, que chegaram há pouco, de três ônibus incendiados em três bairros diferentes da cidade. Além aqui do Butantã também um ônibus no jardim Paulista e um ônibus na região de Guarapiranga. E uma informação que acaba de chegar Tramontina, que a se secretarias estadual e municipal de educação estão garantindo que amanhã as aulas acontecerão normalmente. Tramontina.

**Transcrição de trechos “Ao Vivo” da reportagem no Jornal da Record
Edição extraordinária - 15/05/2006**

Adriana Araújo – apresentadora no estúdio, em edição extraordinária, convoca repórteres espalhados em pontos estratégicos para obtenção de informações. Entre esses pontos, que se assemelham com os definidos pela direção da Rede Globo São Paulo, estão, um repórter sobrevoando a cidade pelo helicóptero, um no Palácio dos Bandeirantes, um no prédio sede do Departamento de Investigações contra o Crime Organizado (Deic), outro no Largo 13 na zona Sul de São Paulo, para onde convergem milhares de trabalhadores e que utilizam um dos maiores terminais de ônibus da cidade, o Terminal Santo Amaro.

Adriana –

O repórter Alexandre Motta sobrevoa a cidade neste momento e é com ele que vamos falar “Ao Vivo”. Motta como está o trânsito na cidade neste momento.

Alexandre Motta – Helicóptero

Adriana, trânsito intenso e com congestionamento em vários pontos de São Paulo. Muito em razão dos ataques que a cidade sofreu nesta madrugada. Há informações ainda de que os comerciantes da área central de São Paulo, receberam orientações para fechar as portas porque poderiam ocorrer ataques também na área central. Os recados estariam sendo dados por pessoas que passaram nos estabelecimentos e avisaram os funcionários de que poderiam ocorrer tais atos. Essas informações não foram confirmadas, mas o que se percebe é que muitos lojistas já estão fechando as portas de seus estabelecimentos com medo de que essas informações possam ser verdadeiras. Há inclusive o temor de que possam ocorrer arrastões, como um site tem divulgado, caso os comerciantes mantenham seus estabelecimentos abertos. A polícia está presente na região central, mas muitas loja já estão fechando e o que se vê são muitas pessoas caminhando pela cidade provavelmente já em busca do transporte para voltar para casa. Adriana

Adriana, de outro ponto da cidade, mas especificamente da zona sul de São Paulo, o repórter Ricardo Ferraz, também tem mais informações. Ricardo

Ricardo Ferraz – zona Sul da cidade

Adriana, um dos maiores terminais de ônibus da cidade, o Terminal Santo Amaro, tem poucos ônibus circulando, alguns, de algumas empresas. Na verdade, o terminal está praticamente vazio...As pessoas estão buscando transporte aqui nas avenidas por onde passam as vans do transporte alternativo, os perueiros e o transporte clandestino, tudo porque parte dessas pessoas foram liberadas mais cedo do trabalho em decorrência dos ataques na manhã de hoje e o medo de que muitos trabalhadores possam ficar sem como voltar para casa por causa da decisão das empresas de não colocar os veículos para circular por falta de segurança. Adriana

Adriana, da Zona Sul de São Paulo, vamos para o Departamento de Investigações contra o Crime Organizado, Deic, na zona Norte...De lá fala “ao Vivo” a repórter Silvia Damasceno...

Silvia Damasceno

– Olá Adriana, aqui no Deic as informações são de que a polícia está monitorando e tentando obter mais informações que possam ajudar na prisão dos autores dos ataques nesta manhã. A polícia realizou diversas prisões de pessoas suspeitas de ligação com a facção criminosa responsável pelos ataques e que estão sendo ouvidas. A cidade teme ainda por novos ataques uma vez que há informações de que estaria ocorrendo em alguns bairros da periferia também e cidades do interior do Estado o fechamento de comércio, escolas e universidades por causa do temor de novos ataques. Por aqui, no Deic, os policiais entram e saem a todo momento para efetuar diligências e prender suspeitos. Adriana

Adriana – voltamos ao helicóptero com o repórter Alexandre Motta, Alexandre

Alexandre

– Adriana, chega nos a informação de que os comerciantes de bairros de São Paulo estariam fechando as lojas por que pessoas estariam ameaçando os lojistas. De acordo com informações na Internet agora há pouco uma universidade na região de Higienópolis teria sido metralhada, mas a polícia militar não confirmou a informação. Uma escola da rede estadual teria recebido um telefonema em que a pessoa disse que foi deixado um pacote no prédio que conteria explosivos. O Gate foi acionado e já estaria a caminho dessa escola. Se há ou não essa ameaça de atacar os estabelecimentos comerciais, o que a gente percebe aqui de cima, sobrevoando a região central é que muitos estabelecimentos, lojas, escritórios e até empresas e fábricas já estão dispensando seus funcionários. Uma situação tensa para as pessoas que ficam se perguntando o que fazer caso não encontrem ônibus para voltar para casa, né Adriana?

Adriana – A Polícia Militar não confirma e a Secretaria de Segurança Pública também não confirma essas ameaças e ataque ou ataques a estabelecimentos comerciais e escolas, mas muita gente, inclusive a direção de universidades já suspenderam as aulas que aconteceriam no período noturno justamente por causa dessas informações...Por causa dessa violência toda o que a polícia tem feito Alexandre?

Alexandre Mota

É Adriana, muito em razão disso tudo, a polícia, o comando da Polícia Militar e também o comando da Polícia Civil suspenderam todas as folgas e também as férias. Nós vemos aí a Marginal do Rio Pinheiros. Neste trecho até que o trânsito vai fluindo bem, um pouquinho melhor, mas a situação está complicada, continua bastante complicada. Nós temos uma informação importante para quem mora, o telespectador que mora em São Paulo, ou na Grande São Paulo, e trabalha aqui na Capital. Amanhã, confirmado Adriana, amanhã, Terça-feira, o rodízio de veículos para as placas com finais 3 e 4 está suspenso pela Companhia de Engenharia de Tráfego, a exemplo do que aconteceu hoje em relação aos veículos com placas de finais 1 e 2. E para quem não conhece São Paulo, entre 7 da manhã e dez da manhã há um rodízio no chamado centro expandido é, ah..., os veículos neste horário não podem trafegar sob pena de multa. E também, no final da tarde entre 5 da tarde e 8 da noite, o rodízio se repete. E hoje aconteceu isso. O rodízio foi suspenso pela manhã em razão dos ataques aos ônibus já que muitas empresas, 9 empresas da zona Sul e uma da zona Norte é...ficaram paradas, ou seja, fecharam. Em razão disso, pelos ataques terem continuado, a situação continuar bastante tensa amanhã, Terça-feira, o rodízio está suspenso. A confirmação é da CET.

**Adriana, Obrigada Motta. Já...já voltamos. E vamos falar “Ao Vivo” agora com o repórter Ricardo Ferraz, neste momento do Largo 13. Ricardo?...
...Não conseguimos contato com Ricardo. Vamos tentar falar agora na sede do Palácio do Governo com Marcelo Carrião. Marcelo, você me ouviu?**

Marcelo Carrião – no Palácio dos Bandeirantes

Ouçoo sim Adriana. Nós prosseguimos aqui aguardando o início da entrevista coletiva do comandante geral da PM de São Paulo, Eliseu Eclair. A entrevista estava marcada para as cinco da tarde, mas já são cinco e meia e por enquanto ainda não começou. Estão acontecendo alguns preparativos por aqui...Mais de cinquenta profissionais de imprensa aguardam aqui as palavras do coronel e ele realmente deve dizer, deve pedir calma à população paulista já que assim como existem reféns nas penitenciárias, os cidadãos também estão se sentindo reféns dessa onda de violência aqui em São Paulo. Adriana

Adriana – Marcelo e alguma informação sobre qual o motivo desse atraso da entrevista coletiva? Alguma reunião neste momento do comandante da PM?

Marcelo Carrião

– Olha, a Assessoria de Imprensa aqui do Palácio do Governo não divulga o porquê desse atraso. A gente tem a informação de que o coronel, comandante da PM de São Paulo, Eliseu Eclair, ele está aqui no Palácio dos Bandeirantes e provavelmente ele prepara é...ele passa a limpo esses dados sobre mortes, números de ataques, enfim, esses números que estão desconstruídas. Ele provavelmente passa esses números a limpo agora, neste momento, para que depois possa trazer à nós aqui, as informações precisas enfim, e tentar de alguma forma é...acalmar a situação que neste momento é realmente crítica...Adriana

Adriana – Assim que começar essa entrevista coletiva, nos acione que nós voltamos falar “Ao Vivo”. Vamos tentar agora um contato com a repórter Silvia Damasceno que está em frente ao Deic, o departamento da Polícia Civil que investiga o crime organizado. Silvia.

Silvia Damasceno

– Olha Adriana, o que dá para perceber é que a movimentação de policiais aqui é bastante grande. São policiais que entram e que saem e o que chama a atenção é que eles saem com armamento pesado. Além do armamento pesado todos esses policiais levam nas mãos um colete a prova de balas no plástico. Quer dizer, o que chama a atenção é justamente isso, os policiais tentam se cercar de todos os lados. Nessa tarde, o comércio da região do Bom Retiro e de toda a Santa Efigênia abaixaram as portas por volta das quatro da tarde. Funcionários da USP e também estudantes foram dispensados. Segundo as assessorias de imprensa essa dispensa foi feita, mais cedo, pra facilitar o retorno dessas pessoas pra casa já que o transporte coletivo ficou comprometido com ausência de pelo menos três mil ônibus nas ruas. Metalúrgicos da região do Bom Retiro também foram liberados mais cedo. Voltamos aos estúdios.

Obrigada Silvia, agora vamos falar “Ao Vivo” com o repórter Ricardo Ferraz. Ricardo.?

Ricardo Ferraz

– Adriana, voltamos a falar da Zona Sul de São Paulo uma das regiões mais afetadas pela onda de violência, isso porque sete empresas de ônibus que deveriam operar normalmente deixaram os ônibus nas garagens com medo ai dos ataques. Neste momento, a re...a situação aqui é de total tranquilidade, mas a gente nota uma aparente diminuição no número de ônibus, o que é bastante preocupante já que bastante pessoas deixaram aqui esta região e não tem a certeza de como vão voltar para casa até porque a Prefeitura não anunciou se vai acontecer algum esquema especial para garantir a volta destas pessoas para casa. Somente quem faz o transporte público neste momento são os perueiros e ônibus clandestinos. E ai fica a pergunta no ar: se essa população vai conseguir, realmente, voltar com tranquilidade para suas casas?

Adriana – E policiamento Ricardo? Você vê policiais ai por essa região da cidade?

Ricardo Ferraz

– sim, bastante policiais sim. Eles estão reforçando aqui as bases da Polícia Militar. Estão fazendo, inclusive, algumas revistas nos carros que passam por aqui e que são suspeitos. Detiveram uma pessoa para averiguação, mas ela já foi liberada. Quem não é da região e que está circulando por essa região aqui da zona Sul é parado e acaba muitas vezes tendo o nome averiguado. Faz parte do procedimento desses policiais que estão agindo na zona Sul.

Adriana – Obrigada Ricardo. E agora o repórter Marcelo Carrião tem informações “ao Vivo” direto do Palácio do Governo...

Marcelo Carrião

– Perfeito Adriana, o comandante geral da PM de São Paulo, Eliseu Eclair, começou a entrevista coletiva aqui no Palácio dos Bandeirantes. Vamos ouvir um pouco.

Coronel Eclair – comandante da Polícia Militar concede entrevista

É em tempo real, o que disse ali, oh, tá aqui, oh...alguma coisa que caia na sua redação, traga na hora para nós e eu mando uma viatura lá para verificar o que está acontecendo porque uma preocupação muito grande. Nós estamos fechando o comércio de São Paulo, cidades do interior, e tem mais, hoje durante o dia, não querendo minimizar, foi o dia mais tranquilo desses todos os dias, o menor número de ocorrências. Tivemos sim, ainda tivemos ônibus incendiados, ainda tivemos sim uma agressão violenta a uma única viatura da Polícia Civil, só que em termos de ocorrências em São Paulo, houve uma diminuição brutal. Agora, o pânico que se causa, pela internet, principalmente...Eu sei que os canais, asa rádios, as televisões, elas são movidas as coisas que chegam ...elas querem verificar. Eu sei que é um problema de audiência. Queremos transparência...Agora é uma grande preocupação senhores...Esse problema não é só da polícia. Nós estamos estamos enfrentando um problema que é da sociedade. Nós todos. Temos que estar colaborando nisso daí. Excelente que a comunidade, que a sociedade, que o pai de família saiba o que está acontecendo. Isso realmente traz força e divulga quem são os bandidos, quais são seus modus operandis e o que tem que ser mudado. Agora, o que não pode acontecer...Ainda bem aqui no caso da Folha que colocou aqui corretamente. Corretamente aqui ó...Internautas espalham boatos sobre PCC e alimentam pânico em São Paulo.. – nós temos aqui, ó... o balanço fechado agora há pouco, às 17 horas, que mudou muito pouco. Tivemos sim um aumento de ocorrências

desde ontem daquela nossa entrevista de ontem. Hoje, aqui às 17 horas, nós estamos aqui no ataque de número 200. Mas é só olharmos aqui, a grande maioria hoje, ou antes, eram contra imóveis, não contra pessoas. Nós não tivemos, exceto essa viatura da Polícia Civil, que ainda está sendo averiguado se a origem é de ataque, não tivemos outro fato. E é importante, nós estamos hoje com 39, ...39 bandidos mortos. Enfrentaram a polícia, morreram...estamos com 91 presos, presos qualificados. Entregamos a distribuição deles ao Deic, numa reunião hoje a amanhã inteira. Doutor Bittencourt está convocando esse pessoal, tratando para realmente interrogá-los. A reação, vocês estão vendo. Estão de parabéns nossos comandos. Hoje a polícia armada, defendendo a sociedade. Agora, nós precisamos, sem querer minimizar, mascarar a verdade, não provocar pânico, principalmente internautas, internet, orkut... Isso tá causando uma comoção em São Paulo. Colégios que não vão abrir hoje a noite. Faculdades. Nada disso procede. Mostre me uma...Não há sentido. Ele pode falar assim ó. Meus alunos, 80%, eles chegam de ônibus. A empresa tal não está aqui hoje trabalhando. Até há lógica...Agora, boatos. Senhores, nós estamos provocando uma comoção no Estado, no Estado...Eu peço a colaboração. Eu convido todos os senhores a permanecerem a noite toda...a sala de Situação da Polícia Militar com policiais civis, onde o estado inteiro se comunica. Nós deixamos absoluta transparência. Boatos de toque de recolher, que o aeroporto ia ser, é...uma explosão, shoppings. Então, conforme vocês, olhem aqui: “É urgente. Hoje às 18 horas haverá um ataque de violência...Carta a polícia...” Senhores... É lógico que pode acontecer, alguma coisa, pode. Ai eu digo que não é esse pânico. Óh, o comandante falou e aconteceu. Senhores, nós estamos em guerra contra eles. Não vamos recuar...Não vamos recuar... Podemos Ter mais baixas, vamos Ter mais baixas, mas não vamos recuar. Vamos deixar isso bem claro para todos. Ontem, nós dominamos mais de 20 presídios. Hoje, mais 20 presídios também foram dominados. Temos ainda outros 40 em negociação, a pedidos dos diretores nós não entramos. Mas essa solução é entre amanhã e Quarta-feira, está se esgotando. São aqueles presídios onde não houve quebra-quebra. Onde tudo aquilo foi mantido. Agora estão aqui os números. Estamos com mais de 100 armas apreendidas. A reação está acontecendo. Vamos sofrer ainda, com certeza, retaliação, eu não tenho dúvida. Eu espero, eu espero que os senhores conclamem também a população.

Senhores, nós temos todo o policiamento. Agora entre 18 e 19 horas estão saindo para as ruas 140 viaturas do Choque, da Rota. Elas estão distribuídas na Capital em pontos analisados onde nós precisamos. Volto a dizer, absoluta transparência. É uma guerra. É uma situação que realmente afronta o estado de direito, mas não negociamos, nós não recuamos. Teremos mais mortes. Eu não...pode acontecer. O que eu peço: o apoio da imprensa. Nós temos no dia de hoje, programas, inclusive eu estive ligando pessoalmente para alguns diretores de rede, que me desculpem o toque profundo de sensacionalismo. Comunicar, avisar eles o conhecimento. Isso é fundamental. O que eu peço, desculpem-me, sem ofender ninguém, é responsabilidade na informação. Um ou outro canal me coloca lá como se a perseguição “estamos indo lá, vamos pegar”, só que isso aconteceu ontem, anteontem. Ai acontece uma cena dessa, imediatamente em torno de 250 ligações. “O que é que tá acontecendo? Eu vou embora..”. A pessoa está passando, vê uma imagem e não viu que a TV está colocando algo que aconteceu ontem, anteontem, de madrugada, tal...O que eu peço senhores. A reação está aqui, está em números. Nós continuamos com 9 policiais militares mortos em serviço. 13 pms mortos de folga. 8 policiais civis e 39 bandidos mortos. Na realidade senhores o que estamos pedindo que os senhores consultem, liguem para o comando, permaneçam lá, vamos dar um apoio nisso daí.

Adriana – foi encerrada neste momento a entrevista coletiva do coronel Eliseu Eclair, comandante geral da PM do Estado de São Paulo, que fez um apelo para que a população de São Paulo mantenha calma, tente manter a rotina, indo ao trabalho, às escolas. Segundo ele, a

polícia está agindo e que a ação da polícia na visão dele é suficiente e não há razão de pânico. Agora vamos voltar a sobrevoar São Paulo com o repórter Alexandre Motta...Alexandre

Alexandre

– Adriana, confirmando o que o comandante geral da PM, comandante Eliseu Eclair, disse agora há pouco em coletiva no Palácio dos bandeirantes, nós observamos aqui na Zona Norte de São Paulo, região da Freguesia do Ó, várias viaturas que vão em velocidade razoável acompanhando o movimento nas calçadas e também nós vimos agora há pouco uma grande concentração de viaturas e durante este bloqueio na avenida João Paulo II, duas pessoas foram presas acusadas de tentativa de assalto a ônibus. Não se sabe se essas duas pessoas iriam assaltar o ônibus ou iriam pegar o ônibus, obrigar os passageiros a sair do ônibus, o mês o acontecendo com o cobrador e o motorista e daí, sim, depois, incendiar o coletivo. O que se sabe é que são 2 presos que estão sendo levados para a delegacia aqui da região da Freguesia do Ó, zona Norte de São Paulo. A ...a situação continua complicada com relação ao trânsito. Nós temos neste momento, Adriana, 195 quilômetros de lentidão em toda a cidade de São Paulo. É quase um recorde do ano. Muita lentidão, muitos congestionamentos em especial nas marginais Tietê e Pinheiros, corredor norte – Sul e Radial Leste. Outra avenida bastante complicada, ou seja, uma via bastante lenta com muito congestionamento e trânsito muito intenso é o elevado Costa e Silva, ligação Leste – Oeste. Assim, o trânsito de São Paulo vai se complicando ainda mais. Adriana...

Adriana – vamos falar “ao Vivo” agora com o repórter Silvia Damasceno que está em frente ao Deic. Silvia quais as últimas informações, por favor...

Silvia -

Olha Adriana, o que dá para perceber é que mais uma vez os policiais aqui tentam se organizar para enfrentar mais uma noite no combate ao crime organizado aqui na Capital. Esses policiais recebem reforço de armas, coletes a prova de balas. Até mesmo o delegado do Deic, quando sai daqui leva reforço policial. As duas faixas da avenida diante do prédio, a tarde, ficaram fechadas. Há pouco foram liberadas. A tarde, representantes a Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo se reuniram com representantes das operadoras de telefonia celular, justamente para encontrar uma solução e barrar as comunicação feita por presos da Capital e do Interior. Em nota, a Anatel – Agência Nacional de Telecomunicação – disse que na responsabilidade não seria das operadoras e sim da Secretaria Nacional de Direitos Humanos. O comércio nas regiões como Bom Retiro e em Santa Efigênia, abaixaram as portas mais cedo, tudo para contribuir no retorno dessas pessoas para casa. Amanhã, algumas escolas não só aqui de São Paulo, mas também do interior prometem suspender as aulas até que a situação esteja completamente controlada. Adriana.

Adriana – encerra a edição extraordinária, mais informações sobre a onda de violência em São Paulo daqui pouco na edição nacional do Jornal da Record ou a qualquer momento em nossa programação.

**Transcrição de trechos do “Ao Vivo” do Jornal Nacional
Edição - 15/05/2006**

Willian Bonner

Nesse dia dramático para paulistanos e também para paulistas em geral é daqui que nós vamos apresentar o Jornal Nacional. É uma forma, claro, de estarmos mais perto dos fatos, mas também é uma demonstração de solidariedade da Globo com os cidadãos daqui. Nesta Segunda-feira, a onda de atentados completou três dias. Agora, ônibus e bancos também são alvos das quadrilhas.

Bonner

- Vamos ver como está o trânsito na cidade. O repórter César Galvão está sobrevoando e tem as informações. Boa Noite, Galvão.

César Galvão (Ao Vivo)

– Boa Noite Bonner. Dos 15 mil ônibus de São Paulo, cinco mil deixaram de circular desde as seis da tarde por falta de segurança. Dos 23 terminais de ônibus da cidade, só nove estão abertos. Cinco milhões e meio de pessoas são prejudicadas e a zona Sul é a região mais atingida. A lentidão na cidade é tamanha que a Companhia de Engenharia de Tráfego parou a medição por pane nos equipamentos. O último número registrado foi de 195 quilômetros de congestionamento, o maior do ano, uma boa parte na marginal Tietê que cruza a cidade de São Paulo.

Bonner

– Obrigado Galvão. Os números de ataques, os números de mortos e de feridos, mudam a todo instante. O repórter Rodrigo Vianna está na Secretaria de Segurança Pública e ele fala “Ao Vivo” de lá. Rodrigo, boa noite. Quais são os números atualizados que você tem?

Rodrigo Vianna – Secretaria de Segurança Pública

– E Bonner, esses números estão sendo atualizados a todo momento. O coronel, comandante da Polícia Militar, deu uma entrevista coletiva agora há pouco, disse que hoje foi o dia menos violento desde que os ataques começaram na Sexta-feira. De fato, o número de mortes nesta Sexta-feira foi menor, mas quando a gente olha o balanço desses três dias isso não é nenhum consolo. Vamos então a esse balanço, com números que lembram uma guerra. 184 ataques em todo o Estado. 56 ônibus queimados, 8 agências bancárias pelo menos destruídas, 43 policiais e cidadãos assassinados e 38 suspeitos de envolvimento com esses crimes também morreram em confronto com a polícia. Ao todo, 81 mortos. Agora há pouco, a Secretaria confirmou que prendeu 3 suspeitos de atacar com dinamite a Delegacia de Francisco Morato, na Grande São Paulo. O ataque foi no fim de semana e eles agora estão presos. Bonner.

Bonner

*- Falamos de novo “Ao Vivo” de São Paulo. No encontro de hoje com o ministro da Justiça aqui na cidade, o governador voltou a recusar ajudar de forças federais para conter a crise, mas anunciou que vai manter a cooperação na área de inteligência.
(Roda VT)*

Bonner

- E vamos agora falar “Ao Vivo” com o governador de São Paulo, Cláudio Lembo. Governador uma boa noite pro senhor. A polícia chegou a Ter informações com antecedência sobre as

rebeliões. O que é que deu errado para São Paulo enfrentar essa tragédia de assassinatos, de terror nas ruas??

(responde – Lembo)

Bonner

- Governador, quando o senhor diz que nada saiu errado, em que categoria o senhor encaixaria as mortes que aconteceram em SP??

(responde Lembo)

Bonner

- Governador, vamos fazer agora uma pergunta que todo brasileiro, ou pelo menos grande parte dos brasileiros se fez nos últimos dias: Por quê motivo o senhor acha que poderia ser pior para a população receber ajuda federal???

(Lembo responde)

Bonner

– Governador me perdoe, vocês abriram mão duas vezes publicamente dessa ajuda. O senhor disse há pouco que não era necessária...

(Lembo responde)

Bonner

– Não...não, não...Me perdoe governador, mas eu não me refiro especificamente ao Exército. Nós temos a Força de Segurança Nacional. São quatro mil homens que o governo federal teria posto à disposição o governo de São Paulo. Eles seriam úteis neste momento na avaliação do governo do estado..?

(Lembo responde)

Bonner

– Governador Cláudio Lembo, eu quero agradecer em nome do Jornal Nacional, da Rede Globo, de todos os espectadores, a sua atenção nesse dia, num momento difícil para nossos espectadores. Bom trabalho para o senhor...

Nos voltamos a falar “Ao Vivo” com o repórter Rodrigo Vianna que está na Secretaria de Segurança Pública. Rodrigo quais as últimas informações que você tem daí...

Rodrigo Vianna

A última informação era essa que o governador acaba de confirmar. Não há nenhuma rebelião em presídios no Estado, segundo a Secretaria de Segurança. No fim de semana chegaram a ser mais de 60 prisões rebeladas. Então pelo menos, nessa área, parece que a situação está voltando ao normal. Outro balanço esperado com muita expectativa refere-se aos presos que receberam o benefício de passar o Dia das Mães em casa. Esses presos, muitos deles, poderiam ter ajudado a cometer esses ataques nos últimos dias. A expectativa é quantos deles vão voltar. Agora, eles tem datas diferenciadas, podem voltar amanhã, outros na Quarta. Então, o balanço sai até o final de semana. 12 mil ganharam esse benefício. O Estado ainda não divulgou uma lista com o nome de policiais que morreram nestes ataques covardes. Bonner...

Bonner

Rodrigo Vianna, muito obrigado, falando “Ao Vivo” neste Jornal Nacional que termina aqui. Outras informações e qualquer informação ...

2. ANEXOS 2

2.1 – Glossário

Palavras comuns no meio televisivo em uso nas redações e nas áreas técnicas e operacionais das emissoras:

ABC - abreviatura de American Broadcasting Companies, rede de rádio e televisão americana.

AC - abreviatura de Alternate Current (Corrente Alternada), corrente elétrica fornecida através de geradores, sejam eles de usinas hidroelétricas, termoelétricas ou mesmo movidos a combustível.

ADO - abreviatura de Ampex Digital Optics, máquina geradora de efeitos especiais digitais.

ALTA DEFINIÇÃO - ver *HDTV*.

ANALÓGICO - sistema oposto ao *digital*. Utiliza pontos de semelhança entre coisas diferentes. Ex: poderíamos descrever um fenômeno elétrico e outro mecânico de maneira idêntica, através da matemática.

ANCHORMAN ou ÂNCORA - pessoa que apresenta ou coordena um programa de televisão.

ANTENA PARABÓLICA - antena captadora de sinais transmitidos através de satélite. Recebe o nome parabólica devido sua forma côncava.

APERTURE - capacidade utilizada para ampliar a definição de uma imagem.

ASCII - abreviatura de American Standard Code for Information Interchange. Linguagem de codificação de informática.

AUDIO DUB - Audio Dubbing, regravação do áudio sem mexer na imagem gravada. É também o nome de uma tecla. Injeta-se o novo som nos conectores *mic* (com microfone) ou *audio in* (com cabo de áudio).

AUTO BACK SPACE - recurso que faz o mecanismo do aparelho de vídeo voltar 3 segundos e depois reencontrar os sinais de controle que farão uma edição eletrônica. Foi o primeiro recurso que permitiu a edição caseira sem disparos. Hoje o recurso de *edit* é encontrado em todas as *camcorders* e *videocassetes*.

BARRAS DE COR - ver *color bars*.

BACK LIGHT - ver *contra luz*.

BCN ou B - formato de uma polegada. Conhecido como formato da Bosch. Usa duas cabeças para gravar um *quadro* (uma para cada *campo* de imagem).

BEEPER - sinal de áudio que auxilia no monitoramento do ganho a ser utilizado, e também aponta o início de uma gravação.

BETACAM - sistema de gravação desenvolvido pela Sony que utiliza fita de meia polegada com qualidade profissional. A identificação SP significa "Superior Performance", ou seja, uma versão com maior quantidade de partículas magnéticas na fita.

BETAMAX - formato de meia polegada similar ao *betacam*, só que para uso doméstico.

BG - abreviatura de background. Do inglês, fundo ou segundo plano. No áudio é utilizado para descrever o som em segundo plano e no vídeo é a imagem ou cenário de fundo.

BIT - contração de binary digit. Menor unidade digital.

BLANKING - período em que o feixe de elétrons (*beam*) volta à esquerda do quadro para traçar uma nova linha.

BREAK - parada de um programa para a introdução de chamadas comerciais ou institucionais.

BROADCAST ou - **BROADCASTING** radiodifusão ou teletransmissão.

BURN-IN - imagem *fantasma*.

BURST - sinal utilizado para sincronizar as informações de cor do emissor com o receptor da imagem.

CAMERA HEAD - é o *chassi* da câmera contendo componentes eletrônicos, tubos e prisma, excluindo-se a lente, o *viewfinder* e acessórios.

CABEÇA DE VT - dispositivo que grava magneticamente os sinais na fita de *videoteipe*.

CAMCORDER - contração das palavras em inglês: *camera* e *recorder*. Câmera e gravador de vídeo em um só módulo.

CATV - abreviatura de Cable Television, televisão que hoje chamamos de tevê a cabo.

CCU - abreviatura de Camera Control Unit (Unidade de Controle de Câmera), aparelho interligado com a câmera destinado a ajustar níveis de vídeo, *pedestal*, cor, abertura de íris, *beam*, convergência, *shading* e outros, dependendo de modelos e tipos de câmeras.

CDR - abreviatura de Compact Disc Record, disco digital gravável.

CHROMA-KEY - efeito que consiste em inserir uma imagem sobre outra através do anulamento de uma cor padrão, como por exemplo o azul.

CLIP - imagem rápida, de curta duração.

CLIPPING - operação automática realizada por equipamentos de vídeo, retém os altos níveis de luminosidade.

COLOR BARS - ou CB, padrão de barras coloridas, de formato internacional, que serve para projetar circuitos eletrônicos de vídeo, para regular amplificadores de vídeo e para recalibrar monitores, câmeras etc. As barras coloridas, em preto e branco, dão uma reprodução tonal dos cinzas em escala crescente, começando pelo cinza mais claro, da cor amarela, passando pelas cores cian, verde, magenta, vermelha e azul (a mais escura), ladeadas por uma barra branca a 75% na extrema esquerda e uma barra preta na extrema direita.

COLOR FRAME - circuito eletrônico que permite o sincronismo das cores na edição.

COMPUTAÇÃO GRÁFICA - imagem sintetizada por computador que possui forma e movimento calculados automaticamente pelo computador.

CONTRA LUZ - luz oposta à *luz principal*, cuja a finalidade é dar contorno a figura iluminada proporcionando a noção de volume, destacando-a do fundo, dando a sensação de profundidade entre a figura iluminada e o cenário. A posição de altura da contra luz deverá estar entre 45 graus (para não ser captada pela lente da câmera) até 60 graus (se ultrapassar esse ângulo poderá começar a iluminar a frente da figura). Essas regras podem variar conforme as necessidades.

CONTROL TRACK - referência gravada na fita de videoteipe para que na reprodução, a cabeça do VT coincida com a posição original da gravação.

CRISTAL LÍQUIDO - líquido utilizado para substituir os sistemas de *tubos de imagem* em aparelhos de receptores de televisão.

CUBE SPIN - efeito digital que forma um cubo, tendo em cada uma de suas faces, uma imagem.

CUE - marcação destinada ao controle de início e término de uma gravação ou de trechos em videoteipe.

DAT - abreviatura de Digital Audio Tape, sistema de gravação de áudio digital.

DBS - abreviatura de Direct-to-home Broadcast Satellite, sistema em que o telespectador recebe sinal, através de *antena parabólica*, diretamente de um satélite de comunicação.

DC - abreviatura de Direct Current (Corrente Contínua), corrente elétrica fornecida através de baterias.

DTH - abreviatura de Direct-to-home, sistema em que o telespectador recebe sinal, através de antena parabólica ou cabo.

DECIBEL ou DB - medida que expressa relação de potência ou tensão.

DECODER - oposto ao *encoder*.

DEFINIÇÃO - qualificação dada à uma imagem quanto a referência de captação e reprodução de detalhes.

DICRÓICO - filtro que reflete ou refrata separadamente as cores.

DIGITAL - oposto ao *analógico*. Sistema que utiliza a forma binária (diz-se aquela que usa combinação dos números binários 1 e 0 alternadamente), de modo a manipular informações sem a perda de qualidade da mesma.

DIGITALIZADOR - aparelho que permite *digitalizar* uma imagem.

DIGITALIZAR - transformar informação *analógica* em *digital*.

DIGITAL-S - sistema desenvolvido pela JVC que utiliza a tecnologia *DV* gravando em fita *S-VHS*.

DOLBY - sistema que processa o áudio reduzindo os ruídos.

DOLLY - carrinho onde é fixado a câmera para a execução de movimentos suaves em qualquer direção.

DROP-OUT - ausência de óxido (seja ele de ferro ou croma) na fita de videoteipe, ocasionando pontos brancos na imagem.

DV - abreviatura de Digital Video, sistema de gravação digital de alta definição, desenvolvido pela união das empresas Hitachi, JVC, Mitsubishi, Panasonic, Sanyo, Sharp, Sony, Thompson, Toshiba e Philips, no final de 1993.

DVB - abreviatura de Digital Video Broadcasting.

DVCAM - sistema desenvolvido pela Sony que utiliza a tecnologia *DV*.

DVCPRO - sistema desenvolvido pela Panasonic que utiliza a tecnologia *DV*.

EDIÇÃO - montagem de áudio ou vídeo em que são decididas as ordens em que serão exibidas.

EDIÇÃO LINEAR - *edição* em que para a escolha das cenas, é necessário percorrer a fita.

EDIÇÃO NÃO-LINEAR - *edição* em que as cenas ou os trechos estão armazenados digitalmente no computador estando disponíveis imediatamente.

EIXO DE CÂMERA - regra utilizada que determina o deslocamento de uma câmera em um ângulo de 180 graus.

ENCODER - transformador de sinal de vídeo original (red, green e blue) em sinais de *luminância e crominância*

ENG - abreviatura de Electronic News Gathering (Captação Eletrônica de Notícias), termo usado para designar equipamentos portáteis para realizações de reportagens.

ESPELHOS DICRÓICOS - conjunto de espelhos em forma de *prisma* colocado no interior da câmera de vídeo para decompor a luz.

FANTASMA - duplicidade da imagem no televisor, pelos sinais recebidos serem refratados.

FAST FORWARD - adiantamento de uma fita. Tecla com a finalidade de adiantar a fita, ou bobiná-la do início para o fim, em aparelhos de áudio e vídeo.

FAST MOTION - exibição de uma cena ou imagem, com velocidade mais rápida que a original.

FEEDBACK - é o efeito provocado quando a câmera é direcionada para a tela do monitor que exibe a imagem que ela capta, mostrando uma espiral infinita que se modifica conforme movimenta-se a câmera. Ver *eco de imagem*.

FIELD - (campo) varredura de 262,5 linhas nos sistemas *PAL-M* e *NTSC*.

FRAME - (quadro) imagem eletrônica completa. O quadro é constituído por dois campos (*field*). Nos sistemas *PAL-M* e *NTSC* um quadro é formado por 525 linhas a uma *freqüência* de 60 Hz.

FRAME STORE - dispositivo que armazena *quadros* ou *frames* para exibí-los posteriormente.

FUNDO INFINITO - fundo de uma só cor em que seus ângulos são ocultados.

GERAÇÃO - indica cópia em que há perda de qualidade. A fita original designa-se por *master* ou *matriz*.

GERADOR DE CARACTERES ou GC - equipamento que permite pôr sobre as imagens, letras ou números.

GRANDE ANGULAR - lente com a capacidade de aumentar o ângulo de visão.

HDTV - abreviatura de High Definition Television, sistema de televisão com geração de imagens que possuem um número maior de linhas de definição e um quadro mais largo de relação ao padrões 3 X 4. Os sistemas desenvolvidos possuem a relação de quadro 14 X 9. O Japão desenvolveu um sistema com 1.125 linhas. Os Estados Unidos desenvolveu para 1050 linhas (525 X 2) e na Europa existe o de 1250 (625 X 2). Para uma questão de comparação o cinema conta com uma definição aproximada de 1064 linhas.

HERTZ - unidade de medida de ciclos, oscilações ou freqüências por segundo, descoberto pelo físico alemão Heinrich R. Hertz.

HI-8 - formato de videoteipe em a largura da fita é de 8mm.

HI-FI - abreviatura de High Fidelity, significa som de alta definição. Em equipamentos de videoteipe o som é gravado por cabeças giratórias iguais as de vídeo.

HZ - abreviatura de hertz.

ICONOSCÓPIO - o mesmo que *tubo de imagem*.

ILHA DE EDIÇÃO - sistema de interligação de aparelhos de videoteipes com finalidade de montar materiais gravados.

IMPEDÂNCIA - em elétrica, resistência medida em ohms.

INSERÇÃO OU INSERT - propriedade em edição de substituir ou acrescentar áudio e vídeo, juntos ou separados.

JITTER - instabilidade vertical na imagem causada pela variação da fita na passagem pela cabeça de vídeo.

LAG - persistência na imagem de áreas fortemente iluminadas. Ex: a câmera aponta diretamente a um refletor, depois voltado a um outro assunto, permanece com vestígios marcado pela luminosidade dos refletores durante certo tempo.

LED - abreviatura de Light Emitting Diode. Diodo que emite luz.

LINK - envio de vídeo e áudio sem utilização de cabos. Ex: microondas, satélite etc.

LIVE-ON-TAPE - programa gravado e apresentado sem edição.

LUZ DE CENÁRIO - luz destinada a iluminar o cenário.

LUZ PRINCIPAL - luz destinada a simular ou aumentar a intensidade de uma fonte de luz (janela, lustre etc.). A luz deve estar entre 25 a 45 graus de altura com relação a figura iluminada e frontalmente de 20 a 60 graus tanto para o lado direito quanto para o esquerdo. Essas regras podem variar conforme as necessidades.

LUZ SECUNDÁRIA - luz cuja função é diminuir o contraste da área iluminada e a sombra provocada pela *luz principal* sem nova sombra. A relação média do valor da secundária deverá ser de $\frac{1}{4}$ da principal. Essas regras podem variar conforme as necessidades.

MATIZ OU MASTER - o mesmo que cor.

MATRIZ - fita original de onde serão tiradas as cópias.

MATTE ou MATTING - inserção ou mascaramento.

MIRAGE - máquina de efeitos digitais fabricada pela *Quantel*.

MIX - contração de *mixagem*.

MIXAGEM - processo de mesclagem de duas ou mais fontes diferentes de áudio. Pode ser usada a mesma expressão para o vídeo (ver *fusão*).

MMDS - abreviatura de Multipoint Multichannel Distribution System, sistema de transmissão de canais por microondas, utilizado para tevê por assinatura.

MODEM - dispositivo que faz a conversão das informações dos computadores em sinal de áudio e vice-versa, podendo os dados serem transmitidos através de telefone.

MONITOR - aparelho que permite a imediata conferência dos sinais de áudio e vídeo a serem gravados ou transmitidos. Ex: fone de ouvido ou televisor.

NTSC - abreviatura de National Television System Committee ou como mostra em alguns glossários técnicos atuais National Television Standards Committee, padrão de televisão em cores desenvolvido nos Estados Unidos e adotado em diversos países, possuindo definição de 525 linhas em *freqüência* de 60 *hertz*. Entrou em funcionamento nos E.U.A. em 1953

OFF - em televisão é a locução sobre as imagens.

ORTHICON - *tubo analisador de imagem* da câmera, anterior ao *vidicon*.

PAL - abreviatura de Phase Alternation Line. Padrão alemão de codificação das cores em vídeo, baseado nos princípios do NTSC. Possui definição de 625 linhas a uma freqüência de 50 Hz. Dele variam os sistemas como: PAL-M, PAL-N, PAL-G. Entrou em funcionamento na Alemanha em 1967.

PAY-PER-VIEW - compra de um programa ou programação de específico de TV por assinatura.

PIXEL - abreviatura de Picture Element. Menor ponto da tela de vídeo. Na tevê, as cores são constituídas basicamente pelo vermelho, verde e azul (RGB).

PRESET - ajuste fixo das cores da câmera eletrônica (ajuste padrão).

QUALIDADE - BROADCASTING qualidade profissional.

RABO DE COMETA - rastro deixado pela luminosidade intensa quando a câmera em movimento passa por ela.

RAIOS CATÓDICOS - é formado por feixes de elétrons que partem do eletrodo negativo (catodo), e dirigem-se a uma superfície de íons positivos de sulfeto de zinco. Cada vez que uma partícula bate na superfície, um flash de luz é emitido.

REC - abreviatura de *record*, função de gravação em aparelho de áudio e vídeo.

RCU - abreviatura de Remote Control Unit (Unidade de Controle Remoto), aparelho interligado com a câmera destinado a ajustar níveis de vídeo, *pedestal*, cor, abertura de íris e outros, dependendo dos modelos e tipos de câmera.

REDE - conjunto de emissoras que transmitem a mesma programação de uma emissora geradora.

REDUÇÃO DA IMAGEM - compressão da imagem.

REPLAY - repetição da reprodução de algo gravado.

REW - abreviatura de *review*.

REVIEW - rever, tecla utilizada para rebobinar a fita em aparelhos de áudio e vídeo.

RGB - abreviatura de *red, green e blue* (vermelho, verde e azul); sistema de codificação das cores em vídeo.

ROLL-UP - efeito digital que faz com que a imagem plana se enrole, formando um tubo.

ROTAÇÃO - efeito digital que faz a imagem girar no próprio eixo.

RUÍDO - interferências registradas na gravação, transmissão ou reprodução do vídeo.

SAP - abreviatura de Second Audio Program, áudio secundário utilizado, geralmente, para ouvir o som original. Em outros países é utilizado para veicular notícias. É acessada por uma tecla no televisor.

SATURAÇÃO - intensidade forte de cor.

SEG - abreviatura de Special Effects Generator, nome genérico dado à máquina de efeitos especiais que também mixam imagens como o *switcher*.

SHF - abreviatura de Super High Frequency, frequências entre 3GHz e 30GHz.

SINAL - corrente elétrica que transporta as informações de vídeo e de áudio.

SINCRONIZAÇÃO - exata coincidência entre a imagem e o áudio.

SLOW MOTION - reprodução de uma imagem gravada em velocidade lenta.

SPIN - efeito digital que faz a imagem girar no eixo da profundidade.

SQUEEZOOM - efeito digital que expande ou comprime uma imagem, mostrando o movimento de transição.

STAND-BY - esperar. Expressão utilizada para designar: a) situação em que o equipamento está a espera de ser utilizado, b) situação que o equipamento semelhante está pronto para ser utilizado se por ventura houver defeito neste outro.

STEADICAM - espécie de colete com braço hidráulico para operador, que suporta a câmera promovendo imagens estáveis mesmo quando ele anda, corre ou se movimenta em várias direções.

STORYBOARD - estudo de planos a serem gravados encima de um texto.

SUB-CODE - Setor para a gravação de time-code no sistema DV (Digital Video).

SUPER VHS - adaptação para qualidade profissional, utilizando os moldes *VHS*.

SYNC - abreviatura de *synchronize*, controle do sincronismo vertical e horizontal das linhas de *varredura*.

SWITCHER - mesa de corte que seleciona imagem de várias fontes, sejam elas de câmeras, *VTs*, *telecine* etc.

TALKING HEAD - apelido dado aos apresentadores de jornais pelos americanos, pois o plano utilizado explora a cabeça e parte do tórax, deixando assim o resto de seus corpos incógnita.

TALLY - lâmpada vermelha que se acende quando a câmera que é escolhida entra no ar.

TELEPROMPTER - dispositivo que projeta o texto lido pelo apresentador de um programa de tevê.

TEMPO MORTO - tempo em que nada está acontecendo, aproveitando-se para os comerciais.

TIMING - é o senso de escolher a oportunidade e o tempo de duração de um determinado plano.

TRANSCODIFICADOR OU TRANSCODER - circuito que converte o sinal de vídeo de um padrão de cor para outro. Ex: transformar de *NTSC* em *PAL-M*.

TRILHA SONORA - músicas compostas especialmente, ou não, para programas, novelas e filmes.

TUBO DE IMAGEM - tem como princípio o *tubo de raios catódicos*.

TUBO DE RAIOS - CATÓDICOS instrumento com superfície fotossensível podendo ser varrida por feixe de elétrons que vem de um canhão eletrônico, sendo assim o princípio da produção e reprodução de imagem eletrônica.

UHF - abreviatura de Ultra High Frequency. Frequências de 300 até 3000 MHz que correspondem aos canais de 14 a 83.

VARREDURA - produção e distribuição de imagem eletrônica através de feixes de elétrons.

VARREDURA LENTA - a velocidade da produção e distribuição da imagem é mais lenta que a do vídeo convencional. Destina-se para a circulação através de canal telefônico ou radioamador.

VCR - abreviatura de Video Cassete Recorder, gravador e reproduzidor de vídeo que utiliza videocassete.

VHF - abreviatura de Very High Frequency, frequências que variam de 30 a 300 Mhz que correspondem aos canais de 2 a 13.

VHS - abreviatura de Video Home System, sistema de videocassete que utiliza fitas de meia polegada, usado muito por amadores.

VÍDEO-ARTE - produção artística em que o vídeo é usado como suporte, explorando os seus recursos.

VIDEO CLIP - curta duração onde há o sincronismo da imagem com um som ou música pré-existente.

VIDEO-TAPE - fita magnética em que é possível gravar áudio e vídeo. Pode também ser o nome da máquina gravadora.

VIEWFINDER - monitor de imagem acoplado à câmera para que o operador tenha noção do que ela está captando.

VINHETA - abertura e passagens de programa de curta duração.

VTR - abreviatura de Video Tape Record, gravador/reprodutor de vídeo.

ZOOM - lente que substitui várias, concentrando-as em uma só; abertura ou fechamento de um *quadro*.

ZOOM IN - termo usado para o fechamento do plano geral para o particular (close-up), utilizando a lente *zoom*.

ZOOM OUT - termo usado para a abertura do plano particular (close-up) ao geral, utilizando a lente *zoom*.

2.2 - Conceitos

Alguns conceitos sobre gíria, jargões, bordões, frases feitas e protocolos são importantes para que os jornalistas e futuros repórteres saibam como devem e se devem ser utilizados em uma reportagem em tempo real na TV.

Clichê: é o termo desgastado pelo uso excessivo na comunidade considerada. A qualificação de um termo como clichê é subjetiva. O que é clichê para um, pode não ser para outro. Clichê pode ser uma frase ou um fragmento de frase como por exemplo um substantivo e seu adjetivo, à qual se atribui um juízo estético negativo por julgá-la repetitiva e desgastada.

O que se julga como clichê não deve ser usado nos discursos. Uma questão vem ao se admitir a necessidade de eliminar o clichê do discurso: Frase feita é clichê?

Frase feita: é a frase que consagrada pelo uso se lexicalizou. Ela se repete em contextos semelhantes sem alterações, exceto, as de concordância sintática. Costuma ser exemplo de vivacidade popular na criação de ditos espirituosos.

A linha que separa o clichê da frase feita é tênue, em certos casos. No discurso espontâneo, a eliminação do clichê é difícil, tão impregnada deles está a língua. O critério da supressão do desgastado pode ser perigoso, pois não considera outros atributos de certos clichês como lirismo, humor, palpabilidade, atratividade, comunicabilidade, etc. Por outro lado, há clichês que são pedantes, de mau gosto, o que reforça a tese da eliminação.

Jargão: É a palavra, locução, frase feita ou outro signo de uso restrito a um grupo reduzido. O jargão é típico dos grupos profissionais, culturais e intelectuais e sua maior característica é a especificidade. É de uso corrente no grupo para o qual o referente que representa tem alto valor cultural. Para o resto da comunidade da língua seu uso e conhecimento é uma raridade.

Protocolo: Protocolos são frases de uso cerimonial. Por exemplo: “Bom-dia”, “Ave, César”, “Quebre a perna”. Quando se diz “bom-dia” a intenção nem sempre é desejar um bom dia ao receptor, mas apenas cumprir um cerimonial típico no estabelecimento do contato social. As frases cerimoniais são típicas para dados usos no convívio social. A função comunicativa pode estar presente num protocolo, mas sempre em caráter secundário. Via de regra, o protocolo é frase feita. Ocorre sem variações, exceto as necessárias à concordância gramatical. Os discursos administrativos sempre trazem exemplos fartos de protocolos. Ex.: “Nestes termos pede deferimento...”, “No aguardo de suas providências...”. “Meus protestos de elevada estima...”.

A origem dos protocolos comumente está no uso comunicativo. “Bom-dia”, por exemplo, se originou num enunciado comunicativo.

BIBLIOGRAFIA

1.1 Bibliografia Geral

- ABREU Jr., Laerte. **Conhecimento Transdisciplinar**, Piracicaba, Unimep, 1996.
- ADORNO, T.W. **Adorno**. São Paulo, Editora Ática, Col. Grandes Cientistas Sociais 54, 1986.
- ADORNO, T.W. & HORKHEIMER, M. - **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985.
- AGUIAR, Wilson. **Introdução à TV**. São Paulo, Habitat Editora, 1967.
- AOR DA CUNHA Albertino. **Telejornalismo**, São Paulo, Atlas, 1990.
- ARAÚJO, Emanuel. **A Construção do Livro**, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.
- ARBEX Jr, José. **Shownarlismo – a notícia como espetáculo**. São Paulo, Casa Amarela, 2001.
- BACCEGA, M. **Palavra e discurso**. São Paulo, Moderna, 1998.
- BAKHTIN, Mikhail. **A estética da criação verbal**. São Paulo, Martins Fontes, 2003
_____. **Marxismo e filosofia da linguagem, problemas fundamentais do método sociológico**, São Paulo, Hucitec, 2004.
- BARBEIRO, Heródoto & LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de radiojornalismo – Produção, ética e internet**. São Paulo, Campus, 2003.
- BARROS FILHO, C. **Ética na comunicação**. São Paulo, Summus, 2003.
_____. **Habitus na comunicação**. São Paulo, Paulus, 2003.
_____. **Reflexo de pauta: ética e habitus na produção da notícia**. Contracampo, n. 7 - 2 sem./2002.
- BARTHES, Roland. **Mitologias**, 8ª. ed., Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1989.
_____. **Elementos de Semiologia**. Lisboa: Edições 70, 1989.
- BAUDRILLARD, J. **Esquecer Foucault**. Rio de Janeiro, Ed. Rocco, 1984.
_____. **À Sombra das Maiorias Silenciosas**. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1985.
_____. **Simulacros e Simulação**. Lisboa, Relógio D'Água Editores, 1991.
_____. **O Sistema dos Objetos**. São Paulo, Ed. Perspectiva, 2ª Edição 1989, p.173-190.
_____. **A Sociedade de Consumo**. Lisboa, Edições 70, 1991
_____. **Simulacros e Simulação**. Lisboa, Relógio D'Água Editores, 1991,
- BENJAMIN, Walter. “A obra de arte na época de sua responsabilidade técnica”. In: Pereira Jr. **Decidindo o que é notícia: Os bastidores do telejornalismo**. 2ª edição – Porto Alegre – EDIPUCRS, 2001.

- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo, 2ª edição, Editora Martins Fontes, São Paulo, 2001.
- BOLAÑO, C. **Indústria Cultural: Informação e Capitalismo**. São Paulo, Ed. HUCITEC, 2000.
- BOUDON, Raymond. **Os Métodos em Sociologia**, São Paulo Ática, 1989.
 _____ . **Metodologia de las Ciencias Sociales II**, Barcelona, laia, 1982.
- BOUDON, Raymond & LAZARFELD, Paul. **Metodologia de Las Ciencias Sociales I** (Conceptos e índices), 2ª. ed., Barcelona Laia, 1979.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder Simbólico**, Lisboa, Difel, 1989.
 _____ . **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1996
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). **Pesquisa Participante**, 6ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1986.
- BUCCI, Eugênio & KEHL, Maria Rita. **Videologias**. São Paulo, Boitempo Editorial, 2004.
- BURKE, Peter, **Línguas e Jargões**, Editora da Unesp, São Paulo, 1996.
- BUZZI, Arcângelo R. **Introdução ao Pensar**, 13ª ed., Petrópolis, Vozes, 1984.
- CASTRO, Cláudio de Moura. **A Prática da Pesquisa**, São Paulo, MacGraw-Hill do Brasil, 1977.
- CARDOSO, Ruth (org.). **A Aventura Antropológica**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.
 _____ . **Novo Pacto da Ciência III – O Saber Plural**, São Paulo, ECA/USP, 1994.
- CARVALHO, Nelly, **Linguagem Jornalística, aspectos inovadores**, Secretaria de Educação de Pernambuco, Associação de Imprensa de Pernambuco, Recife, 1983.
- CHAUÍ, Marilena. **A nervura do real**. Companhia da Letras, São Paulo, 1.999.
- COELHO, Cláudio N.P. – “A Comunicação Virtual Segundo Lévy e Baudrillard: uma visão crítica” in **Communicare vol.2 no.1, 1º semestre de 2002**, p.117-126.
 _____ . - “O Conceito de Indústria Cultural e a Comunicação na Sociedade Contemporânea” in **Communicare vol.2 no.2, 2º semestre de 2002**, p.35-46
- COHN, G. **Sociologia da Comunicação**. São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1973.
- COHN, G. (org.) - **Comunicação e Indústria Cultural**. São Paulo, T.A. Queiroz, 5ª Edição, 1985.
 _____ . (org.) - Sociedade Global: cultura e religião. **Petrópolis: Editora Vozes, 1998, p.11-26**.
- COHN, G.. “A Atualidade do Conceito de Indústria Cultural”** in Alberto da Silva Moreira
- COUTINHO, Carlos Nelson. **Gramsci**. Porto Alegre, L & PM Editores, 1981.
- CUNHA, Albertino Aor da. **Telejornalismo**. São Paulo: 1990

- DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Lisboa, Edições Mobilis in Mobile, 1991.
_____. **A Sociedade do Espetáculo – Comentários Sobre a Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro, Ed. Contraponto, 1997.
- DEMO, Pedro. **Metodologia Científica em Ciências Sociais**, 3ª. Ed., São Paulo, Atlas, 1995.
- DIAS, Edmundo F. et alii. **O Outro Gramsci**. São Paulo, Xamã Editora, 1996.
- DUARTE, Rodrigo. **Teoria Crítica da Indústria Cultural**, Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2003.
- EAGLETON, Terry. **A Ideologia da Estética**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1993.
_____. **Ideologia**. São Paulo, Boitempo/Editora Unesp, 1997.
- ECO, Humberto. *Como se faz uma tese*. Tradução por Gilson Cezar Cardoso de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1998.
_____. **Semiótica e filosofia da linguagem**. Rio de Janeiro, Instituto Piaget, 1991.
- ERIBON, Didier. **Michel Foucault**. São Paulo, Cia das Letras, 1990.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis, Ed. Vozes, 1977
_____. **História da Sexualidade. Vol. I : A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro, Editora Graal, 1977.
_____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro, Editora Graal, 1979.
- GABLER, Neal. **Vida, o filme**. SP: Cia. das Letras, 1999.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**, São Paulo, Brasiliense, 1986.
_____. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**, 3ª ed., São Paulo, Atlas, 1996.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere. Vol. 1 : Introdução ao estudo da Filosofia. A Filosofia de Benedetto Croce**. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1999.
_____. **Cadernos do Cárcere. Vol. 2 : Os Intelectuais. O Princípio Educativo. Jornalismo**. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 2000.
- HELLER, Agnes, **O cotidiano e a história**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2000.
- HIRANO, Sedi (org.). **Pesquisa Social – Projeto e Planejamento 2ª ed., São Paulo**, T. A. Queiróz, 1988.
- JAMESON, Fredric. **Pós Modernismo**. SP:Ed. Ática, 2000.
- KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia**. Bauru, EDUSC, 2001.
- LABOV, William. **Modelos sociolinguísticos**. Madrid: Ediciones Cátedra S.A., 1983 (versão espanhola de Labov, 1972).

LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do Trabalho Científico**, 4ª ed., São Paulo, Atlas, 1992.

LEAL FILHO, Laurindo Lalo. **A Melhor TV do Mundo: o modelo britânico de televisão**, São Paulo: Summus, 1997

_____. **Atrás das Câmeras - Relações entre Cultura Estado e Televisão**. São Paulo, Summus editorial, 1988.

LIMA, Venício A . de. **Mídia: Teoria e Política**. São Paulo, Ed. Fundação Perseu Abramo , 2001.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo. **Pesquisa em comunicação. Formulação de um modelo metodológico**. São Paulo: Loyola, 1994. 148p.

MACEDO, Neusa Dias de. **Iniciação à pesquisa bibliográfica**. São Paulo: Loyola, 1994. 69p.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo, Senac, 2000

MARCUSE, Herbert. **Razão e Revolução**. Paz e Terra, 1978.

_____. **Tecnologia, Guerra e Fascismo**. Campinas, Ed. Hucitec, 1998.

_____. **Eros e Civilização**. RJ: LTC Editores, 1999.

_____. **A Dimensão Estética**. Lisboa, Edições 70, 1999.

_____. **Cultura e Sociedade vol. 1 e 2**. SP: Paz e Terra, 1998.

_____. “A Arte na Sociedade na Sociedade Unidimensional”, IN: **Teoria da Cultura de Massa**. Org. Luiz Costa Lima, RJ: Ed. Saga, 1969.

_____. **A Ideologia da Sociedade Industrial**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 4ª Edição, 1978.

MARTINS, Joel. **Subsídio para redação de dissertação de mestrado e tese de doutorado**. São Paulo: Ed. Moraes, 1991.

MATTELART, Armand & Michéle. **História das Teorias da Comunicação**. São Paulo, Edições Loyola, 1999.

MATTELART, Armand. **História da Sociedade da Informação**. São Paulo, Edições Loyola, 2002.

MELO, Hygina Bruzzi de. **A Cultura do Simulacro**. São Paulo, Edições Loyola, 1988.

MELO, José Marques de. **Pesquisa em Comunicação no Brasil: Tendências e Perspectivas**. São Paulo, Cortez / INTERCOM, 1983.

MÉSZÁROS, I. **O Poder da Ideologia**. São Paulo, Editora Ensaio, 1996.

MORAGAS SPA, Miquel de. **Teorias de la Comunicacion (investigaciones sobre Medios em América y Europa)**, 3ª ed., Barcelona, Gustavo Gili, 1981.

MORIN, Edgar. **O Problema Epistemológico da Complexidade**, Mem Martins (Portugal), Europa-América, 1984.

- _____. **O Método I: A Natureza da Natureza**, 3ª ed., Mem Martins (Portugal), Europa-América, 1991.
- _____. **O Método II: A Vida da Vida**, Mem Martins (Portugal), Europa-América, 1986.
- _____. **Para sair do Século XX**, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.
- _____. **Ciência com Consciência**, Mem Martins (Portugal), Europa-América, 1987.
- _____. **O Método III: O Conhecimento do Conhecimento**, Mem Martins (Portugal), Europa-América 1989.
- _____. **O Método IV: As Idéias**, Mem Martins (Portugal), Europa-América, 1991.
- _____. **O Paradigma Perdido: a Natureza Humana**, 5ª ed., Mem Martins (Portugal), Europa-América, 1991.

NUZZI, Erasmo de Freitas. **Meios de comunicação e a Constituição Federal de 1.988**. Ed. Plêiade, São Paulo, 1.998.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**, São Paulo, Brasiliense, 1985.

PATERNOSTRO, Vera Iris. **O texto na TV: Manual de Telejornalismo**. São Paulo, Campus, 1999.

PECHEUX, Michel. **Semântica e discurso**, São Paulo, Unicamp, 1995.

PIERCE, Charles Sanders. **Semiótica e Filosofia**. São Paulo: Cultrix, 1975.

_____. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1977

PINKER, Steve. **O instinto da linguagem: Como a mente cria a linguagem**. São Paulo, Brasiliense, 2002.

POSSENTI, Sírio. **Os Humores da Língua**, Editora Mercado das Letras, São Paulo, 2002

PRETI, Dino. **Análise de textos orais**. São Paulo: Humanitas, 1993.

_____. **Estudos de língua falada: variações e confrontos**. São Paulo: Humanitas, 1998,

RAMONET, Ignacio. **Propagandas Silenciosas**. Petrópolis, Ed. Vozes, 2002.

RAMOS, J.M.Ortiz. **Televisão, Publicidade e Cultura de Massas**. Petrópolis, Editora Vozes, 1995.

RUDIGER, Francisco. **Comunicação e Teoria Crítica da Sociedade**. Porto Alegre:

SALOMON, Délcio Vieira. **Como fazer uma Monografia**, São Paulo, Martins Fontes, 1995.

SARTRE, Jean-Paul. **Questão de Método**, São Paulo, Difel, 1966.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**., organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye, 1916. Trad de A. Chelini , José P. Paes e I. Blikstein. São Paulo: Cultrix; USP, 1983

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**, 20ª ed., São Paulo, Cortez, 1996.

SQUIRRA, Sebastião, **Aprender telejornalismo. Técnica e Produção**, São Paulo, Brasiliense, 2004

SODRÉ, Muniz, **O monopólio da fala**, São Paulo, Vozes, 2001.

TAYLOR, Chavegnagi, **Suivre une rele**, in: Critique, nº 579/580

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação**, São Paulo, Cortez, 1987.

WEBER, Max. **Sobre a Teoria das Ciências Sociais**, Lisboa, Presença, 1977.

ZAHAR, Jorge. **Jornal Nacional – a notícia faz história**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2004.

1.2 Consultas na Internet

NISKIER, Arnaldo apud. HELVECIA, Heloísa, Edição On-line da Folha de São Paulo, HOME-PAGE : www.verdestrigos.com.br/sitenovo/site/cronica_ver.asp?id=588, São Paulo, 2001

PRETI, Dino apud HELVECIA, Heloísa, Edição On-line da Folha de São Paulo, HOME-PAGE : www.verdestrigos.com.br/sitenovo/site/cronica_ver.asp?id=588, São Paulo, 2001

HOME-PAGE: www.houaiss.com/acess

HOME-PAGE : http://www2.correioweb.com.br/cw/EDICAO_20020417/vid_mat_170402_122.htm

HOME-PAGE : <http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u468.shtml>

HOME-PAGE : www.globo.com

HOME-PAGE : www.redetv.com.br

HOME-PAGE : www.rederecord.com.br

HOME-PAGE : www.tve.com.br

HOME-PAGE:

<http://www.valoronline.com.br/valoreconomico/285/primeirocaderno/Violencia+e+medo+param+Sao+Paulo,,,62,3686364.html> – acesso 14/07/2006 – 16h31

HOME-PAGE: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ombudsman/criticadiaria/ult2114u388.shtml> – acesso 14/07/2006 – 16h29